



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais



Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem

Raquel Nunes Noronha

***MELHOR DO QUE COMPRAR SAPATOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
DOS ACONSELHAMENTOS DE CRISTIANE CARDOSO NO ÂMBITO
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS***

Mariana

2020

Raquel Nunes Noronha

***MELHOR DO QUE COMPRAR SAPATOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
DOS ACONSELHAMENTOS DE CRISTIANE CARDOSO NO ÂMBITO
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Melliandro Mendes Galinari.

Mariana

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N852m Noronha, Raquel Nunes .

Melhor do que comprar sapatos [manuscrito]: uma análise discursiva dos aconselhamentos de Cristiane Cardoso no âmbito da Igreja Universal do Reino de Deus. / Raquel Nunes Noronha. - 2020.

169 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Melliandro Mendes Galinari .

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Cardoso, Cristiane . 2. Análise do discurso . 3. Mulheres. 4. Igreja Universal do Reino de Deus . I. Galinari , Melliandro Mendes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 81'42(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Paulo Vitor Oliveira - CRB6 / 2551



FOLHA DE APROVAÇÃO

Raquel Nunes Noronha

Melhor do que Comprar Sapatos: uma análise discursiva dos aconselhamentos de Cristiane Cardoso no âmbito da Igreja Universal do Reino de Deus

Membros da banca

Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima - UFMG

Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz - UFOP

Prof. Dr. Melliandro Mendes Galinari - UFOP

Versão final

Aprovado em 15 de maio de 2020

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Melliandro Mendes Galinari



Documento assinado eletronicamente por **Melliandro Mendes Galinari**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 25/08/2020, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0077289** e o código CRC **1E613D9B**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas oportunidades e por todas as pessoas incríveis que Ele colocou em minha vida, as quais me ajudaram a chegar até aqui.

Ao meu marido, Felipe, que já está em minha vida há dez maravilhosos anos e sempre acreditou em mim e me ajudou em tudo. Agradeço pelo companheirismo, pela paciência de me ouvir falando sobre as mesmas coisas milhões de vezes, por seu colo e por ser meu abrigo nos momentos de choro e desespero (que não foram poucos). Sem você nada disso seria possível.

Aos meus pais, Aparecida e Crispim; às minhas irmãs biológicas, Renata e Rafaela; às minhas irmãs do coração Rayani e Taynara; aos meus sobrinhos, Marquinho e Lucca; aos meus sogros, Celestino e Márcia; e ao meu cunhado, Lucas. Agradeço a vocês por serem meu maior bem nessa terra, pela torcida, por acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditava, pelas orações e por me proporcionarem momentos de descontração, tranquilidade e paz em meio a um turbilhão de emoções ao longo desses dois anos.

À amiga Allana, por se dispor a ouvir minhas inúmeras reclamações, a secar minhas lágrimas em muitos momentos, a me aconselhar com sua serenidade inabalável e por ter orado por mim, mesmo me conhecendo há tão pouco tempo. Sua presença em minha vida foi crucial para a conclusão desta caminhada.

À Dâmares e à Natasha, amigas que o mestrado me deu de presente. A essa primeira, pela parceria e conexão desde o primeiro momento, pelo apoio emocional, pelos estudos, pelas tardes na biblioteca, pelo incentivo, pelas risadas durante as conversas mais idiotas do mundo, pelas conversas sérias que tivemos sentadas nas pedras do ICESA, por toda ajuda e por todo conhecimento compartilhado, os quais me fizeram aprender e vencer algumas dificuldades. Amiga, não sei como seria esse Mestrado sem você! Muito obrigada! A esse segunda, por me ensinar tantas coisas novas e um modo diferente de ver o mundo. Aprendi muito em sua companhia nesses dois anos. Agradeço pelo apoio psicológico, pela ajuda nos trabalhos, pelas longas conversas, pelo respeito, pelo apoio técnico e pelas dicas de moda e cuidados com a pele. Meninas, amo muito vocês e, ainda que estejamos longe, sempre levarei vocês em meu coração.

Aos demais colegas do Mestrado, pelas vivências e pelo apoio. Aos professores do PosLetras, pelos conhecimentos compartilhados. Aos funcionários do ICHS. Ao meu orientador, Melliandro, pelas leituras e contribuições. À banca examinadora, composta pela professora Kassandra Muniz e pela professora Helcira, por aceitar contribuir com este trabalho. À CAPES e à UFOP, pelo apoio financeiro.

“Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas.”

Romanos 2:11

RESUMO

Com a presente pesquisa, tivemos o objetivo de identificar, no livro *Melhor do que comprar sapatos*, de Cristiane Cardoso, a propriedade do *logos* de orientar retoricamente o auditório para certas representações *dóxicas* sobre a mulher e seu papel, assim como de produzir, na enunciação, um determinado *ethos* como efeito possível, a partir dos pressupostos teóricos propostos por Amossy (2018). Trata-se de verificar, por meio de recursos linguístico-discursivos, como se dá essa construção de imagem da mulher ideal, as imagens de si de Cristiane Cardoso e a maneira como essas imagens corroboram a empreitada de persuasão. Na Análise do Discurso, acreditamos que existe uma profunda relação entre a linguagem e o contexto sócio-histórico em que ela se insere e também que os discursos não podem ser conhecidos ou analisados sem que se considerem as circunstâncias em que foram produzidos. Nesse sentido, buscamos, para melhor compreender o nosso *corpus*, localizar o neopentecostalismo e a Igreja Universal do Reino de Deus, no âmbito das igrejas protestantes, e destacar as principais características dessa instituição, com o apoio de trabalhos do campo da Sociologia. Além disso, procuramos evidenciar de que maneira a identidade feminina é construída, no meio protestante, no universo bíblico. Por fim, na Igreja Universal, observando suas continuidades e rupturas provocadas pela Teologia da Prosperidade, também falamos sobre a “Teologia Feminista”, que tem surgido recentemente, a fim de verificar se esse segmento tem contribuído ou não para as transformações na maneira como a mulher é vista e tratada no meio cristão. Para a análise propriamente dita, à luz da Análise do Discurso e da Análise Argumentativa do Discurso, retomamos dois fundamentos aristotélicos: o *ethos* e o *logos*, interpretando-os a partir de pesquisas mais recentes, tais como Amossy (2018) e Galinari (2011). Por meio das análises, foi possível perceber que o discurso de Cristiane Cardoso constrói representações conservadoras do feminino, porém, com algumas fissuras nessas representações. Esses discursos valorizam prioritariamente antigos padrões de comportamento esperados das mulheres pela igreja e pela sociedade machista, ao mesmo tempo em que apresenta de modo desigual um discurso de emancipação financeira, que gera uma aparência de modernidade, provocado pelos valores capitalistas presentes na Teologia da Prosperidade, principal ensinamento da Igreja Universal. Portanto, o *ethos* de Cristiane Cardoso se arquiteta de igual modo com essas fissuras, refletindo, assim, a imagem de mulher desejada pela igreja à qual pertence, que apresenta conservadorismo em relação ao papel da mulher e traços de ilusória modernidade. Sem que haja um equilíbrio entre esses discursos, essa aparente modernidade aparece apenas para atender às demandas do capitalismo intrínsecos à Teologia da Prosperidade.

Palavras-chave: Discurso Religioso. Mulher. Igreja Universal do Reino de Deus. Argumentação.

ABSTRACT

This research aimed to identify, in the book *Better Than a New Pair of Shoes*, by Cristiane Cardoso, the property of the *logos* to rhetorically guide the audience towards certain toxic representations about women and their role as well as to produce, in the enunciation, a certain *ethos* as a possible effect, based on the theoretical assumptions proposed by Amossy (2018). It is about verifying, through discursive-linguistic resources, how this image building of the ideal woman happens, Cristiane Cardoso's images of herself, and the way these images corroborate the persuasion attempt. The Discourse Analysis believes that there is a deep relationship between language and the socio-historical context in which it is inserted and that the speeches cannot be known or analyzed without considering the circumstances in which they were produced. Thus, in order to better understand our corpus, we located the neo-Pentecostalism and the Universal Church of the Kingdom of God within Protestant churches, and we highlighted the main characteristics of this institution with the support of Sociology works. In addition, we sought to show how female identity is constructed in the biblical universe, in the Protestant environment, and eventually in Universal Church, observing its continuities and discontinuities as well as the contributions by the Prosperity Theory. We also mention the “feminist Theology”, which has is recently, in order to verify if this segment has contributed or not to the changes in the way women are seen and treated in the Christian environment. For the analysis itself, in the light of Discourse Analysis and argumentative discourse analysis, we took up some Aristotelian foundations, *ethos* and *logos*, interpreting them from the perspective of more recent researches, such as Amossy (2018) and Galinari (2011). Through the analysis, it was possible to notice that Cristiane Cardoso's speech builds conservative representations of the female gender, although we can find some cracks in these representations. These speeches value mostly old patterns of behaviors expected from women by the Church and the sexist society while presenting an uneven speech of financial emancipation—which sounds modern—arose from the capitalist values present in the Prosperity Theology, the main lesson of Universal Church. Therefore, Cristiane Cardoso's *ethos* is built with these same cracks in a conflicting and fragmented way, thus reflecting the contradictions of the church with which she belongs, which is conservative about women's role and presents trails of misleading modernity. With no balance between these speeches, the apparent modernity comes up only to meet the demands of capitalism within the Prosperity Theology.

Keywords: Religious discourse. Woman. Universal Church of the Kingdom of God. Argumentation.

LISTA DE SIGLAS

CCB – Congregação Cristã no Brasil

AD – Assembleia de Deus

ADs – Assembleias de Deus (Referindo-se às diversas cisões da igreja, que mantêm o nome, apesar de não terem nenhuma relação institucional)

AEvB – Associação Evangélica Brasileira

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PTB RJ – Partido Trabalhista Brasileiro do Rio de Janeiro

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

USP – Universidade de São Paulo

AD – Análise do Discurso

AAD – Análise Argumentativa do Discurso

MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comentários do <i>Instagram</i> sobre Cristiane.....	107
Figura 2 – Comentários do <i>Instagram</i> sobre o casal	107
Figura 3 – Vestuário de Cristiane Cardoso.....	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais diferenças entre católicos e protestantes.....	22
Tabela 2 – Principais diferenças entre Igrejas Tradicionais e Igrejas Pentecostais.....	26
Tabela 3 – Principais características das ondas do pentecostalismo brasileiro	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. DAS ORIGENS DO PROTESTANTISMO AO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....	19
1.1. As condições de produção	19
1.2. Uma mudança radical no campo religioso: a Reforma Protestante	20
1.3. Uma nova divisão acontece: o pentecostalismo	23
1.4. O pentecostalismo brasileiro.....	28
1.4.1. As três ondas do pentecostalismo brasileiro.....	29
1.5. O neopentecostalismo	30
1.6. A Igreja Universal do Reino de Deus: origem, organização e Teologia	34
1.6.1. A Teologia Iurdiana.....	37
1.6.2. A Liturgia Iurdiana.....	41
2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	42
2.1. O papel da mulher no mundo bíblico.....	42
2.2. A mulher nas igrejas protestantes: Há algum deslocamento?.....	50
2.3. A mulher Universal: entre a submissão comportamental e a emancipação financeira 57	
3. A ARGUMENTAÇÃO NOS ACONSELHAMENTOS DE CRISTIANE CARDOSO ..	69
3.1. A análise argumentativa do discurso	69
3.2. A dimensão do <i>logos</i> : discurso e estrutura	74
3.3. A dimensão do <i>ethos</i> na argumentação.....	78
3.4. A projeção da mulher ideal construída pelo <i>logos</i>	80
3.4.1. Mãe e dona de casa.....	81
3.4.2. Submissa e auxiliadora	89
3.4.3. Dócil, discreta e graciosa.....	99
3.5. O <i>ethos</i> de Cristiane Cardoso: mulher e “pastora” na Igreja Universal do Reino de Deus? 105	
3.5.1. A autora e seu <i>ethos</i> prévio	105
3.5.2. A construção discursiva do <i>ethos</i> de Cristiane Cardoso.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	122
ANEXO 1 – O valor de uma mulher	128

ANEXO 2 – Voltando para o seu lugar	131
ANEXO 3 – Toda beleza do mundo.....	133
ANEXO 4 – O erro de Eva.....	135
ANEXO 5 – A fêmea parasita	137
ANEXO 6 – De salto alto	139
ANEXO 7 – Fechada por tempo indeterminado	141
ANEXO 8 – Beleza sem sentido	143
ANEXO 9 – A mulher graciosa.....	145
ANEXO 10 – Onde foi que eu errei?	147
ANEXO 11 – A mulher em você.....	149
ANEXO 12 – Sensível.....	151
ANEXO 13 – A primeira impressão	153
ANEXO 14 – Vestida para a própria ruína.....	155
ANEXO 15 – Namoro cristão: o que é certo e o que é errado?	157
ANEXO 16 – A auxiliadora	159
ANEXO 17 – Há limitações para a submissão?	161
ANEXO 18 – A base do seu casamento	163
ANEXO 19 – Erros típicos dela	165
ANEXO 20 – A casa dos sonhos.....	168

INTRODUÇÃO

Em nossa cultura, a Igreja é vista como um dos mais importantes pilares da sociedade, pois é responsável pela difusão e reprodução de uma série de valores, até mesmo em meios não religiosos. Ao longo da história, as religiões se tornaram um todo organizado e administrativo da fé, colocando-se como portadoras do conhecimento sobre a divindade e, ao mesmo tempo, como suas porta-vozes. Como afirma Silva (2007, p. 62), “falar em nome de Deus, um ser tão onipotente, conferiu às religiões um poder fantástico, que lhes possibilitou durante muito tempo determinar e orientar a vida política, social, econômica, cultural e moral das sociedades”.

Durante os períodos Colonial e Imperial, a única religião oficialmente aceita no Brasil foi o Catolicismo, o qual era estritamente ligado à política, principalmente devido a um acordo traçado entre o papado e a Coroa Portuguesa. Tal acordo previa que todas as terras conquistadas por Portugal fossem catequizadas, desde que as igrejas, os religiosos e todos os ensinamentos se submetessem à Coroa Portuguesa em termos de autoridade, de administração e de gerência financeira¹. Nesse período, o Estado

regulou com mão de ferro o campo religioso, concedeu-lhe monopólio religioso, subvencionou-o, reprimiu as crenças e práticas religiosas de índios e escravos negros e impediu a entrada de religiões concorrentes, sobretudo a protestante e seu livre exercício no país. (MARIANO, 2011, p. 127).

Foi somente a partir da Proclamação da República, em 1889, que o Governo decretou e oficializou a separação entre Igreja e Estado, instituindo a liberdade de culto, sendo o Brasil declarado um Estado laico, ou seja, sem vínculo religioso. Esse momento, apesar de a Igreja Católica continuar possuindo certos privilégios diante do Estado, possibilitou o desenvolvimento de novas religiões não católicas no Brasil, como a religião protestante, por exemplo. (MARIANO, 2011).

As igrejas cristãs protestantes têm sua origem a partir do movimento iniciado pelo monge alemão Martinho Lutero, em 31 de outubro de 1517, quando ele afixou suas 95 teses na porta da catedral de Wittenberg. A intenção de Lutero, com isso, era apontar falhas e contradições da Igreja Católica. A partir dessa iniciativa, outros líderes iniciaram ações que culminaram na chamada Reforma Protestante, movimento que gerou a divisão entre Igreja Católica e igrejas protestantes. A partir do tronco protestante antipapal, surgiram dezenas de denominações (VALENTIN, 2010), entre as quais está o pentecostalismo, vertente que

¹ Informações disponíveis em: http://www.portalbrasil.net/religiao_catolicismo.htm. Acesso em: 07 jun. 2017.

surgiu nos Estados Unidos nos anos 1900, sobre a qual discorreremos mais detalhadamente no primeiro capítulo desta dissertação. A corrente pentecostal trouxe certas mudanças ao Protestantismo; a principal delas é a crença de que o Espírito Santo continua a se manifestar nos dias de hoje². Dessa crença, originam-se as práticas de cura, profecia, exorcismos, entre outras.

Mais recentemente, em 1971, nasceu o novo pentecostalismo, ou neopentecostalismo, uma nova vertente protestante que traz algumas atualizações ao pentecostalismo:

O movimento neopentecostal se difere do pentecostalismo tradicional, principalmente por incentivar o fiel a buscar a prosperidade em lugar da graça. Seus rituais são grandiosos e pomposos, e não dispensam curas milagrosas e exorcismos. Além disso, grande parte das igrejas neopentecostais não são muito rígidas no que diz respeito aos hábitos e costumes de seus fiéis. Algumas delas mantêm forte presença na mídia eletrônica, controlando a programação – e, às vezes, as finanças, de centenas de emissoras de rádio e televisão Brasil afora. (SILVA, 2014, p. 12).

Silva (2014) pontua que uma característica básica da fé cristã é, além da doutrinação religiosa, a doutrinação moral. A igreja estabelece comportamentos que considera adequados e ensina o repúdio a comportamentos “pecaminosos”. Ainda hoje, o discurso religioso é responsável pela difusão e reprodução de uma série de valores na sociedade. Entre eles, estão as questões relacionadas ao comportamento feminino, ultrapassando a orientação espiritual e ditando normas de conduta às mulheres. Muitas vezes, tais ensinamentos representam uma regressão em relação às conquistas femininas, as quais foram garantidas com muita luta ao longo dos anos.

Apesar de vivermos em uma época mais livre, em que já podem ser notados importantes avanços no que diz respeito aos direitos da mulher em comparação ao século passado, muitas igrejas cristãs ainda possuem discursos bastante conservadores relativos a comportamentos esperados das mulheres. Por isso, eu, como mulher, pesquisadora e cristã protestante que não abre mão de sua religiosidade, mas que, por outro lado, se incomoda com a maneira como as questões de gênero são tratadas neste âmbito e deseja que se ampliem as discussões em torno das convenções sobre gênero dentro das igrejas cristãs, a fim de que se torne realidade a igualdade entre homens e mulheres, proponho, neste trabalho, a análise do discurso de uma igreja que, com grande poder midiático, promove esses discursos sobre os papéis da mulher que permeiam o meio cristão protestante, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

² Os cristãos acreditam na Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Na fé cristã, o Espírito Santo é o espírito do próprio Deus e é a única força da Trindade que tem contato com os seres humanos na Terra. Dessa forma, os milagres ocorrem graças à ação do Espírito Santo.

Essa igreja foi fundada em 1977, por Edir Macedo, em conjunto com outros pastores, sendo atualmente comandada apenas por este primeiro³, cuja filha, Cristiane Cardoso, é uma das mais famosas propagadoras das doutrinas da igreja. Cristiane se intitula pesquisadora do comportamento feminino e de relacionamentos; é palestrante; apresenta, em parceria com o marido, o programa *The Love School*, exibido na Rede Record de Televisão aos sábados; é colunista do *site* oficial da IURD, no qual publica textos direcionados às mulheres; além de ser autora de diversos livros, como *Melhor do que comprar sapatos* (2007) e *A mulher V – Moderna, à moda antiga* (2010). Percebe-se, então, a variedade de formas encontradas por Cristiane para dispor de estratégias para evangelizar o público feminino, o que resulta em uma grande popularidade.

Diante disso, nosso trabalho se justifica, pois o discurso religioso, por falar em nome de um Deus que não deve ser questionado, ainda hoje, é capaz de ditar regras sobre variadas questões da sociedade, influenciando muitos aspectos na vida dos fiéis e promovendo a manutenção e a revisão de valores e comportamentos em nossa sociedade, rompendo os limites dos templos e orientando até mesmo questões relacionadas à política, à legislação e a outros âmbitos da vida pública. Diante desse amplo alcance, é de extrema importância que se estude o discurso religioso, principalmente no que concerne às estratégias discursivas levadas a cabo por líderes religiosos.

Devido à importância do discurso religioso, muitas são as áreas que têm se dedicado a estudar o campo religioso e seus discursos a fim de compreender sua expansão e a crescente influência que exerce nos meios sociais, como é o caso da IURD, cujo número de fiéis tem crescido assustadoramente nos últimos tempos, chegando a 7 milhões de seguidores no Brasil⁴. A organização religiosa tem, ainda, forte participação na vida política do país, apresentando e elegendo seus próprios candidatos, além de estar presente na mídia nacional e de ser detentora de emissoras de TV e rádio.

No entanto, Mainguenu (2008) chama a atenção para o fato de que, embora o discurso religioso pertença a um *corpora* de prestígio, ainda carece de mais estudos que se dediquem a analisá-lo na perspectiva discursiva, ou seja, que investiguem como se dão linguístico-discursivamente a construção de sentidos e os possíveis efeitos que essas construções podem gerar naqueles que ouvem e leem esses discursos. O autor afirma que, apesar do pouco interesse manifestado pelos analistas do discurso quanto ao discurso religioso, é de extrema importância

³ No capítulo 1, discutiremos mais profundamente sobre a fundação da IURD.

⁴ Informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1899617-igreja-universal-faz-40-anos-e-realiza-sonho-de-alcancar-classe-media-alta.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2018.

que a Análise do Discurso (AD) se debruce mais sobre esse campo discursivo, pois “a pregação religiosa nunca teve um alcance tão grande, a ponto de ‘contaminar’ uma parte considerável do discurso político no mundo contemporâneo”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 200).

Sendo assim, essa pesquisa é relevante uma vez que propõe uma análise do discurso religioso que se integra ao campo teórico e epistemológico dos estudos retórico-discursivos. Assim, é a partir dela que analisamos nosso *corpus*, a fim de compreender a representação de mulher construída linguisticamente no discurso de Cristiane Cardoso – por meio de elementos dispostos na língua (conectivos, índices de modalização, termos de referenciação, etc.) –, bem como de verificar os efeitos possíveis que esses procedimentos discursivos podem causar sobre a instância de recepção.

Além disso, buscamos, especificamente, identificar a postura do discurso religioso diante de questões relacionadas à mulher, o que possibilita compreender como essa vem sendo retratada em um discurso tão influente como o religioso e quais são as estratégias discursivas utilizadas para conquistar a adesão das fiéis. Ademais, neste trabalho, procuramos analisar o livro *Melhor do que comprar sapatos*, no qual Cristiane promete às mulheres: “Ao fim do livro, você será uma mulher muito mais bela e capaz”. (CARDOSO, 2011, p. 10).

Apesar do discurso de Cristiane ser importante por ter, como instância produtora, uma mulher que se porta como representante de Deus para ensinar outras mulheres a se comportarem, além de ser muito popular nesse seguimento, posto que sua página do *Facebook* em conjunto com o marido possui 3.600.697 seguidores e a do *Instagram*, 1.000.000, poucos são os trabalhos em AD que se propuseram a analisar o discurso dela, sendo este muito estudado no campo das Ciências Sociais, da Religião, da Antropologia e das Ciências da Comunicação. No campo da AD, é importante ressaltar o trabalho desenvolvido pela pesquisadora Bárbara Amaral da Silva, que culminou no livro *De deusas a bruxas: um estudo introdutório* e na dissertação de mestrado intitulada *A construção argumentativa da mulher V: um modelo a ser seguido*, no qual Silva (2015) analisa, na perspectiva da argumentação, o livro *Mulher V*, de Cristiane Cardoso, que serviu de suporte para o desenvolvimento deste trabalho. Nesse sentido, nossa pesquisa não só agrega aos estudos de AD voltados à religião e que se debruçam especificamente sobre a IURD, mas também se diferencia de outras, pois analisa o discurso, em uma perspectiva retórico-discursiva, de um livro constituído por textos independentes que foram pensados para a internet, já que ele é uma compilação de textos publicados anteriormente no extinto *blog* da Cristiane Cardoso, o que possibilitou que alcançassem maior número de pessoas.

Sendo assim, tivemos como objetivo, neste trabalho, por meio do instrumental teórico e metodológico sobre a argumentação proposto por Amossy (2018) e Galinari (2011), analisar, no livro *Melhor do que comprar sapatos*, de Cristiane Cardoso, a propriedade do *logos* (ou discurso) de tanto orientar retoricamente o auditório para certas representações *dóxicas* da mulher, para o seu papel, para as tensões e para as fissuras possíveis nessas representações, quanto de produzir, na enunciação, um determinado *ethos* como efeito possível, levando em consideração as condições de produção desses discursos.

A obra analisada é uma compilação de artigos publicados anteriormente no extinto *blog* de Cristiane Cardoso, que ensinava sobre o comportamento feminino (o papel da mulher como mãe, esposa e cristã), assim como sobre vestuário, beleza e vida sentimental, ajudando as mulheres, segundo ela, a serem melhores em todos os sentidos de sua vida. O livro, que é composto por 118 aconselhamentos, é dividido em duas partes. A primeira delas, denominada “De dentro pra fora”, contém textos que tratam de questões espirituais e emocionais da mulher que não se desvinculam da doutrinação moral do comportamento feminino, sendo apenas mais brandos; já a segunda parte, “De solteira à vida de casada”, traz textos voltados mais especificamente à doutrinação moral do comportamento feminino. Diante de nossos objetivos, selecionamos 20 textos (anexos) que trazem colocações sobre o gênero feminino em diferentes âmbitos e fomentam o estudo crítico e a problematização da imposição de determinados papéis à mulher na sociedade moderna, sendo dez textos da primeira parte e dez da segunda.

Quanto à estrutura deste trabalho, convém pontuar que o texto está organizado em três capítulos. Acreditamos que existe uma profunda relação entre a linguagem e o contexto sócio-histórico em que ela se insere. Dessa forma, os discursos não podem ser conhecidos ou analisados sem que se considerem as circunstâncias em que foram produzidos, fazendo-se necessário descrever as condições de produção do discurso a ser analisado. Por isso, no primeiro capítulo, intitulado “Das origens do Protestantismo ao neopentecostalismo brasileiro”, cumpre-se o objetivo de apontar o contexto sócio-histórico e cultural mais amplo da obra *Melhor do que comprar sapatos*. Para tanto, traçamos um percurso histórico que remonta brevemente às origens do Protestantismo, às suas modificações e cisões até à formação do neopentecostalismo, vertente na qual Cristiane Cardoso está inserida. Além disso, tratamos da constituição da IURD e de principais características, de modo a facilitar a compreensão do contexto imediato de produção da obra. Para isso, nos baseamos em estudos do campo da Sociologia e das Ciências da Religião, tais como os de Ferrari (2007), Mariano (1999; 2001; 2018), Gonçalves (2013), entre outros.

O segundo capítulo, “A construção da identidade feminina na Igreja Universal do Reino de Deus”, por sua vez, apresenta um breve resgate do papel feminino no universo bíblico e no universo cristão protestante, a fim de favorecer o entendimento sobre quais práticas discursivas, que constroem continuamente a identidade de gênero, estão presentes nos aconselhamentos de Cristiane Cardoso. O capítulo ainda traz a proposta de interpretação bíblica baseada na Teologia Feminista, com o fito de verificar se essa Teologia vem influenciando as igrejas protestantes, especialmente a IURD. Por fim, apresentamos, por meio de diversos discursos da IURD, a maneira como a instituição enxerga e representa a mulher; as tensões e os conflitos nessa representação; e as continuidades e as possíveis fissuras sobre as relações de gênero entre as igrejas mais tradicionais e a IURD, com o propósito de compreendermos as condições mais amplas do discurso de Cristiane Cardoso.

Por fim, no capítulo 3, “A argumentação nos aconselhamentos de Cristiane Cardoso”, discorreremos sobre alguns conceitos teóricos da Análise Argumentativa do Discurso (AAD) de Amossy, como a leitura proposta por ela dos conceitos aristotélicos de *ethos* e *logos*, e os conceitos de “discurso” e de “linguagem” de Orlandi. Em seguida, apresentamos a análise dos discursos de Cristiane Cardoso publicados no livro *Melhor do que comprar sapatos*, com base nas condições de produção mais amplas e mais específicas expostas nos capítulos 1 e 2 desta dissertação. Nessa análise, buscamos depreender, a partir da materialidade linguística de nosso objeto, quais imagens da mulher foram construídas pelo *logos* e seus possíveis efeitos retóricos, bem como procuramos perceber de que forma Cristiane Cardoso elabora discursivamente seu *ethos*, como modelo a ser seguido nesses discursos, e os possíveis efeitos dessa construção.

1. DAS ORIGENS DO PROTESTANTISMO AO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO

1.1. As condições de produção

Antes de adentrarmos no tema deste capítulo, vale ressaltar que ele tem como objetivo evidenciar as condições de produção do discurso de Cristiane Cardoso. E assim também o faz o capítulo 2. Diante disso, cabe explicitar o conceito de “condições de produção”, de Michel Pêcheux. Para ele, a concepção de “condições de produção” possui lugar de destaque, uma vez que se torna impossível conferir ao sujeito a elaboração autônoma de suas falas, já que ele não pode ser considerado a origem do discurso. Isso porque, para Pêcheux, o sujeito é um efeito ideológico elementar, resultado da interpelação que recebe das ideologias dominantes em seu meio social. Sendo assim, o desenvolvimento da produção do discurso é definido pelo autor como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. (PÊCHEUX, 1997, p. 54). As “circunstâncias” de um discurso são suas condições de produção. Logo, o processo de produção do discurso é o conjunto de mecanismos formais que formam um discurso de um tipo dado em condições de produção dadas:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está ‘isolado’, etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para ‘dar o troco’, o que é uma outra forma de ação política. (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Isto é, as condições de produção do discurso combinam o jogo de imagens no qual o sujeito está inserido, as formações imaginárias⁵ a respeito de sua própria posição e da posição do outro e a situação concreta historicamente determinada. O pertencimento do sujeito a um espaço socioideológico o coloca em um campo de posições que lhe dá determinadas possibilidades de fala que podem variar de acordo com seu posicionamento em relação às formações ideológicas. Somadas a isso, a tramitação e a transição do sujeito por diferentes formações discursivas o colocam em um campo enunciativo daquilo que, na prática, pode ser

⁵ O conceito de “formações imaginárias” está relacionado ao de “condições de produção” e diz respeito às imagens ou representações que os elementos A e B fazem de si e do objeto do discurso nos processos discursivos, representações estas que estão atreladas a lugares sociais/ideológicos.

dito. Dessa forma, as condições de produção envolvem o sujeito e suas contradições, que se impõem nos esquecimentos e em sua posição social, que depende da ideologia, de sua posição em relação ao modo de produção e de sua posição na esfera específica em que o discurso é praticado. Por isso, foi preciso que desenvolvêssemos, nos capítulos 1 e 2, as condições de produção do discurso de Cristiane Cardoso. Neles, mesmo sem usar as terminologias mais técnicas da AD, buscamos contextualizar as formações imaginárias (sobre a religião, a mulher, os usos e costumes e a Bíblia) em jogo na conjuntura socioideológica de Cristiane Cardoso.

1.2. Uma mudança radical no campo religioso: a Reforma Protestante

É comum que se faça uma oposição simplória entre católicos e evangélicos, colocando todas as manifestações religiosas oriundas da Reforma Protestante do século XVI em um mesmo patamar, tratando-as como se fossem únicas e lineares, mesmo que não sejam. Dreher (2014, p. 27) afirma que o Cristianismo, em si, nunca foi uniforme, desde o surgimento de Jesus Cristo. Nesse mesmo sentido, Westphal (2014, p. 74) diz que deveríamos falar em catolicismos e protestantismos, devido à grande diversidade de pensamentos que permeiam o Cristianismo. Partindo desse pressuposto, para facilitar a compreensão de nosso *corpus*, faz-se necessário contextualizar a vertente cristã evangélica na qual nosso objeto de estudo está inserido: o neopentecostalismo (a terceira onda pentecostal) e, mais especificamente, a IURD, já que cada igreja neopentecostal traz em si especificidades, ao mesmo tempo em que mantém certas características basilares que as conectam. A fim de viabilizar a construção de noções acerca dos rituais e das Teologias pentecostal e neopentecostal, faremos um breve resgate da origem do protestantismo antes de adentrarmos na caracterização de pentecostalismo e neopentecostalismo.

A história da religião cristã protestante tem como marco principal a Reforma Luterana do século XVI. Antes disso, a principal instituição reconhecidamente cristã era a Igreja Católica Apostólica Romana, que, após resistir a anos de perseguição, tornou-se soberana na Europa, mantendo-se assim por um longo período. Aliada a reis e grande proprietária de terras, a Igreja Católica ocupou papel fundamental na sociedade feudal europeia, não só pelos domínios que detinha, mas também por ter modelado uma parcela importante da concepção de mundo que passou a permear as ordens sociais. O papado obteve domínio absoluto, ampliando seu poder sobre o Estado e aumentando suas finanças a partir de meios abusivos, como o recebimento de tributos feudais. Muitas vezes, os bispos e os abades viviam às custas dos trabalhadores da

cidade e dos camponeses. O clero fazia uso da sua autoridade para obter privilégios, e a venda de cargos na Igreja era uma prática comum desde o fim da Idade Média. Nesse contexto, muitas vezes se levantaram em clamor por uma reforma. A Igreja reprimia ferozmente, porém, quem se opusesse a ela. É importante ressaltar os ecos precursores da reforma religiosa que aconteceria em seguida: John Wyclif (1320-1348) e Jan Hus (1370-1415).

A Igreja tentou incansavelmente se manter no poder. No entanto, muitas mudanças sociais ocorreram na Europa do século XVI, propiciando o cenário para a reforma que efervescia, como a ascensão da burguesia, que se via paralisada diante dos ensinamentos da Igreja, a qual condenava práticas capitalistas nascentes, como a cobrança de juros por empréstimos, considerada pecado, além de defender a comercialização sem direito a lucro e o "justo preço". Ademais, a grande carga de impostos e a intervenção exacerbada dos papas em assuntos não-religiosos e políticos eram consideradas opressoras: “a administração dos negócios da Igreja, sob o comando papal, era marcada por conflitos e altamente onerosa. O clero recebia duras críticas em virtude do mau exemplo”. (VALENTIN, 2010, p. 61). Somado a isso, com o fortalecimento do Estado Nacional, os monarcas desejavam reter internamente os tributos feudais que eram destinados ao papado. Nesse sentido, Walker diz o seguinte:

As cidades mercantis estavam desgostosas com a isenção de impostos sobre o clero, a proibição de juros, os muitos dias santos e a excessiva tolerância da Igreja com a mendicância. [...] Os camponeses viviam em inquietação econômica, não sendo a menor de suas queixas os dízimos e aluguéis cobrados pelo alto clero local. Juntavam-se a estes motivos de intranquilidade o fermento intelectual do nascente humanismo germânico e o agitante despertar religioso popular, manifesto no profundo medo e consciência da necessidade de salvação. É evidente, pois, que, se estes agravos achassem expressão em determinado líder, sua voz encontraria muitos ouvidos. (WALKER, 1981, p. 8).

Apesar de todo esse movimento, que caminhava decididamente para a eclosão do reinado da Igreja Católica, foi somente em 1517, quando o Papa Leão X implantou uma gigantesca venda de indulgências – documentos que garantiam o perdão de todos os pecados de quem os comprasse e de seus parentes já falecidos, caso estivessem no purgatório –, que Martinho Lutero (1483-1546) protagonizou o episódio mais conhecido da Reforma: a afixação das 95 teses na Catedral de Wittenberg, escritas com a finalidade de criticar a venda de indulgências e outras práticas da Igreja. Lutero, apesar de não desejar dividir a Igreja, não tinha ideia da repercussão que as teses teriam e dos problemas que gerariam.

Lutero nasceu em 1483, em Eisleben, Alemanha. Em 1501, iniciou estudos em Direito na Universidade de Erfurt, Alemanha, e, em 1505, abandonou a carreira jurídica e ingressou no mosteiro dos agostinianos observantes, também em Erfurt. Em seguida, no ano de 1508, a

ordem dos agostinianos o enviou para a Universidade de Wittenberg para atuar como professor, onde também se tornou pregador da paróquia local. Huff Júnior (2014) afirma que, por meio de seus escritos, é possível perceber as angústias vivenciadas por ele devido ao medo da morte sem salvação, perigo pautado nos ensinamentos católicos da época: “[...] a necessidade de apresentar boas obras a fim de salvar-se [...]”. (HUFF JÚNIOR, 2014, p. 88). Enquanto professor de Teologia Bíblica, Lutero começou a tecer reflexões contrárias a esse ensinamento predominante na Igreja Católica, propondo a “justificação pela fé”. Nesse momento, já nascia o desejo de propor uma reforma no seio da Igreja. Aliada a isso, a cobrança excessiva de indulgências foi o estopim para que Lutero afixasse as 95 teses na Catedral de Wittenberg, atitude que ficou conhecida como marco da Reforma Protestante.

Os ensinamentos de Lutero espalharam-se através de panfletos pelas crescentes cidades alemãs. Nesses ensinamentos, ecoava muito do que John Wyclif e Jan Hus já haviam proclamado alguns anos antes. A expansão dessa teologia reformista ganhou ainda mais força com a excomunhão de Lutero da Igreja Católica em 1521, o que “[...] marca definitivamente a divisão entre Igreja Católica e Protestante”. (OLSON, 2001, p. 379). Contudo, somente em 1555, em meio a embates entre católicos e luteranos, o imperador Carlos V aceitou oficialmente a existência das Igrejas Luteranas e assinou com os protestantes a Paz de Augsburgo, um tratado que permitia que cada príncipe escolhesse a religião de seu principado. A partir da iniciativa de Lutero, outros líderes promoveram ações que foram consideradas reformistas, como as reformas Calvinista, Anglicana e Anabatista. Na tabela a seguir, podemos entender as principais diferenças estabelecidas entre a Igreja Católica e as primeiras igrejas protestantes:

Tabela 1 – Principais diferenças entre católicos e protestantes

	Católicos	Protestantes
Igreja	A Igreja representa o reino dos céus na Terra e é infalível.	A Igreja é vista apenas como uma organização social.
Interpretação Bíblica	É exclusividade dos bispos e dos teólogos.	Todos devem ler e estudar o Livro Sagrado.
Papado	O papa é seu líder infalível.	Recusam a infalibilidade e liderança do papado.
Sacerdócio	Só pode ser realizado por homens com voto de celibato.	É exercido por homens sem voto de celibato.

Salvação	A salvação é alcançada por meio das obras feitas na Terra.	A salvação vem por meio da fé em Cristo.
Santos e Imagens	Conferem santidade a bons cristãos, que são representados por imagens.	Rejeitam santos e imagens.

Fonte: elaboração própria.

Feita essa contextualização da Reforma Protestante, movimento que fragmentou a Igreja, dividindo-a entre Catolicismo e Protestantismo, e tendo destacado as principais disparidades que os separam, é importante salientar que, à medida que a Teologia Protestante foi sendo disseminada pelo mundo, surgiram dezenas de outras vertentes diferentes entre si, de acordo com a época e a região onde apareceram. As divergências teológicas no meio dessas ramificações protestantes são inúmeras e bastante significativas, apesar de ser o Protestantismo histórico que fornece a moldura teológica para o quadro que retrata o vigor, as tensões e as contradições dos vários grupos protestantes. Muitas vertentes retomaram, inclusive, características da própria Igreja Católica, ao passo que outras assimilaram características culturais dos locais onde emergiram.

Entre as diversas denominações evangélicas, encontramos duas divisões⁶: As Igrejas Tradicionais, também chamadas históricas, que estão diretamente relacionadas ao período da Reforma Protestante, como as igrejas Luterana, Calvinista (Presbiteriana), Metodista e Batista; e as Igrejas Pentecostais, das quais se originou a subdivisão neopentecostal, sobre a qual discorreremos na próxima seção, em que também destacaremos as principais diferenças entre as Igrejas Pentecostais e as Tradicionais.

1.3. Uma nova divisão acontece: o pentecostalismo

O pentecostalismo é um movimento religioso que surge para reivindicar que Deus dá dons milagrosos para as pessoas e permite que vivam experiências sobrenaturais. Com foco no falar em “línguas estranhas”, tido como uma prova do batismo com o Espírito Santo, enfatiza também elementos como cura milagrosa, profecias, visões e manifestações geradas por um êxtase místico em maior ou menor grau, a depender de cada Igreja Pentecostal. Desse modo, assim como a Reforma Protestante, o pentecostalismo marcou para sempre a história do Cristianismo. Nesse sentido, Matos afirma:

⁶ Alguns estudiosos da religião consideram o neopentecostalismo uma terceira divisão dentro do Protestantismo; já outros, o consideram apenas como uma ramificação ou onda do próprio pentecostalismo. Neste trabalho, adotamos a segunda consideração, de acordo com Mariano (2014) e Freston (1993).

O pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. (MATOS, 2006, p. 24).

No entanto, é importante destacar que o Cristianismo vivenciou, antes mesmo do pentecostalismo, alguns movimentos de entusiasmo religioso ou carismático, inclusive a glossolalia, que significa falar em línguas estranhas ou estrangeiras, conforme destaca Alencar (2014, p. 168): “Ao longo da história estas manifestações, como também a glossolalia, aconteceram na igreja de formas oficiais ou officiosamente. Aceitas ou rejeitadas, elas alteraram pouco o mundo religioso”.

Ao contrário desses movimentos isolados, que não afetaram a história do Cristianismo Protestante, o pentecostalismo se tornou o maior grupo religioso dentro do Protestantismo, manifestando-se, inclusive, entre católicos. Apesar de sua especificidade, alguns estudiosos afirmam que o pentecostalismo é fruto de desdobramentos doutrinários ocorridos durante quase um século no cenário protestante norte-americano, sobretudo de dois movimentos chamados “grandes despertamentos”, ocorridos nos séculos XVIII e XIX, com a proposta de aumentar o êxtase e o fervor nas suas igrejas. Entretanto, apesar das controvérsias nos estudos que se propõem a resgatar as origens do pentecostalismo, a maioria dos autores⁷ considera que a origem básica do movimento pentecostal moderno se encontra no metodismo wesleyano.

A doutrina característica de John Wesley, pastor da Igreja Metodista, propunha a inteira santificação ou perfeição cristã, sem deixar claro de que forma essa santificação deveria ocorrer. Esse pensamento começou a ser descrito como um batismo com o Espírito Santo, semelhante ao que seria ensinado na doutrina pentecostal posteriormente. Matos (2006) aponta que, durante o segundo despertamento, o metodismo cresceu muito nos Estados Unidos, tanto em números quanto no avanço de ideias e práticas que adentraram em muitas outras denominações. Entre essas, as que mais se expandiram foram a pregação extemporânea com forte conteúdo emocional, os apelos insistentes para a conversão, a participação de mulheres falando e orando em reuniões comuns e a forte ênfase na teologia arminiana⁸. (MATOS, 2006).

⁷ Jardilino (1994); Rolim (1987); Matos (2006); Campos (2005).

⁸ A doutrina arminiana é a oposição à doutrina calvinista, que imperava na maior parte das igrejas protestantes históricas. Em suma, os arminianos creem que o homem é livre para escolher entre a Palavra de Deus e a palavra de Satanás. A salvação, portanto, depende da obra de sua fé, assim como os católicos creem. Por outro lado, para os calvinistas, o homem é totalmente incapaz de exercer sua própria vontade para salvar-se; logo, não pode ser salvo pelas obras, mas somente pela ação exclusiva de Cristo. Dessa forma, Deus já teria escolhido os que seriam salvos, sendo a fé colocada nos homens por Ele mesmo.

A expansão da doutrina de perfeição cristã proposta por John Wesley gestou a cruzada da “santidade”, mais conhecida pelo termo em inglês *holiness*. Em expansão, tal movimento começou a enfatizar o dito batismo com o Espírito Santo, ao mesmo tempo em que destacava profecias, curas e milagres sobrenaturais, sendo aderido por muitas igrejas metodistas. No fim do século XIX, muitas eram as igrejas adeptas do movimento *holiness*. Apesar disso, nas palavras de Matos (2006, p. 30), “[...] ainda faltava um último passo a ser dado nessa evolução doutrinária”. Foram Fox Parham e, principalmente, Joseph Seymour que deram os últimos passos em direção ao pentecostalismo moderno.

Charles Fox Parham (1873-1929), pregador metodista, sob a influência do movimento *holiness*, vinha, há dez anos, ensinando que a glossolalia (tanto línguas sobrenaturais quanto línguas estrangeiras) era a prova do tal batismo com o Espírito Santo. Essa novidade pregada por Parham tornou-se a marca distintiva do movimento pentecostal, que perdura até os dias atuais. Com ele, o pentecostalismo moderno começava a ser esboçado, encontrando nas mãos de Joseph Seymour (1870-1922) a lapidação final.

Em 1905, Fox Parham se mudou e iniciou uma escola bíblica em Houston, EUA. Nela, o pregador *holiness* William Joseph Seymour assistia às aulas sentado no corredor ao lado da sala, pois, em meio ao período de forte discriminação racial no sul dos Estados Unidos, o pastor Parham era simpatizante da organização terrorista Ku-Klux-Klan. Mesmo excluído, o filho de ex-escravos aceitou os ensinamentos do branco Parham, que falava do batismo com o Espírito Santo, e passou a pregá-lo.

Mais tarde, Seymour foi convidado a pregar em Los Angeles para um pequeno grupo batista de afro-americanos liderado pela pastora Julia Hutchins. O grupo havia sido expulso de sua igreja por esposar as doutrinas *holiness*. Na ocasião, Seymour falou sobre o texto bíblico de Atos 2:4, ou seja, sobre a descida do Espírito Santo e a glossolalia, porém, a pastora não gostou do seu ensino. Assim, Joseph, acompanhado por boa parte do grupo, passou a fazer as reuniões na casa onde estava hospedado. Com o passar do tempo, muitas pessoas começaram a falar línguas desconhecidas, e, devido a questões estruturais, as reuniões passaram a acontecer em um edifício na Rua Azusa, centro de Los Angeles. Ali, Joseph Seymour, mesmo sem saber, marcava para sempre o mundo cristão. As reuniões na Rua Azusa eram caracterizadas por uma sinestesia que se manifestava no falar em línguas estranhas e nas orações simultâneas em voz alta. Nessas ocasiões, alguns indivíduos caíam, outros se prostravam, mediante à ocorrência de milagres e outros acontecimentos extraordinários. Os encontros causaram certo alvoroço, de modo que diversas pessoas vinham de todos os lugares para ver de perto o que acontecia naquele

lugar. Entre elas, inclusive, havia pastores de outras denominações. Assim, a famosa Rua Azuza foi “[...] considerada o símbolo místico das origens do movimento pentecostal, o ponto de partida”. (JARDILINO, 1994, p. 28).

É importante ressaltar que o movimento pentecostal nascido na Rua Azuza foi influenciado pela espiritualidade baseada nas raízes africanas de Seymour. Ele introduziu música africana e *negro spiritual*⁹ em sua liturgia. Na época, esse tipo de música era considerado impróprio para o culto cristão. Além disso, o movimento era gestado por um grupo de negros e pobres, os quais viviam à margem da sociedade norte-americana, que, com o passar do tempo, uniu brancos pobres, asiáticos, imigrantes europeus e mexicanos. As camadas desfavorecidas encontraram alento, esperança e igualdade na pregação de Joseph Seymour, uma vez que ele “[...] expôs sua compreensão de pentecostes: amor em meio ao ódio”. (DREHER, 2014, p. 65). Outra característica importante do movimento pentecostal liderado por Seymour é a presença de muitas lideranças femininas. Pelo fato de, na época, os Estados Unidos vivenciarem uma forte separação racial, a pressão social fez com que o reavivamento de Los Angeles fosse travado, o que resultou na divisão do pentecostalismo entre igrejas negras e brancas.

O movimento pentecostal modificou profundamente o Protestantismo. No entanto, algumas características basilares se mantêm, como a concepção da Bíblia como meio exclusivo de fé e prática e a aceitação de apenas dois sacramentos (batismo e Santa Ceia). As diferenças entre as Igrejas históricas Protestantes e as Pentecostais são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 2 – Principais diferenças entre Igrejas Tradicionais e Igrejas Pentecostais

	Igrejas Tradicionais	Igrejas Pentecostais
Principais representantes	Luterana, Presbiteriana, Batista e Metodista.	Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Presbiteriana Renovada, Batista Renovada, Quadrangular, entre outras.

⁹ Gênero musical emotivo ligado à espiritualidade, cujo aparecimento se deu nos EUA. Inicialmente, era interpretado por escravos que faziam uso de movimento rítmicos do corpo e batiam palmas com acompanhamento da música. Com o surgimento do pentecostalismo, houve a adaptação do hinário protestante para esse ritmo.

Dons Espirituais	Não creem nas manifestações emocionais, nem na presença impreterível de dons de profecias ou curas, admitindo que podem ocorrer ocasionalmente.	Creem na manifestação de dons espirituais como cura e profecias, bem como em experiências de cunho emocional, o qual acaba por reverberar no âmbito físico, como rodopiar, chorar e dançar, a depender de cada denominação.
Cultos	São mais formais e seguem uma liturgia rígida e calma, a que chamam de “culto racional”.	Pode haver manifestações emocionais, orações em conjunto e em alta voz.
Formação dos pastores e Sermões	Os pastores possuem, obrigatoriamente, formação teológica, e os sermões se assemelham a aulas.	Pouca ênfase dada pelos pentecostais à formação teológica, devido à convicção de que ser um pregador é apenas vocação divina. É comum, nessas igrejas, sermões mais emocionais e apelativos.
Línguas estranhas	Não creem em línguas estranhas.	A glossolalia é a prova do batismo com Espírito Santo.

Fonte: elaboração própria.

Além das características relacionadas na tabela acima, é importante ressaltar que algumas Igrejas Pentecostais possuem, em maior ou menor grau, preocupação em relação a usos e costumes, concernentes especialmente a roupas e acessórios usados pelos membros, ao passo que as Igrejas Tradicionais não se preocupam com isso. Outro fator de destaque é que, no decorrer do século XX, foram acrescentadas à tradição pentecostal inicial as noções de “cura divina”, “batalha espiritual” e “prosperidade material”. Exceto pela Teologia da Prosperidade, defendida por algumas igrejas e combatida por várias outras simultaneamente dentro do pentecostalismo, todas as inovações convivem em diferentes intensidades. (REZENDE, 2010, p. 21).

Evidenciadas as distinções entre Igrejas Tradicionais e Igrejas Pentecostais, é importante dizer que, a partir de Seymour e da Rua Azuza, o pentecostalismo começou a se espalhar pelo mundo inteiro e teve manifestações distintas em diferentes locais e países, tornando-se, portanto, um movimento multifacetado. Por isso, segundo Campos (1995), é necessário falar em múltiplos pentecostalismos, uma vez que é isso que se observa no Brasil. A seguir, discorreremos sobre como ocorreu a chegada do pentecostalismo ao Brasil e sobre as subdivisões desse movimento ao território brasileiro.

1.4. O pentecostalismo brasileiro

Dada a aliança entre a Igreja Católica e o governo brasileiro, o Catolicismo foi a única manifestação religiosa permitida por lei no país até 1824, quando foram instituídas a liberdade de culto e a propagação de novas ideias e práticas religiosas. Nesse contexto, o Cristianismo protestante trazido por ingleses e alemães começa a medir forças com os vários catolicismos abrazeirados a partir de cultos afros e indígenas. Entretanto, a disputa não teve muito sucesso. Os pentecostais chegaram ao Brasil na primeira década do século XX, encontrando um país com uma substância cristã essencialmente sincrética: a presença de grupos *holiness*, metodistas livres e o messianismo de Antônio Conselheiro no Nordeste, com suas visões e curas. É nesse cenário que o pentecostalismo encontra campo fértil.

O pentecostalismo que chega ao Brasil é de origem norte-americana, mas, além de ser branco, é trazido por europeus convertidos, fato que fez toda diferença no modo como o movimento se instaurou no país. Exemplo disso é que o caráter social e de militância negra, que é uma forte realidade nos EUA, é deixado de lado no Brasil. Já de início, temos dois pentecostalismos distintos. O primeiro foi trazido por Luigi Francescon (1866-1964), italiano e ex-presbiteriano convertido ao pentecostalismo norte-americano. Francescon fundou, em 1910, a Congregação Cristã no Brasil (CCB), uma igreja ultracalvinista, cuja marca preponderante é a misoginia, presente desde as suas origens até os dias atuais. Segundo as doutrinas da referida denominação, as mulheres não podem ocupar nenhum papel de liderança e não podem sequer tocar instrumentos no templo e sentam-se em lados opostos dos homens. Além disso, todos os membros seguem regras de usos e de costumes extremamente rígidas.

A segunda vertente do pentecostalismo foi trazida pelos suecos e ex-batistas Daniel Berg (1879-1933) e Gunnar Vingren (1879-1933), que fundaram, em 1911, a Assembleia de Deus (AD) na região Norte do país. Diferentemente da CCB, a AD possui visão arminiana, forte apelo midiático e, no que diz respeito à questão de gênero relativa à presença da mulher em cargos de liderança na igreja, “no início ADs¹⁰ aceitaram, depois proibiram; hoje existem Assembleias em que mulheres alcançam todos os postos; em outras, apenas alguns. Mas,

¹⁰ Fala-se em ADs pois, na origem da AD, os missionários suecos não criaram nenhum tipo de organização institucional nacional. Assim, as igrejas foram nascendo em várias regiões sem um órgão nacional de articulação e, com isso, foram se autonomizando e se tornando ministérios. Além dessa divisão do grupo original, outras igrejas com o nome original foram sendo criadas, mas sem nenhum vínculo institucional. Atualmente, surgiu a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. No entanto, essa convenção não possui poder administrativo, financeiro ou teológico sobre as igrejas. Além disso, muitas Assembleias não foram incluídas na convenção; logo, não há unicidade teológica entre as ADs brasileiras. (ALENCAR, 2012).

majoritariamente, nas Assembleias brasileiras, mulheres são apenas membros”. (ALENCAR, 2014, p. 178).

É possível perceber que o pentecostalismo brasileiro nunca foi homogêneo, pois já nasce a partir de duas igrejas que sempre apresentaram acentuadas distinções eclesiais e doutrinárias. Fortalecendo ainda mais essa descontinuidade no pentecostalismo brasileiro, na década de 1950, chegaram os missionários da Cruzada Nacional da Evangelização, solidificando por aqui a Igreja do Evangelho Quadrangular, causando o início da fragmentação denominacional do pentecostalismo e inovando as doutrinas e as formas de ser pentecostal. A partir daí, novas denominações pentecostais surgiram, trazidas por imigrantes ou como resultado de cisões em igrejas já existentes, o que gerou grande dificuldade na tarefa de classificar as igrejas pentecostais, dadas as grandes inovações que cada novo grupo pentecostal estabelecia. Muitas são as mudanças teológicas, eclesiológicas, institucionais e políticas. Por isso, não há muito consenso em relação à classificação das igrejas pentecostais no Brasil. Neste trabalho, adotamos a classificação proposta por Mariano (2014), que é amplamente aceita por muitos estudiosos. O autor (2014), em conformidade com Freston (1993), propõe a divisão do pentecostalismo brasileiro em três ondas, às quais ele chama, respectivamente, de: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo. Falamos mais detalhadamente a seguir sobre cada uma delas.

1.4.1. As três ondas do pentecostalismo brasileiro

A primeira onda reinou absoluta entre 1910 e 1950, desde a implantação do pentecostalismo no Brasil por meio das igrejas CCB e AD, responsáveis por levar o pentecostalismo a todo território nacional. Sobre essas igrejas, Mariano postula que:

No início, compostas majoritariamente por pobres e de pouca escolaridade, discriminados por protestantes históricos e perseguidos pela Igreja Católica, ambas caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior. Hoje seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar, sobretudo, as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários. [...] Ainda mantêm bem vivos a postura sectária e o ideário ascético. (MARIANO, 2014, p. 29).

Já a segunda onda, o deuteropentecostalismo¹¹, teve início com a Igreja Quadrangular, formada pelo trabalho missionário dos americanos Harold Williams e Raymond Boatright, em São Paulo. Essa igreja se caracterizava pelo evangelismo de massa centrado na mensagem de cura divina, tendo se difundido por meio de emissoras de rádio, evangelismo itinerante em tendas, concentrações em praças, ginásios, estádios, teatros e cinemas. “Com mensagem sedutora e métodos inovadores e eficientes, atraíram, além de fiéis e pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos”. (MARIANO, 2014, p. 30). Assim, a instituição causou muito escândalo e reações adversas, sendo acusada pela imprensa de charlatanismo e curandeirismo. Porém, foi dessa forma que conseguiu visibilidade e rachou o pentecostalismo brasileiro, acrescentando-lhe novas características que perduram até hoje, como a prática de campanhas e correntes em busca de cura divina. No rastro das campanhas de cura divina da Cruzada, surgiram as igrejas Brasil para Cristo (SP, 1955), Deus é Amor (SP, 1962), Casa da Bênção (BH, 1964) e várias outras de menor porte que enfatizam teologicamente a cura divina e utilizam campanhas e cruzadas como estratégia de *marketing*.

Por fim, há o neopentecostalismo. Antes de apresentar os elementos originários desse segmento, é importante ressaltar que, além das três ondas do pentecostalismo, houve cisões dentro das igrejas históricas, gerando as chamadas “igrejas históricas renovadas”. Essas igrejas são dissidentes de denominações protestantes tradicionais que adotaram a Teologia Pentecostal, incluindo, conforme o pastor local, mais ou menos as inovações pentecostais, mas mantiveram simultaneamente características das igrejas originais, como, por exemplo, a Batista Renovada e suas várias ramificações, além da Presbiteriana Renovada. No entanto, há pouco conhecimento acadêmico sobre essas igrejas, pois, além de ser o grupo menos expressivo, é também o menos estudado.

1.5. O neopentecostalismo

O neopentecostalismo, surgido no Rio de Janeiro em 1977, foi a onda que mais trouxe modificações ao pentecostalismo, sendo, inclusive, rejeitado o pedido de filiação da IURD – fundadora do movimento e principal representante do neopentecostalismo no Brasil – à Associação Evangélica Brasileira (AEvB), porque esta reconhecia a existência de imensas e

¹¹ Mariano (2014, p. 32) justifica essa nomenclatura explicando que o radical *deutero* presente no título do quinto livro do pentateuco, a saber, Deuteronômio, significa “segundo” ou “segunda vez”. Por isso, pareceu-lhe apropriado nomear assim a segunda onda do pentecostalismo.

irreconciliáveis diferenças entre as práticas da maioria dos evangélicos e as da IURD. Mariano (2014) afirma que é difícil saber ao certo as origens das grandes inovações teológicas estabelecidas pelo neopentecostalismo. Todavia, algumas delas parecem ser resultado de uma amálgama de influências estrangeiras e das práticas das próprias igrejas pentecostais cariocas, com um toque de inovação da IURD. A própria origem da IURD está ligada à influência exterior, uma vez que seus criadores são dissidentes da Igreja Nova Vida – pertencente à segunda onda –, fundada pelo canadense Walter Robert McAlister. Além dela, várias igrejas neopentecostais tiveram ou têm associação com literatura e pastores estrangeiros. Outro fato é a Teologia da Prosperidade – principal característica do neopentecostalismo –, que foi formulada por Kenneth Hagin e difundida em conjunto com outros líderes norte-americanos.

Somadas a essas influências exteriores, estão as práticas das próprias igrejas da segunda onda, conforme atesta Mariano (2014, p. 42): “várias práticas difundidas e enfatizadas pela Universal eram, antes de sua fundação, adotadas por outras denominações pentecostais [...]”. Muitos rituais neopentecostais parecem incorporar um aprimoramento exacerbado de padrões presentes nas igrejas pentecostais anteriores. A conduta de entrevistar demônios, o combate a cultos afro-brasileiros, a Teologia da Prosperidade e o rompimento com o legalismo pentecostal, por exemplo, são frutos das influências da Igreja Nova Vida, aprimorados pela IURD. Ademais, “neste meio religioso, crenças, práticas culturais são incorporadas, nem sempre com as mesmas características originais com velocidade e versatilidade impressionantes”. (MARIANO, 2014, p. 42). Devido a essa constante inovação na vertente inaugurada pela IURD, apesar da divisão apresentada por Mariano, não há homogeneidade teológica no meio neopentecostal. Existem alguns princípios básicos, mas, a cada nova igreja nascente, novos modos de cultivar são apresentados pelos líderes.

Apesar das constantes inovações no ramo neopentecostal, convém destacar as principais características do movimento, presentes na maioria das igrejas do ramo. A primeira delas é a prática de exorcismos, que, apesar de não ser novidade, inova no modo de realização de exorcismos inaugurado pela IURD e copiado pelas demais. Nelas, o exorcismo é exagerado e peculiar, quase um espetáculo: concede voz ao Diabo e aos demônios a partir de entrevistas, atribui-lhes nomes de entidades e deuses das religiões afro-brasileiras e espíritas, ordena que os “espíritos” realizem ações, como andar de joelhos, imitar animais e falar de suas origens. Assim, essas igrejas travam intermináveis “guerras santas” contra esses seres, “quebrando” maldições de família; enfatizam, assim, a cura divina baseada na ideia de que todos os males causados aos homens são provocados pela ação dos demônios. Por isso, a cura também parte de um

exorcismo. Para além dos rituais de exorcismos, está a crença na guerra cosmológica e constante entre Deus e o Diabo pela posse do homem. Essa guerra se entende pelo domínio político e midiático, ficando as igrejas responsáveis por representar Deus nessa batalha. Ademais, os templos permanecem abertos durante todo o dia, e há sempre um pastor ou obreiro de plantão para um atendimento urgente.

Outra importante característica é o fato de as igrejas neopentecostais terem rompido com o sectarismo e o ascetismo presentes nas outras igrejas pentecostais, promovendo a quebra da ideia da busca pela salvação por meio da rejeição ao mundo. Desse modo, a ideia de necessidade do sofrimento cristão foi deixada de lado. Ao contrário, ensinam que ter um encontro com Jesus e obedecer a ele constitui, “[...] acima de tudo, meios infalíveis para o converso se dar bem nesta vida”. (MARIANO, 2014, p. 9). Desse rompimento com o sectarismo e da valorização do mundo, emergem certas práticas, tais como a organização empresarial das igrejas; a forte participação política com vistas à inculcação da moral bíblica; o investimento pesado nas mídias eletrônicas, com a finalidade de atrair mais pessoas para as igrejas; a utilização de técnicas de *marketing* por meio da utilização de objetos de mediação do sagrado, normalmente místicos, a exemplo de rosas unguadas, sal grosso, redes e os mais variados objetos. Passa a se observar, também, uma liberalidade relativa aos usos e costumes, sobretudo no tocante ao vestuário e à estética. Além disso, a pregação da Teologia da Prosperidade se torna cada vez mais enfática, ensinando que:

O crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. [...] Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se um herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige do seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e nas ofertas e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento. (MARIANO, 2014, p. 44).

Encabeçando o movimento, as principais Igrejas Neopentecostais são a IURD e suas dissidentes Internacional da Graça de Deus e Mundial do Poder de Deus, seguidas pela Igreja Plenitude do Poder de Deus, Igreja Renascer em Cristo e a Comunidade Sara Nossa Terra. Destacados as características e os principais representantes do movimento, é importante salientar que nem todas as igrejas fundadas após os anos 70 podem ser consideradas neopentecostais, pois o que caracteriza o neopentecostalismo não é o recorte histórico e cronológico, mas as dissemelhanças doutrinárias, teológicas e comportamentais em relação às igrejas. Outra questão importante é a influência que as Igrejas Neopentecostais exercem sobre algumas igrejas de ondas anteriores. Devido ao sucesso daquelas, muitas são as igrejas não neopentecostais que absorvem e reproduzem crenças e práticas de sucesso e agrado das massas em suas liturgias, dificultando ainda mais a exata classificação. (MARIANO, 2014, p. 39).

Ainda cabe ressaltar que, apesar de todas essas transformações dentro do pentecostalismo brasileiro, este continua sendo uma religião formada majoritariamente por pobres, negros e pessoas com baixa escolaridade, o que é explicado por Dreher (2014, p. 69): “[...] os cultos conseguem transmitir uma experiência de dignidade e respeito a pessoas que normalmente são maltratadas por vida dura”. Segundo o Censo de 2010, 13,4% da população brasileira pertence a uma Igreja Pentecostal, sendo que 63,7% dos evangélicos pentecostais têm renda de até 1 salário mínimo. Quanto ao nível de escolaridade, os dados apontam que 54% dos evangélicos de origem pentecostal não têm o ensino fundamental completo. Sobre a preferência das camadas menos favorecidas pelo pentecostalismo, Mariano afirma que,

com o propósito de superar suas precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distante do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos políticos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos –, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas, encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material. (MARIANO, 2014, p. 12).

É importante dizer que muitos líderes religiosos se utilizam dessa realidade para agir de má-fé, enganando e usurpando os fiéis. Estes, abandonados pela sociedade, encontram uma pregação que lhes afirma que o real motivo de todas as mazelas sociais é a presença de demônios em suas vidas e que a igreja pode expulsá-los, prometendo aos crentes uma vida de riquezas e saúde em troca da entrega de dízimos e ofertas. Além disso, encontram a possibilidade de ajuda material e, ainda, de ocuparem cargos de respeito dentro das igrejas. Tudo isso gera uma sensação de pertencimento do indivíduo a determinado grupo eclesial e uma perspectiva quanto à possibilidade de mudança de vida, o que enseja que essa parte da população protestante seja manipulada politicamente e explorada financeiramente.

Na tabela a seguir, podemos visualizar melhor as principais características de cada onda do pentecostalismo e as principais igrejas que a representam:

Tabela 3 - Principais características das ondas do pentecostalismo brasileiro¹²

Pentecostalismo Clássico	Deuteropentecostalismo	Neopentecostalismo
---------------------------------	-------------------------------	---------------------------

¹² A tabela acima tem o objetivo de ilustrar e facilitar o entendimento do leitor. No entanto, não esgota o assunto e nem apresenta todas as igrejas de cada onda, porque, além de haver inúmeras igrejas pequenas, existe, ainda, o fato de que, a cada dia, nascem várias igrejas no Brasil que perpassam diferentes características das três ondas. Acrescem-se a isso, ainda, as divisões que ocorreram dentro das igrejas maiores, gerando outras menores. Diante disso, seria impossível, neste trabalho, exaurir um tema tão denso.

Principais igrejas	Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus.	Quadrangular, para Cristo, Amor, Casa da Bênção.	Brasil Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Sara Nossa Terra e Igreja Plenitude do Poder de Deus.
Paraíso	A vida na Terra é de sofrimento e dores, e o céu é um paraíso.	Não há muita diferença entre a 2º e a 1º ondas nesse quesito, apesar de a segunda já começar a esboçar a Teologia da Prosperidade.	Após a morte, todo fiel gozará do paraíso. No entanto, é direito do cristão viver muito bem aqui na Terra e desfrutar de riquezas e saúde.
Ênfase	Dom de línguas.	Dom de cura divina.	Teologia da Prosperidade.
Novidades acrescentadas ao pentecostalismo		Uso de rádio, tendas, grandes evangelismos em estádios, cinemas e teatros.	Fortalecimento no uso de mídias, expansão para a televisão e mídias sociais, exorcismos e curas de modo teatral.

Fonte: elaboração própria.

Compreendidas as transformações do Cristianismo Protestante até o surgimento do Neopentecostalismo e as principais características desse movimento, relatamos, a seguir, o histórico da IURD, suas práticas e seu amplo avanço midiático.

1.6. A Igreja Universal do Reino de Deus: origem, organização e teologia

A Igreja Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Walter Robert McAlister, embora pertença ao deuteropentecostalismo, desempenhou importante papel como formadora dos líderes das maiores igrejas neopentecostais brasileiras: Igreja Universal do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça. Além disso, nela encontramos, de forma embrionária, as características fundamentais do neopentecostalismo: a guerra contra o diabo, a valorização das riquezas na Terra mediante as ofertas e a ausência de legalismo no comportamento e no vestuário de seus fiéis.

Dessa igreja saiu Edir Macedo, nascido em 1945 em uma família pobre de migrantes na cidade fluminense de Rio das Flores. Em sua trajetória de vida, trabalhou na Loterj, estudou Matemática na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Estatística na Escola Nacional de Ciências e Estatística, sem concluir nenhum dos dois cursos. Em relação à sua vida religiosa, se converteu ao pentecostalismo aos 18 anos na Igreja Nova Vida (antes de sua conversão, frequentou Igrejas Católicas e Centros de Umbanda). Após doze anos como membro da Igreja Nova Vida, Edir Macedo, juntamente com seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, resolveu sair da igreja e colocar em prática suas próprias ideias de evangelização. Porém, como nenhum deles havia ocupado cargos eclesiásticos, passaram um tempo na Igreja Casa da Bênção, onde foram consagrados como pastores. Em seguida, reuniram-se com Roberto Augusto Lopes e com os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho para, em conjunto, fundarem a Cruzada do Caminho Eterno. Como Macedo possuía experiência com dinheiro na Loterj, tornou-se o tesoureiro da Cruzada.

Dois anos após a fundação da cruzada, houve nova cisão. Devido ao desentendimento com os irmãos Coutinho, Edir Macedo, Romildo Soares e Roberto Lopes fundaram, em 9 de julho de 1977, a IURD, localizada em uma sala no bairro Abolição, subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro. Durante os primeiros anos da igreja, Romildo Soares foi o líder e pregador principal da IURD, mas perdeu espaço para o estilo autoritário e carismático de Edir Macedo. Por meio de um plebiscito, Romildo Soares perdeu o pleito e, compensado financeiramente, desligou-se da IURD para fundar, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus no mesmo formato que a anterior. (MARIANO, 2014).

Em 1980, Edir Macedo foi consagrado a bispo, e a igreja passou a adotar o governo episcopal com o apoio do pastor Roberto Lopes, o qual, atendendo ao pedido de Macedo, tornou-se deputado federal em 1986 pelo PTB/RJ. Porém, essa união acabou de forma não amistosa em 1987, quando Roberto Lopes retornou à Igreja Nova Vida e declarou que, “do que ele (Macedo) era quando a Igreja começou, não sobrou nada”. (JORNAL DA TARDE, 1991 *apud* MARIANO, 2014, p. 56). A partir daí, Macedo passou a reinar absoluto.

A organização eclesiástica da IURD é episcopal, ou seja, quem se destaca e toma as decisões é o bispo. No caso dela, Edir Macedo é o líder supremo. Mariano (2014, p. 62) descreve a organização hierárquica da IURD da seguinte maneira: na base, estão os pastores auxiliares, que são nomeados. Por serem solteiros e muito jovens, esses não podem dirigir casamentos nem ceias, desempenhando apenas o papel de ajudantes dos pastores titulares. Estes, por sua vez, são consagrados e precisam ser casados, ter a vocação ministerial comprovada pelo Espírito Santo e devem apresentar boa lucratividade nas igrejas que comandam. Normalmente, as igrejas possuem três pastores, sendo dois auxiliares e um titular. Em relação à situação financeira, enquanto o titular possui alguns benefícios como casas e carros no nome da igreja, planos de saúde, escolas para seus filhos e bons salários de acordo com o retorno financeiro de suas igrejas, os auxiliares vivem de modo bastante precário, recebendo apenas uma ajuda de custo e, muitas vezes, se acomodando nos próprios templos em que trabalham. A carga de trabalho é intensa e de dedicação exclusiva. Por isso, segundo Mariano (2014, p. 61), muitos desistem do cargo eclesiástico e retornam para o lugar de obreiros ou membros.

Acima dos pastores, estão os bispos que compõem conselhos para, em teoria, tomarem decisões em conjunto. A estrutura de poder é vertical, estando no topo o Conselho Mundial de Bispos, seguido do Conselho Nacional de Bispos e, por fim, o Conselho de Pastores. Apesar de toda essa organização, no fim das contas, parece que Macedo é quem toma as decisões, uma vez que, conforme pontua Mariano (2014), foi descrito em diversas ocasiões como um líder autoritário. Dessa maneira, pastores e congregações não possuem autonomia alguma, de modo que os cultos, as campanhas, os temas e os horários são padronizados em todas as congregações iurdianas do Brasil. Como já foi mencionado, além dos bispos e pastores, existem os obreiros, homens e mulheres que executam voluntariamente o trabalho mais braçal da IURD, como limpeza, distribuição de envelopes, serviço da ceia, ajuda com os exorcismos e evangelismos. Cabe ressaltar, ainda, que não há pastoras ou bispas nessa igreja, cabendo às mulheres somente o papel de obreiras.

A partir de seu surgimento, a IURD não parou mais de crescer, estando presente em todo Brasil e em mais de 130 outros países e expandindo seu poder midiático nas camadas mais ricas e na política. Para compreender essa expansão, após a recuperação das origens da IURD e de sua organização, apresentamos, a seguir, as principais características dessa instituição e a relação delas com seu exacerbado crescimento.

1.6.1.A Teologia Iurdiana

Ferrari (2007) afirma que a principal característica da IURD é focar nas carências dos grupos menos privilegiados da sociedade, dando-lhes, sob o prisma da religião, esperança de uma vida melhor, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos presentes no imaginário cultural da população para embasar sua teologia. Sendo assim, o pilar da Teologia Iurdiana é a crença de que todas as mazelas na vida do homem, desde a pobreza até as mais diversas doenças, são causadas por maus espíritos, os quais podem ser expulsos dos corpos das pessoas pelo pastor, tornando-as livres, prósperos e felizes. Para Macedo, “[...] os demônios são os responsáveis por todos os males que afligem a humanidade. Doenças, misérias, desastres e todos os problemas”. (MARIANO, 2014, p. 114). Devido ao fato de a cultura brasileira ser permeada por símbolos religiosos e sincréticos, a IURD utiliza elementos da cultura popular e crenças existentes no imaginário do povo, aproveitando-se dos medos mitológicos e lendários já muito presentes na tradição oral brasileira. Desse modo, termos como “olho gordo”, “azar”, “encosto”, “assombração” e “espíritos malignos” são incorporados pela Teologia Iurdiana e ressignificados, de modo a justificar as mazelas sociais, que podem ser mudadas por meio da fé.

Dessa forma, encontrado o suposto causador dessas mazelas, a IURD vende a solução para elas, que consiste na expulsão dos demônios causadores do mal na vida do homem. Ela se aproveita, então, do medo e das carências do povo, vendendo-lhe a esperança de uma vida melhor, o que pode ser considerado uma das explicações para sua rápida expansão no território brasileiro. Destacadas as características fundamentais da IURD, é importante compreender que esses elementos têm como alicerce o trinômio iurdiano: cura, libertação e prosperidade, sobre o qual discorreremos a seguir.

Ferrari (2007) afirma que é sob o prisma do trinômio cura, libertação e prosperidade que a IURD constrói seus ritos, suas simbologias, suas normas eclesiásticas, os objetivos da igreja e os modos de ver e experimentar o mundo e o sagrado. Para Edir Macedo, as reflexões teológicas são mera perda de tempo e só servem para causar divisão e prisão a determinadas linhas teológicas. Sendo assim, a IURD se dispõe a ser uma igreja mais pragmática, que propõe solução imediata para os problemas práticos do dia a dia, pois, para ela, o Cristianismo não é religião, mas vida, e vida com abundância. Partindo desse pressuposto, o corpo possui papel de destaque, pois

É nele que o exorcismo, a cura e a prosperidade manifestam e revelam a força de Deus. No organismo humano, ocorre a complexa interação das forças físicas e

espirituais. A partir daí, enquanto o pentecostalismo e as tradições religiosas históricas têm compreensão puritana e dualista (corpo-espírito), a IURD faz o resgate do valor corporal na prática religiosa. Entra em concordância com a sociedade hedonista que veicula, pelo marketing e pelo consumo, o zelo e cultivo das vaidades pessoais, e o usufruir, o prazer e a liberdade. Enfim, o curtir a vida. (FERRARI, 2007, p. 123).

Assim, compreendendo a unidade corpo-espírito, as doenças passam a possuir perfil espiritual, sendo tidas como “[...] invasão no físico do sagrado pervertido”. (FERRARI, 2007, p. 124). Por isso, a cura para as doenças vem por “exorcismo, descarrego, milagres, terapias [...], unção pelo Espírito Santo”. (FERRARI, 2007, p. 124). Nos cultos da IURD, estão sempre “expulsando”, “queimando” e “amarrando” os demônios, causadores de todo mal que aflige os humanos e responsáveis pelas atitudes “pecaminosas” dos homens – tudo isso por meio da fé em Jesus. Nesses rituais, a IURD acaba, conforme Ferrari (2007), reafirmando os cultos, as devoções e as práticas de outras religiões as quais tanto procura combater. Um bom exemplo disso é o uso de objetos de outras religiões que são ressignificados, como o sal grosso, a arruda, entre outros. Sendo assim, se todo mal é causado pela ação do demônio nos corpos humanos, é imprescindível que sejam expulsos da vida dos fiéis por meio do exorcismo, primeiro pilar do trinômio iurdiano.

O exorcismo parte da ideia de que existem os céus, onde habitam Deus e seus anjos; o inferno, morada dos demônios; e a Terra, criada por Deus e entregue aos homens, onde também ocorre uma guerra entre Deus e os demônios, pela qual o vencedor conquista o ser humano. Por meio do exorcismo, então, os homens são libertos da força do demônio que aflige sua alma. Nesse sentido, a libertação é o primeiro passo para entrar em uma vida de prosperidade e abundância. Para isso, os fiéis são submetidos aos rituais de exorcismo, nos quais, conforme Ferrari (2007, p. 128), há uma encenação de uma batalha, em que os possessos “[...] manifestam-se de modo enigmático. Declaram vozes estranhas e metáforas contidas no imaginário e no inconsciente conflituoso”. Enquanto isso, o pastor e toda a igreja guerreiam contra o demônio a partir de palavras de ordem: “a coletividade reunida projeta-se realizando uma catarse grupal, um simbólico linchamento e um sacrifício que vitima o espírito maligno incorporado”, sempre ocorrendo, no fim, a vitória do Cristo sobre o demônio, que é expulso. Nessas sessões, o demônio recebe a denominação de algumas entidades das religiões afro-brasileiras, tais como Pomba-gira, Maria Padilha, Preto Véio, Zé Pilintra, Exu Caveira, entre outros.

É importante ressaltar, porém, que nem todas as pessoas se manifestam dessa forma teatral. Aquelas que não o fazem assim são exorcizadas indiretamente, por meio de toda riqueza ritualística da IURD, que “amarra” todos os demônios, mesmo sem a manifestação exterior.

Isso se dá pela oração forte do líder que ordena a expulsão de todo o mal. Para Ferrari (2007, p. 128), a pessoa possui “[...] certamente já tinha, em seu arcabouço de vida, interiorizada uma gama de problemas que, no ritual provocativo, acabam aflorando de maneira descontrolada”. Tal afirmativa se justifica mediante o fato de que tudo no culto colabora para o aguçamento das emoções: as músicas, as orações e, para além disso, a figura mitológica do Diabo e suas metáforas estão presentes em muitos momentos do culto e possuem espaço privilegiado, sendo afloradas e recriadas a todo momento, até culminar no exorcismo em si.

Aliada ao exorcismo, está a cura divina. Partindo da ideia de que as doenças podem ser causadas pela possessão de demônios, a expulsão desses resulta na cura dos fiéis. A doença pode ser física ou mental, mas sempre é justificada pela presença de seres malignos, e, dessa forma, a IURD oferece soluções fáceis, seja através de exorcismos, seja de objetos simbólicos provenientes de outras religiões e reinterpretados, como água benta, galhos de arruda, óleo ungido, sabonete purificador, lenços, rosas unguidas e outros elementos. Desse modo, são construídas uma noção de esperança e a crença de que, por meio da fé, tudo é possível. Somados às pregações e orações apelativas e emocionais, estão os testemunhos de fiéis, que relatam a cura de inúmeras doenças por força da fé e do ensino na igreja. Essas práticas mexem com o lado emocional das pessoas e o despertam, estabelecendo um espaço de escuta, aceitação e elaboração de aspectos da *psique* dos membros, o que, segundo Ferrari (2007), propicia os fenômenos de cura. Sobre isso, Campos (1999, p. 352 *apud* FERRARI, 2007, p. 131) afirma que “[...] o culto pentecostal é uma prestação de serviços terapêuticos aos que não têm acesso econômico ou cultural às terapias oficiais da medicina, psicoterapia e psiquiatria”.

Por fim, convém discorrer a respeito da prosperidade, elemento muito importante na Teologia Iurdiana. Nesse sentido, é importante destacar que o desejo de obtenção de bens financeiros por meio de divindades sempre existiu nas mais variadas religiões, conforme aponta Weber:

Do ut des é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter é inerente à religiosidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo’, constituem o conteúdo de todas ‘orações’ normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além. (WEBER, 2002, p. 293).

Todavia, o que chamamos de “Teologia da Prosperidade” atualmente designa um conjunto de afirmações que pontuam “ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna, enriquecer, obter favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente prosperar, alcançar a vitória”. (GONÇALVES, 2013, p. 85). Esse tipo de ensino surgiu nos EUA, na década de 40, também conhecido como “confissão positiva”. Ele reúne um conjunto de crenças

sobre cura, prosperidade e poder da fé, mas só se tornou um movimento doutrinário ao longo dos anos 70, quando firmou raízes nos grupos carismáticos dos EUA e, sob a liderança do pastor Kenneth Hagin, difundiu-se para inúmeros países. Com Oral Roberts, foi acrescentada a noção de “vida abundante” e, a partir daí, essa Teologia não parou mais de crescer, chegando ao Brasil ainda nos anos 70.

Buscando justificativa em textos isolados da Bíblia, a Teologia da Prosperidade, na verdade, não passa de produto do capitalismo que domina a maioria das nações industrializadas, mas atinge também as nações pobres. Ela é o produto de nosso próprio tempo e lugar – o tempo capitalista – e é, sem dúvida, uma reflexão não preocupada com a espiritualidade das pessoas, mas com a procura de privilégios e da autopreocupação de certos líderes religiosos, que estimulam insensibilidade e exploram as injustiças sociais presentes no mundo, bem como tiram vantagem de pessoas pouco instruídas desesperadas por uma solução. Entre as igrejas que adotaram a Teologia em questão, está a IURD. É uma reflexão que, feita não à luz da Bíblia, mas da procura de privilégios, estimula a insensibilidade diante da injustiça presente no mundo.

A prosperidade está na base da IURD, que fomenta no fiel uma ardente expectativa de enriquecer. Na visão da igreja, a riqueza material é a prova da manifestação da presença de Deus na vida do crente e um direito garantido do cristão. Com esse discurso, a fé iurdiana apresenta um Deus escravo dos desejos dos fiéis e, caso estes não alcancem o sucesso, a culpa não é de Deus e menos ainda da igreja, mas do próprio membro, que não teve fé o suficiente. Essa crença baseia-se na ideia de que a expiação do Cordeiro (Jesus Cristo) libertou os homens não só da culpa pelo pecado, mas também das maldições da miséria e da enfermidade nesta vida, garantindo a salvação na segunda vida.

Em suma, para a IURD, o verdadeiro cristão é liberto dos espíritos maus e, assim, é abençoado financeiramente e livre de doenças. Contudo, para obter todos esses benefícios, é necessário o sacrifício financeiro. Para estimular a ideia de existência de uma relação de troca entre o homem e Deus, segundo o que se pode afirmar que o crente doa para, só então, poder receber, a igreja enfatiza fortemente a necessidade de dízimos e ofertas em todos os cultos. Vejamos o que diz o bispo Edir Macedo a esse respeito:

Quando damos o dízimo, Ele (Deus) fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir sua palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a nossa vida, atuando em doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da vida humana. (MACEDO, 2005, p. 95).

Essa visão rompe com o Protestantismo inicial, o qual se baseava na cruz, na piedade e na humilhação, a fim de conquistar a redenção futura da alma na vida pós-morte. Desse modo,

a IURD “promete a possibilidade da prosperidade na terra com paraíso de riquezas e, depois, a salvação no céu”. (FERRARI, 2005, p. 134). A seguir, descrevemos de que modo a IURD desenvolve seus cultos alicerçados no trinômio cura, libertação e prosperidade.

1.6.2. A Liturgia Iurdiana

Baseada nesses princípios, os cultos na IURD possuem uma liturgia bem simples e despojada, com características performáticas que envolvem bater palmas e levantar os braços, além da realização de interações animadas, como, por exemplo, o uso do jargão “Tá ligado”, em sentido de concordância, ou, ainda, “Sai!”, acompanhado de movimentos das mãos para afastar o mal. Além disso, as reuniões são marcadas pelas constantes interseções em busca de bens e pelos testemunhos de vida daqueles que já alcançaram as bênçãos. Os pastores são os protagonistas de tudo e possuem certa liberdade na direção dos cultos, conforme explica Mariano:

Não há [...] demarcação de um momento para orar, de outro para cantar, exorcizar ou ofertar. Os pastores detêm grande liberdade no culto. [...] É o pastor quem faz tudo. Ele ora, canta, prega, faz os pedidos de ofertas. Comanda o culto do começo ao fim. Dirige as ações dos fiéis. (MARIANO, 2014, p. 57).

Em relação aos hinos, a IURD diverge bastante das outras igrejas neopentecostais. O louvor fica, praticamente, em segundo plano e se resume a corinhos¹³ acompanhados apenas por um teclado, e não há formação de grupos musicais como nas outras igrejas, ficando a cargo do próprio pastor conduzir a execução dos cânticos, os quais são usados também como motivação de forma animada e cativante. Sobre as pregações, elas são centradas no discurso “Pare de sofrer” e são encorpadas por uma mensagem que oferece esperança de uma vida melhor e abundante: saúde perfeita, prosperidade material e felicidade. As mensagens giram em torno da “guerra santa” entre Deus e o Diabo, como já explicamos anteriormente, e de frases motivacionais. Buscando sempre uma explicação bíblica para respaldar suas mensagens, a IURD explora com maestria o imaginário e a fé dos fiéis, “[...] construindo ações simbólicas onde os grupos e indivíduos revivem experiências fundamentais geradoras de sentido e segurança para a vida presente [...]”. (GONÇALVES, 2013, p. 85).

¹³ Nas Igrejas Protestantes, corinhos são músicas curtas, repetitivas e animadas entoadas pelos fiéis.

2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Neste capítulo, continuamos apresentando as condições de produção do discurso de Cristiane Cardoso. Para isso, apresentaremos diferentes discursos da IURD que corroboram a construção da identidade feminina na iurdiana e a fabricação do corpo nessa instituição, a fim de favorecer a compreensão das práticas discursivas de Cristiane Cardoso, embora não pretendamos esgotar ou delimitar a identidade da mulher iurdiana. Dito isso, antes de adentrarmos nos discursos da Universal sobre as mulheres, faremos um breve resgate do papel feminino no universo da narrativa bíblica (que é uma narrativa religiosa entre várias outras existentes) e no universo cristão protestante, para tentar compreender melhor quais práticas discursivas constroem continuamente a identidade da mulher que estão presentes nos aconselhamentos de Cristiane Cardoso.

2.1. O papel da mulher no mundo bíblico

Além de representar o alicerce que une todos os cristãos, a Bíblia é tida como regra de fé e manual para a vida, pois, para nós, é inspirada pelo próprio Deus, conforme atesta o apóstolo Paulo em carta a Timóteo: “Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”. (2 Timóteo 3:16). Segundo esse trecho, a Bíblia seria detentora de verdades e leis incontestáveis que todos os cristãos deveriam seguir como modelo de vida. Nesse sentido, há muito tempo, a Bíblia vem sendo utilizada como fundamento para justificar a submissão feminina, haja vista ela ter sido escrita por homens em contextos históricos patriarcais e ser, ainda hoje, interpretada por eles de maneira majoritária. Com base nisso, visamos, nesta seção, destacar os principais textos bíblicos que alimentam a visão sobre a mulher dentro das igrejas cristãs. Essas informações constituem as formações imaginárias sobre as mulheres presentes no interdiscurso¹⁴, vindo de longa data. Portanto, fazem parte também do contexto ou das condições de produção do discurso de Cristiane Cardoso nos termos da AD.

Começamos esta exposição pelo início de tudo: a criação do mundo. De início, temos a seguinte narração: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei

¹⁴ A noção de “interdiscurso” alinha-se à concepção de que os discursos trazem, em sua constituição, outros discursos, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos. Isso significa que não há discurso homogêneo, fechado em si mesmo e dotado de uma fonte única do dizer.

uma auxiliadora que lhe seja idônea”. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Gênesis 2:18). Deus faz, então, Adão cair em um sono profundo e retira dele um osso auxiliar das costelas, do qual Eva é criada. Nesse primeiro momento, é possível perceber a marcação do papel coadjuvante da primeira mulher, que é feita a partir de Adão, para servi-lo, já que não era bom que ele estivesse só. A partir disso, é possível entender que a mulher é gerada em decorrência da necessidade do homem. É preciso ressaltar, ainda, a substantivação do adjetivo “auxiliadora” para nomear a mulher: “[...] far-lhe-ei uma auxiliadora [...]”. Nota-se que, nessa narrativa, a mulher já é pensada como auxiliar. Junto a isso, observamos a oração adjetiva “[...] que lhe seja idônea”, a qual caracteriza a mulher a ser criada. Idôneo é aquele que demonstra aptidão e/ou outras características necessárias para a realização de determinadas tarefas. Nesse trecho, então, temos uma mulher pensada e criada para Adão, feita sob medida para atender às suas demandas.

Outro ponto a destacar é que, segundo a narrativa bíblica, Adão foi designado para nomear todos os seres vivos, inclusive Eva, o que se evidencia no seguinte fragmento: “esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada”. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Gênesis 2:23). De Vaux (2003 *apud* SILVA, 2015) menciona que o ato de dar nome a alguém ou a algo significa ter poder ou domínio sobre aquilo. Ainda em Gênesis, outro fato marcante é narrado e se perpetua na crença judaico-cristã até hoje: a culpabilização de Eva pela entrada do pecado no mundo. Após serem criados, Adão e Eva viviam livremente no Éden e tinham a permissão divina para consumir os frutos das árvores existentes ali, com exceção da árvore central do jardim – aquela do conhecimento do bem e do mal. No entanto, Eva teria dado ouvidos a uma serpente falante e comido do fruto proibido, além de ter persuadido o homem a também comê-lo, provocando, assim, a entrada de todos os males na Terra. Dessa maneira, a mulher seria a responsável pela perdição do mundo. Desde então, as mulheres foram associadas à emoção e à perda de controle, pois foi Eva quem se deixou seduzir pelas belas palavras da serpente. Por causa disso, tornou-se necessário que as mulheres sejam reguladas e supervisionadas por um homem.

Para além dessas narrativas de Gênesis, em todo o Antigo Testamento, é possível perceber a formação estritamente patriarcal das famílias. Quanto à hierarquia dos gêneros, De Vaux (2003 *apud* SILVA, 2015) aponta que os homens eram os donos das esposas. Silva (2015), por sua vez, exemplifica tal fato com a passagem bíblica localizada no livro de Êxodo, segundo a qual a mulher é colocada como posse do homem juntamente com a escrava, o escravo, o boi e o jumento: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa

alguma que pertença ao teu próximo”. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Êxodo 20:17). Quanto às funções das mulheres naquela época, Neuenfeldt diz o seguinte:

Estão estreitamente relacionadas com a divisão sexual do trabalho. Às mulheres é delegada a função reprodutiva e elas se ocupam do trabalho primário na esfera doméstica. Os papéis sociais atribuídos aos sexos são construídos de acordo com as expectativas de gênero que a sociedade patriarcal instituiu. As atividades exercidas pelas mulheres tendem a estar restritas ao espaço e às necessidades do âmbito doméstico, determinado pela divisão sexual do trabalho. (NEUENFELDT, 2006, p. 84).

Em relação à educação dos filhos, De Vaux afirma:

A mãe cuidava das crianças enquanto pequenas. Ao saírem da infância, entretanto, a responsabilidade pelos meninos era do pai, que lhes ensinava sobre tradições nacionais, religiosas, literatura, dava-lhes educação profissional etc. Além disso, aos meninos era permitido assistir a debates dos Anciãos nas aldeias, a julgamentos e a transações comerciais. Eles ainda recebiam ensinamentos didáticos, já que, quando adultos poderiam ser incumbidos de ensinar o povo sobre a Torá. Tudo isso se refere unicamente à educação dos meninos. As meninas ficavam sob a direção de sua mãe, que as ensinava o que deviam saber para seu ofício de mulher e para o cuidado de uma casa. (DE VAUX, 2003 *apud* Silva, 2015, p. 73-74).

Fica claro que, na sociedade israelita, às mulheres é negado o espaço público, ficando elas responsáveis pelo setor doméstico e pela criação dos filhos pequenos. Mais que isso, lhes é limitado, também, o exercício de tomada de decisões, pois tal prerrogativa está sob a autoridade dos patriarcas. Já no Novo Testamento, parte que introduz o cristianismo na Bíblia, o foco já não é mais as tradições e culturas hebraicas, mas, sim, “a boa notícia”, que é a vinda do messias, Jesus, e a abertura do evangelho para todos os povos. Nele, podemos dizer que o personagem de maior destaque foi o apóstolo Paulo, o qual, ao mesmo tempo em que foi importante para a organização e a propagação das ideias cristãs, foi também responsável por reforçar a hierarquização baseada no sexo, apresentando, muitas vezes, textos que corroboravam a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem, como podemos perceber a partir dos trechos bíblicos abaixo:

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, I Coríntios 11:3).

Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Colossenses 3:18).

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Efésios 5:24-25).

Esses trechos são apenas alguns exemplos dos escritos de Paulo sobre as mulheres e as relações entre os sexos em geral. As igrejas evangélicas utilizam os mesmos textos bíblicos para justificar a definição do papel da mulher como subalterna aos homens. A reprodução de valores tradicionais quanto ao papel da mulher é bastante clara quando fazemos a leitura desses textos bíblicos, que, além de reforçarem a ideia de fragilidade atribuída à figura feminina, evidenciam o homem como a cabeça do lar e posicionam a mulher em segundo plano, como pessoa dependente e submissa, que deve desempenhar o papel de auxiliadora e cuidadora do marido, dos filhos e do lar, finalidade para a qual, afinal, fora criada.

Silva (2015, p. 77) chama atenção, ainda, para o fato de que, “[...] embora a escrita de alguns livros do Antigo Testamento tenha sido atribuída a mulheres, tais como os livros de Rute, Ester e Judite, no Novo Testamento, foram selecionados apenas livros escritos por homens”. Apesar disso, é preciso ressaltar a exclusão do evangelho de Maria Madalena da coletânea bíblica, que “[...] a aponta como a apóstola que mais esteve próxima a Jesus. A principal implicação do Evangelho de Maria Madalena é a que a coloca como sendo a preparada por Jesus para transmissão de seus conhecimentos, a ‘Apóstola dos Apóstolos’”. Além disso, Silva (2015, p. 77) cita um estudo publicado pela reverenda Lindsay Hardin Freeman e divulgado pelo site Dailymail¹⁵, segundo o qual “[...] é constatado que das 1,1 milhões de palavras contidas na Bíblia, apenas 14.056 foram pronunciadas por mulheres, ou seja, as mulheres na Bíblia falam por apenas 1,1% do tempo”. Somado a isso, Freitas e Casagrande (2013, p. 9) chamam a atenção para o fato de que muitas mulheres bíblicas não são sequer nomeadas, pois “[...] suas existências estão diretamente ligadas a personagens bíblicas masculinas, mais uma representação clara da sociedade patriarcal que imperava”.

No entanto, assim como as línguas particulares estão diretamente implicadas nas políticas de poder vigentes na sociedade (RAJAGOPALAN, 2008), essa interpretação bíblica que enfatiza a submissão das mulheres também está implicada nas políticas de poder vigentes, pois, “[...] sendo um produto de uma sociedade patriarcal, onde o masculino é dado como normativo, refletirá o pensamento daqueles que a escreveram”. (FREITAS e CASAGRANDE, 2013, p. 9). Com base nisso, levando em consideração que os livros bíblicos foram escritos majoritariamente por homens, o que prevalece na coletânea é o modo de ver masculino. Nesse sentido, os preceitos religiosos passam pela visão masculinizada e patriarcal da época. Assim, os homens “apenas traduziram em palavras algo comum dentro da sociedade”. (FREITAS e

¹⁵ Informações disponíveis em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2940774/Study-finds-93-women-Bible-speak-just-1-1-cent-time.html>. Acesso em: 12 mai. 2015.

CASAGRANDE, 2013, p. 9). Ademais, é preciso ressaltar que a interpretação bíblica, em sua maioria, também é feita por homens e não leva em consideração o contexto histórico no qual a Bíblia foi construída, como exemplificam Freitas e Casagrande:

As leis de Moisés, encontradas no livro de Levítico, também não são contestadas e servem de discurso de dominação, como a que prega que a mulher, com “fluxo sanguíneo”, é considerada imunda e tudo a que tocar será considerado imundo. Ora, os hebreus – ou um determinado grupo de pessoas – haviam saído das terras do Egito e eram vulneráveis numericamente perante qualquer povo que os atacasse, portanto deveria incentivar a natalidade para que se multiplicassem. Neste ponto de vista, não surpreende, que, em uma sociedade sem o domínio da medicina, se apelasse para o sobrenatural – a “palavra” de Deus – para manter a mulher dentro de casa durante seu período fértil, “dar” a mulher viúva para o irmão do falecido – para continuar gerando filhos – e garantir que o homem não desperdiçasse sua “semente da cópula” em algo não fértil, como em outros homens e/ou animais. (FREITAS e CASAGRANDE, 2013, p. 10).

Nesse cenário, emerge um novo desdobramento da Teologia, denominado de “Teologia Feminista”. Para alguns, no entanto, parece não ser possível falar em “Teologia Feminista”, pois, para esses, Teologia e feminismo são opostos completos. Contudo, caso eu, como pesquisadora e feminista que não abre mão de sua espiritualidade, concordasse com essa visão, seria bastante incoerente. Por isso, deixo a cargo do meu leitor decidir se entende ser possível ou não uma Teologia Feminista. Dito isso, vejamos um pouco mais sobre as origens dessa Teologia nas palavras de Furlim:

A Teologia Feminista integra uma rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres. Essa Teologia, inicialmente, se distinguiu por problemáticas contextuais vinculadas aos diferentes continentes em que foi produzida. Na América Latina e no Brasil a Teologia Feminista surge conectada com a Teologia Feminista do Primeiro Mundo, porém com as características específicas do contexto sociocultural latino-americano-americano. Essa produção teve início nos anos 1970 e 1980 e aos poucos foi se consolidando e se abrindo, também, para a abordagem de gênero. (FURLIM, 2011, p. 140).

Assim, a Teologia Feminista é caracterizada como uma tentativa de desconstruir as formas de dominação, invisibilidade e discriminação vividas pelas mulheres dentro da igreja. Esse desdobramento surge do contexto das lutas femininas das décadas de 60 e 70 e vem

questionando as estruturas “normativas” do cristianismo – masculinamente falando, essa nova corrente da teologia vem ao encontro dos estudos feministas e de gênero. Juntos fazem o questionamento e propõem um novo horizonte para as representações que sustentaram o pensamento androcêntrico e que subordinaram as mulheres, não só nas igrejas, mas na sociedade como um todo. (FREITAS & CASAGRANDE, 2013, p. 1).

Essa teologia afirma o caráter temporal desses textos bíblicos, ratificando que não cabem mais para descrever a sociedade atual, na qual a mulher avança continuamente no mercado de trabalho, conquista independência financeira e possui acesso a métodos contraceptivos, detendo, assim, maior controle sobre seus corpos e se emancipando cada vez mais. Um exemplo que comprova que esses valores são ultrapassados é o que afirmava Paulo no Novo Testamento, conforme postula Mill:

Talvez tenham dito que a religião impõe a obrigação da obediência; assim como todo fato estabelecido, que é intolerável para admitir qualquer outra justificativa, sempre nos é apresentado como uma ordem da religião. A Igreja, na realidade, recomenda tal obrigação em seus formulários, mas seria difícil obter tal injunção do Cristianismo. Sabemos que São Paulo disse: “Esposas, obedecem aos vossos maridos”; mas ele também disse: “Escravos obedecem aos seus senhores”. Não era tarefa do apóstolo Paulo, nem era condizente com seu objetivo, a propagação do Cristianismo, provocar alguém para revoltar-se contra as leis existentes. (MILL, 2006, p. 70).

Se o que Paulo afirma sobre as mulheres é válido para os dias atuais, deveriam os cristãos também defender a contemporaneidade da escravidão? A Teologia, em uma perspectiva feminista, visa a provocar esse tipo de indagação diante dos textos bíblicos. Assim, se a exploração de um ser humano é vista como inconcebível nas igrejas, por que a subserviência das mulheres ainda é aplaudida e apoiada? Ademais, a hermenêutica feminista propõe o resgate do protagonismo de algumas figuras femininas que tiveram suas histórias pormenorizadas ou apagadas no momento de escrita e compilação da Bíblia devido à interpretação pautada na visão patriarcal. Dentre elas, destacam-se Priscila (I Coríntios 16:19; Romanos 16:3; Atos 18:1-2), Nínia (Colossenses 4:15), Lídia (Atos 16:15,40) e Júnias (Romanos 16:7), pela função de liderança que exerciam nas primeiras comunidades cristãs. Outro exemplo é o caso de Maria Madalena:

Os ministérios de evangelização, da cura e da profecia são voltados aos homens, encontramos, talvez, aí, o motivo da participação de Maria Madalena na Bíblia ter sobrevivido apenas até o momento em que presencia a ressurreição de Jesus Cristo. Como uma mulher, Maria Madalena cumpriu seu papel, cuidou de Jesus, fazendo companhia a Maria, mãe de Cristo, porém sua palavra foi repugnada e não considerada na nova igreja que se formava. [...] Inserir sua importância no Novo Testamento, até mesmo relatar um possível relacionamento íntimo com Jesus, seria municiar as futuras gerações de mulheres com a tão sonhada igualdade de poder com o homem, ora, se Maria Madalena foi a escolhida por Jesus para ministrar seus ditos e formar a nova igreja cristã, ao invés de um Papa – Pedro –, então a Igreja Católica teria iniciado com uma Papisa. (FREITAS e CASAGRANDE, 2013, p. 7).

O papel de Maria Madalena como protagonista e pregadora do evangelho, que teria sido dado a ela pelo próprio Jesus, foi apagado do Novo Testamento, juntamente com o evangelho escrito por ela, mesmo que tenha sido testemunha ocular da crucificação e da ressurreição de

Jesus. Além disso, muitos cristãos carregam a memória de Maria Madalena¹⁶ como prostituta, apesar de a Bíblia nunca ter mencionado isso, o que reforça a existência de uma interpretação androcêntrica de muitos textos bíblicos “[...] para situar a mulher, no caso Maria Madalena, no seu devido lugar, ou seja, na escuridão”. (FREITAS & CASAGRANDE, 2013, p. 10). Silva destaca outras mulheres que tiveram importantes papéis nas histórias bíblicas:

Débora foi a única mulher a se tornar juíza de Israel e teve papel importante em uma vitória sobre o exército cananeu; Raabe também não teve apenas um papel coadjuvante; Judite desafia a autoridade do homem e, ao destruir o exército de Nabucodonosor, salva Israel e o povo judeu; Rute, uma jovem viúva que não se rendeu ao peso de sua situação e trabalhou para sustentar a si mesma e a sua sogra, Noemi, conseguindo a apreciação de Boaz, um homem rico com quem se casaria depois; Ester, a mulher judia que se tornou a rainha da Pérsia e salvou seu povo do extermínio. (SILVA, 2015, p. 78).

Além disso, é importante salientar o bom relacionamento que Jesus mantinha com as mulheres. Um grupo delas, por exemplo, o avistou antes dos demais após sua ressurreição. Outro registro bíblico dá conta de que Cristo teria livrado da morte por apedrejamento uma mulher acusada de adultério¹⁷. Nesse caso, os fariseus não conduziram o casal envolvido no ato aos pés do Mestre, apenas a mulher, apesar de a lei judaica mandar que ambos fossem apedrejados. Há que se destacar, por fim, que o próprio Jesus Cristo nasceu independentemente da intervenção masculina, conforme diz a Bíblia, através do que se sustenta a ideia de que não havia nele cromossomos masculinos, dado que fora concebido por Maria por obra do Espírito Santo, quando ela ainda era virgem. Apesar de Maria não ter tanto destaque para os protestantes, é a ela que os pedidos são direcionados no Catolicismo, com base na crença de que é ela quem intercede pelos fiéis junto a Jesus, que sempre lhe atende.

Em suma, é possível afirmar que, de fato, há muitos trechos bíblicos que corroboram o reforço do imaginário social de inferioridade da mulher em relação ao homem, sustentando a crença de que as atribuições que ela deve desempenhar são as de dona de casa, mãe e esposa submissa. Essa ideia serve para justificar pensamentos e ações machistas nas igrejas e na sociedade como um todo. No entanto, a Teologia Feminista vem mostrando que a relação entre as mulheres e a Bíblia não se traduz em um abismo imutável no que tange à igualdade e à

¹⁶ Em nenhum trecho bíblico se acha que Maria Madalena foi uma prostituta. Essa conclusão tem origem em uma interpretação popular de uma passagem registrada no capítulo 7 do Evangelho de Lucas, a qual relaciona Maria Madalena à mulher que aparece portando um vaso de alabastro com unguento e unguendo Jesus. Essa mulher anônima é designada apenas como “pecadora”. Todavia, não há evidências de que essa mulher do capítulo 7 realmente tenha sido uma prostituta, pois o termo grego empregado originalmente nesse texto, e traduzido como “pecadora”, pode não indicar exclusivamente uma meretriz e menos ainda que a tal mulher fosse Maria Madalena.

¹⁷ João 8:1-11.

respeitabilidade entre os gêneros, mas é resultado de uma interpretação machista e patriarcal que não leva em consideração o contexto histórico no qual a Bíblia foi construída.

Essa nova perspectiva de leitura bíblica demonstra que, anteriormente aos discursos bíblicos, já existia uma visão patriarcal na sociedade, pela qual esses discursos eram construídos, visão essa que possui um antes não histórico, ou seja, sem um ponto inicial, causando a impressão de que sempre foi assim e colocando a submissão da mulher como algo natural. Essas práticas e discursos possuem pontos de origem difusos e não recuperáveis, logo, conforme Butler (2003), essa é uma visão passível de contestação. Sendo assim, a Teologia Feminista propõe novas formas de leitura e derruba essa “verdade universal”. Essa forma patriarcal de ver o mundo orienta e perpassa a visão da espiritualidade. Portanto, essa visão machista não é exclusividade da Bíblia ou dos cristãos; ela é anterior e muito maior do que o próprio judaísmo e o cristianismo. A Bíblia e essas religiões são resultados de uma espiritualidade já afetada por sociedades patriarcais.

A professora de Teologia Feminista Elaine Neuenfeldt chama a atenção para o fato de que, para se fazer uma leitura mais crítica da Bíblia, é preciso levar em consideração que

nenhum dos grupos religiosos populares (mulheres, pobres e heterodoxos) tem sua palavra expressa na redação do texto bíblico. Ou seja, o texto escrito na Bíblia Hebraica reflete a opinião de um determinado grupo oficial, elitista, masculino e presumidamente ortodoxo no antigo Israel. O texto reflete as ideologias dos grupos hegemônicos. Portanto, as referências às práticas dos grupos populares sempre seriam informações sobre os grupos e não dos grupos em si. (NEUENFELDT, 2006, p. 88).

Logo, toda a Bíblia é escrita dentro de um campo de poder sistematicamente construído que se autoafirma como realidade. Além de ser escrita sob essa perspectiva, a Teologia Feminista chama a atenção para o fato de que a própria seleção de textos constituintes da Bíblia foi feita por homens inseridos em culturas que valorizavam os homens. Somado a isso, o poder da interpretação desses livros sempre esteve a cargo de homens, os quais propunham leituras a partir de sua visão de mundo masculina e patriarcal para justificar a submissão e a pouca valorização feminina no âmbito cristão. Diante disso, a Teologia Feminista ainda faz emergir os papéis de protagonismo feminino na Bíblia e propõe novas interpretações aos seus textos, fazendo com que haja deslocamentos, ainda que lentos, nas estruturas que antes pareciam rígidas dentro das igrejas protestantes. Ferreira e Casagrande (2013, p. 11) resumem o empreendimento da Teologia Feminista da seguinte forma: “a Bíblia, por si só, não deve ser tachada como machista, pois quem a engendra como tal são os homens que – além de construí-la como conhecemos hoje – a interpretam a seu bel prazer, colocando qualquer outra possibilidade hermenêutica como errônea e/ou anti-cristã”.

Sendo assim, a partir dessa hermenêutica feminista, já é possível perceber uma mínima abertura para possíveis discussões em torno das relações de gênero dentro das igrejas que talvez possam (será uma esperança?) permitir alguns passos em direção a possíveis transformações na forma como a relação de gênero é vista nas igrejas protestantes, embora se saiba como é difícil derrubar antigos preceitos enrijecidos na sociedade. Dessa forma, essas discussões teológicas entram, aos poucos e em maior ou menor grau, dentro das igrejas protestantes, convivendo, mesmo que de forma responsiva, na perspectiva do dialogismo inerente ao discurso e se chocando a todo momento com aqueles preceitos patriarcais que perduram majoritariamente. Tendo essas concepções do papel da mulher no universo bíblico, fazemos, na seção seguinte, um breve levantamento de como se dão as relações de gênero nas diferentes ramificações protestantes, sobretudo no pentecostalismo.

2.2. A mulher nas igrejas protestantes: há algum deslocamento?

As mulheres são maioria nas Igrejas Protestantes, apesar da visão androcêntrica que prevalece nessas instituições. Para Perrot (2007), a religião, ainda que reforce a submissão das mulheres, apresenta-se como um abrigo às suas misérias, pois desencadeia formas alternativas de poder institucional, uma vez que, nas igrejas, elas encontram apoio emocional e material. Além disso, como, normalmente, as mulheres estão à frente do cuidado de suas famílias, as mensagens religiosas desempenham uma função de consolo diante das constantes pressões sofridas em torno das diferentes funções e papéis sociais que as mulheres desempenham enquanto mães, esposas, trabalhadoras, donas de casa e cidadãs. Por isso, muitas “optam” por envolver-se em comunidades religiosas, tendo-as como fortes elementos de apoio, mesmo que isso reforce as visões de uma sociedade machista. No entanto, as transformações do mundo, sobretudo o fortalecimento do capitalismo e da busca pelo lucro que alimenta a Teologia da Prosperidade nas igrejas, como vimos no capítulo 1, têm impactado a forma como as mulheres são vistas e tratadas nessas igrejas. Isso não significa dizer que as igrejas as tratam com a dignidade que lhes é devida, mas que é possível notar, em maior ou menor grau, algumas fissuras nas formas de se pensar os papéis femininos, como veremos neste tópico.

Todas as igrejas que utilizam a Bíblia como regra de fé e prática adotam os mesmos textos bíblicos e as mesmas ideias para tratar as questões de gênero. Ou seja, todas partem da premissa de que homens e mulheres são naturalmente diferentes, sendo o homem biologicamente mais forte, criado primeiramente para ocupar a posição de liderança. Já a mulher seria, por “natureza”, o sexo mais frágil, que deveria desempenhar um papel de

submissão, tendo sido criada para auxiliar e cuidar do homem, da casa e dos filhos. Não obstante, o que ocorre é que, em algumas igrejas, essas premissas são levadas de forma mais radical, enquanto, em outras, as mudanças sociais têm entrado ainda que de modo responsivo e provocado pequenas fissuras, sobretudo quando vão ao encontro da Teologia da Prosperidade. Apesar disso, nenhuma igreja questiona os ideais de submissão.

Nesse sentido, enquanto igrejas mais conservadoras impõem regras radicais relacionadas a aspectos como vestuário, cabelo, maquiagem e corpo, proibindo as mulheres de exercerem cargos nos templos, outras são mais brandas em relação ao comportamento feminino e até permitem que desempenhem algumas atividades. Há, ainda, algumas igrejas nas quais as mulheres ocupam todos os cargos existentes e, por fim, aquelas que não impõem questões relacionadas a roupas e comportamento, mas as proíbem de que exerçam cargos eclesiásticos. Vejamos um pouco melhor, então, essa questão delicada relativa ao que é possível ou impossível em termos de hábitos ou “modos de ser” das mulheres nas igrejas de forma geral.

Em um primeiro momento, falaremos sobre os usos e costumes, termo que se refere às regras relacionadas ao corpo dos fiéis, mais intensamente ao corpo feminino, tais como a proibição do uso de calças, maquiagens, brincos, corte e pintura de unhas e cabelos, sendo esse um tema muito controverso e debatido no meio cristão brasileiro. Em geral, as igrejas se baseiam em dois textos bíblicos para determinar um padrão de roupas femininas, sendo o primeiro localizado no livro de Deuteronômio e o segundo na primeira carta de Paulo a Timóteo:

A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor seu Deus. (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, Deuteronômio 22:5).

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuários dispêndio; porém com boas obras. (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas) (BÍBLIA NOVO CÂNTICO, I Timóteo, 2:9-10).

A partir daí, as interpretações dos textos acima variam muito. Em geral, as igrejas tradicionais históricas não proíbem o uso de maquiagem, corte de cabelos e não determinam o uso de roupas específicas. Porém, ainda assim, chamam a atenção das mulheres para tomarem cuidado com o que vestem, fabricando os corpos femininos aos moldes desejados, como, por exemplo, a igreja Luterana, que afirma, em sua página, que “[...] o que deve ser evitado é a indecência, ou o escândalo no uso de roupas (vestidos ou calças compridas), e não o tipo de roupa, porquanto a Bíblia não diz qual seja a roupa própria de homem e qual seja a roupa

peculiar à mulher”. (HORA LUTERANA, s/p). Outro exemplo é a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que, de acordo com Pereira (2014, s/p), defende que:

[...] a roupa de uma mulher cristã deve revelar modéstia, pudor e bom senso. [...] Elas não devem se esquivar da moda, a menos que, a moda seja imoral e ou indecente. Assim, roupas curtas, transparentes, decotadas, calças apertadas e ou apertadíssimas, tomara-que-caia e vestimentas semelhantes devem ser evitadas. Isto deve começar desde criança.

Nota-se que as Igrejas Tradicionais costumam ser mais brandas em relação à doutrinação corporal das mulheres, apesar de sempre partirem do pressuposto de que os corpos femininos devem ser cobertos para não “despertar” a lascívia nos homens. No entanto, é a partir do surgimento do pentecostalismo que muitos líderes começaram a impor regras relacionadas aos usos e costumes, o que gerou alguns radicalismos. O exemplo mais contundente e que perdura até os dias atuais é o caso da CCB, na qual se encontra “o público feminino com roupas sóbrias, de saias compridas e nenhum decote ou mangas curtas”. (ALENCAR, 2014, p. 175). Na mesma denominação, as mulheres não podem cortar ou pintar os cabelos, não utilizam maquiagem ou brincos e não podem pintar as unhas. Além disso, nos templos existem entradas separadas para homens e mulheres, os quais também se sentam separados, em lados opostos da congregação. Alencar (2014) destaca o uso do véu sobre as cabeças femininas durante todo o culto, o que, diante dos diferentes tipos de cabelo, uniformiza as mulheres.

Outra Igreja Pentecostal que valorizava muito a aplicação de usos e costumes é a AD, com paradigmas muito semelhantes aos da CCB, exceto pelo uso do véu e pela separação de homens e mulheres dentro do templo. Entretanto, atualmente, muitas coisas mudaram na AD, que se encontra menos rígida, inclusive, no que diz respeito aos padrões antes ditados com relação ao vestuário feminino. Somam-se a essas mudanças as muitas divisões e dissensões de ADs pelo Brasil afora, de modo que não há um padrão entre elas. Assim, há ADs mais rigorosas, outras mais brandas e até aquelas que já se libertaram de vez das velhas imposições quanto aos usos de roupas, maquiagem e cabelos.

Mariano (2014) afirma que os anos 50 marcaram o início da “alteração no perfil estético” dos crentes. Segundo o sociólogo, as igrejas do deuteropentecostalismo, sobretudo a Quadrangular, mostravam-se menos rigorosas quanto aos usos e costumes. Nos anos 60, as mulheres já se vestiam conforme a moda, usando decotes, vestidos sem mangas, maquiagens discretas e já cortavam os cabelos. Porém, foi nos anos 70 que despontaram as significativas transformações na estética pentecostal, sobretudo com o surgimento das Igrejas Neopentecostais, que

Rompendo com o contra culturalismo pentecostal vigente – de caráter repressivo e retrógrado em vez de libertário e inovador dos costumes –, transformaram radicalmente a imagem e o aspecto dos crentes. [...] Aboliram as “vestes dos santos”, [...] adotaram ritmos musicais, vestuário, comportamentos e até estilos de vida similares aos de seus pares descrentes, subvertendo de vez o padrão estético [...]. (MARIANO, 2014, p. 189).

Com essas mudanças instituídas pelo neopentecostalismo, aumentou ainda mais a diferenciação interna do pentecostalismo. Mesmo que a imagem dos homens evangélicos trajando paletós e gravatas e as suas mulheres e filhas vestindo longas saias, cabelos cumpridos, sem maquiagem ou brincos nada tenha a ver com a realidade atual, algumas igrejas ainda mantêm alguns usos e costumes tradicionais. Exemplo disso é a igreja Deus É Amor, que, apesar de pertencer ao deuteropentecostalismo, onda pentecostal mais aberta no que tange à vestimenta, sustenta usos e costumes extremamente rígidos. Desse modo, permanecem como as mais conservadoras e legalistas algumas ADs, a CCB e a Deus É Amor, sendo as duas últimas as mais rigorosas. Isso faz com que as três se “[...] distanciem mais e mais até das igrejas do deuteropentecostalismo, as quais, umas mais outras menos, vêm, nos últimos anos, diminuindo exigências, fazendo frequentes concessões em seus usos e costumes de santidade”. (MARIANO, 2014, p. 189).

Já a participação das mulheres em cargos, sobretudo o pastorado feminino, é um tema cercado por muitos debates e contradições no meio das igrejas protestantes brasileiras. Os textos bíblicos que são tomados como base para a sustentação dos principais argumentos nesse sentido são os que se encontram em I Timóteo 2:11-12, que diz: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio”; e em I Coríntios 14:34-35, que recomenda que “as mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar”. Com base nisso é que muitas igrejas proíbem a participação feminina em cargos de liderança, delegando a elas atividades como a docência nas escolas bíblicas dominicais e a organização de grupos de oração, louvor, serviço social, visitação a enfermos e enlutados, comando da cantina da igreja ou limpeza dos templos e outras atividades auxiliares.

Nesse sentido, entre as igrejas tradicionais, a IPB até hoje não aceita a ordenação de mulheres ao diaconato¹⁸, ao presbitério¹⁹ e menos ainda ao pastorado, pois, segundo o reverendo Augustus Nicodemus (1997, p. 15), “não há respaldo bíblico suficiente para que se recebam

¹⁸ São homens que exercem o trabalho voluntário de auxiliar os pastores e presbíteros, cuidar da organização da igreja, recepcionar nas portas dos templos e estar à frente do trabalho social da igreja.

¹⁹ São homens que exercem voluntariamente o trabalho de liderar a igreja, são responsáveis pela tomada de decisões administrativas, financeiras e tudo que concerne à igreja naquelas que possuem o sistema de organização não episcopal, mas por meio de um conselho.

mulheres ao pastorado, presbiterado ou bispado de igrejas cristãs locais, onde irão, como tais, presidir, governar, e ensinar doutrinas aos homens”. Entretanto, mesmo que essa igreja se mantenha fechada à ordenação feminina, já é possível perceber pequeninas rachaduras nesse sistema, pois, no 39º Supremo Concílio da IPB, foi liberado que as mulheres pregassem nos cultos: “[...] excepcionalmente, mulheres podem pregar, quando não houver disponibilidade de oficiais para pregar e sempre sob a autoridade do pastor”. (NICODEMUS, 2018, s/p *apud* PAULA, 2018, s/p). Nesse sentido, ainda que com ressalvas, algumas mínimas e quase insignificantes frestas podem ser identificadas na IPB, visto que antes, em hipótese alguma, as mulheres podiam pregar nos cultos.

Por outro lado, a Igreja Metodista, em seu Concílio Geral no ano de 1971, aprovou a ordenação pastoral sem distinção de sexo, seguida da Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil e da Igreja Episcopal Anglicana. A Igreja Metodista conta com cerca de 80 pastoras, a Luterana, com cerca de 40, e a Igreja Episcopal, com duas. (ROHDEN, 1997). Não obstante, essa conquista de espaço feminino nas igrejas históricas é algo mais recente. Foi no nascimento do pentecostalismo norte-americano que as mulheres encontraram maior abertura para liderar e falar no altar das igrejas, como mencionado no capítulo 1. Nos movimentos *holiness* e pentecostal estadunidenses, era muito comum mulheres liderando grupos e dirigindo cultos.

No entanto, como vimos no capítulo 1, ao chegar ao Brasil, o pentecostalismo vem desprovido da militância enraizada no pentecostalismo norte-americano. Talvez essa não militância nas igrejas pentecostais brasileiras explique o fato de a AD, que contava com muitas lideranças femininas quando chegou ao Brasil, ter simplesmente apagado da história oficial o registro dessas mulheres importantes para o nascimento da igreja no país, conforme afirma Alencar (2014). Depois disso, proibiu completamente a presença feminina na liderança, o que faz com que as mulheres assembleianas, de modo geral, sejam apenas membros da congregação. Atualmente, enquanto a maioria das ADs mantém a proibição, outras permitem que as mulheres ocupem todos os postos existentes no ministério. Já a pentecostal CCB nunca aceitou mulheres à frente dos trabalhos, o que também pode ser considerado resultado da ausência da militância tão comum às Igrejas Pentecostais estadunidenses, mas ausente no Brasil. Nessa igreja, elas não pregam e sequer podem participar das orquestras. A elas é reservado o papel de auxiliar os homens na Obra de Piedade (comissão responsável por auxiliar membros em dificuldades financeiras) ou tocar o hino do silêncio²⁰. A maior parte das igrejas do deuteropentecostalismo parecem mais abertas ao pastorado feminino, como é o caso da Casa da Bênção, na qual há

²⁰ Louvor tocado enquanto os membros vão chegando aos templos.

inúmeras mulheres ordenadas pastoras ou, ainda, a Igreja do Evangelho Quadrangular, que se tornou a menos rígida no tocante a questões como roupa, aparência e a inserção da mulher no ministério pastoral.

O neopentecostalismo nasce na Modernidade, em meio a uma cultura de consumo, sendo marcado pela Teologia da Prosperidade e pela valorização da vida terrena, como ressaltamos no capítulo 1. Nesse sentido, essa corrente já é gestada em meio às identidades contraditórias e é influenciada pelas novidades impostas pela Modernidade. Assim, não enfatiza tanto as doutrinas relacionadas a roupas e maquiagem, mas é aberta às questões mais seculares e dialoga mais abertamente sobre temas como sexualidade, por exemplo. No entanto, apesar de apresentar aparentes avanços se comparada às demais denominações protestantes, ela ainda carrega muitos preceitos basilares patriarcais de sua origem. Logo, o neopentecostalismo é fortemente perpassado tanto por concepções machistas, vindas de sua base, como por ideias que tentam aparentar ser mais modernas em relação às mulheres, fruto dos debates feministas que têm emergido na sociedade, mas, sobretudo, fruto dos interesses capitalistas dessas igrejas, que buscam o lucro a todo custo. Sobre isso, Gabatz afirma:

Quando se fala em relações de gênero mais igualitárias dentro do neopentecostalismo, não se fala do ponto de vista do ideário feminista de questionamento do patriarcado; em vez da igualdade nessas relações, haveria, na verdade, uma apropriação seletiva das ideias feministas, em meio a relações ainda bastante assimétricas. (GABATZ, 2016, p. 97).

Assim, o neopentecostalismo, embora nasça na modernidade”, ainda apresenta discursos que *performam* aspectos como docilidade, tolerância, dedicação à família, cuidado e carinho com os filhos, elementos considerados inerentes à figura feminina. Apesar disso, essas igrejas mostram números impressionantes de mulheres autoproclamadas pastoras e bispas com papel de destaque, rompendo com as demandas anteriores e celebrando, em igrejas e espaços adaptados, as novas possibilidades cotidianas. Demonstra-se, assim, que é possível “[...] uma nova configuração da identidade feminina de acordo com parâmetros mais liberais e coadunados com as necessidades imediatas das mulheres nas famílias, na igreja e na sociedade em geral”. (GABATZ, 2016, p. 98). Para exemplificar igrejas onde as mulheres podem ser pastoras ou bispas, podemos citar a Igreja Renascer em Cristo, com destaque para a bispa Sônia; a Igreja Mundial do Poder de Deus, com a bispa Franciléia; e a Igreja Plenitude da Graça de Deus, representada pela bispa Ingrid Duque, que possui tanto destaque quanto seu marido. Sendo assim, apenas a IURD foge à regra das igrejas neopentecostais.

Além disso, o forte apelo financeiro dessas igrejas gera uma nova forma de ver a mulher, que deve ser independente e bem-sucedida financeiramente para trazer dízimos e aumentar a

receita da igreja. Ora, se agora a mulher deve trabalhar e trazer o seu dízimo ao templo, se ela não tiver um papel preponderante e de liderança na igreja, se não puder escolher o que vestir, ela vai mudar de igreja, pois há uma disputa no mercado religioso brasileiro. Logo, se, por um lado, a Teologia da Prosperidade aliena e escraviza os fiéis, por outro, ela também permite um fictício avanço no que se refere à relação da mulher e o mercado de trabalho, pois s leva a procurar se inserir no mercado de trabalho.

Antes, a mulher relegada unicamente às tarefas do lar era o modelo a ser seguido. Agora, o modelo vigente é o da mulher formada, empresária e, principalmente, dizimista na igreja, mas que não deixa de cuidar da família, pois, como já foi dito, esse papel ainda continua sendo exclusivamente feminina. No entanto, essa modificação estrutural nos leva a perceber uma nova forma de escravidão e dominação, pois, como o cuidado com o ambiente doméstico ainda é delegado à mulher, quando somado ao trabalho e à carga horária de estudos, gera uma jornada de trabalho desgastante e desigual.

Enfim, as igrejas neopentecostais buscam, de forma problemática, conciliar uma imagem de ilusória modernidade e outra declaradamente arcaica sobre as relações sexuais. Ao promover modelos de conduta para as mulheres, elas facilitam uma inserção em repertórios interpretativos que dissimulam uma mescla de valorização das conquistas femininas das últimas décadas, que servem para alimentar a Teologia da Prosperidade característica dessa corrente com uma defesa do posicionamento tradicional da mulher como mãe e esposa. Nesse sentido, as igrejas se utilizam tanto da Biologia quanto da Bíblia para promover uma prática discursiva que concede a homens e mulheres características essenciais determinadas pela divisão sexual. Essas qualidades específicas procuram situar a mulher como formada, seja pela natureza, seja pelos mandamentos de Deus, para a maternidade e o casamento. Desse modo, as mulheres desejariam, por instinto, serem mães e ocupar o lugar de esposa, ao mesmo tempo em que mesclam repertórios que incitam a independência financeira e o avanço profissional, pois as igrejas precisam dos dízimos e ofertas, e, como as mulheres são maioria nessas igrejas, esse incentivo ao avanço profissional serve apenas para atender às demandas da busca do lucro nos templos neopentecostais. Portanto, essa mescla pode ser explicada pelo próprio processo de secularização e pelo predomínio da Teologia da Prosperidade nessas igrejas.

Observado o percurso das igrejas protestantes em relação à temática da mulher, buscaremos, a seguir, compreender de que forma a identidade da mulher Universal é construída a partir dos discursos produzidos pela instituição voltados para o público feminino.

2.3. A mulher Universal: entre a submissão comportamental e a emancipação financeira

Oliveira Filho (2012) aponta que a IURD é a igreja evangélica com maior percentual de mulheres em suas fileiras, uma vez que aproximadamente 75% dos fiéis iurdianos são do sexo feminino. Sendo assim, é muito comum encontrarmos várias produções voltadas a esse público, seja no *site* oficial da igreja, seja por meio de livros. Diante disso, pretendemos visitar alguns discursos produzidos por importantes figuras da IURD sobre as mulheres para tentar compreender a noção de “identidade feminina” produzida por essa igreja e o contexto discursivo em que atua o nosso objeto de estudo: os textos de Cristiane Cardoso.

Como uma igreja cristã protestante, a Universal também segue os padrões de interpretação bíblica em relação às mulheres. Em muitos momentos, aparecem discursos que essencializam o que é ser uma mulher, dando-lhe atributos e posicionamentos tidos como naturais e dados pelo próprio Deus, reforçando a ideia de submissão feminina e o papel de auxiliadora que lhe fora atribuído, como vemos no seguinte trecho de uma pregação feita por Edir Macedo em 2017, no Templo de Salomão: “Em um mundo em que as mulheres disputam espaço com o homem, o sexo feminino perdeu a essência da criação divina, que é ser auxiliadora”. Nota-se que Edir Macedo caracteriza a submissão como algo natural às mulheres, já que, segundo ele, a essência colocada por Deus na mulher é a submissão. Em seu livro *O perfil da mulher de Deus*, Macedo afirma: “Aí está o grande valor da mulher de Deus: ela se submete ao seu marido movida pelo Espírito do amor que há dentro dela [...]. Deve ser algo natural, que jorre de seu interior como se fosse uma fonte de águas cristalinas”. (MACEDO, 2015, p. 34). Para Macedo, a submissão é algo natural da mulher que possui, em si, o Espírito do amor, ou seja, é a presença do próprio Espírito Santo, que cria na mulher o desejo de ser submissa. Assim, a submissão é entendida como um requisito para provar que a mulher realmente tem o Espírito Santo.

Há sempre a tentativa de colocar a submissão como algo determinado por Deus a fim de alimentar a ideia de que, caso a mulher não cumpra esse papel, ela desagradará a Deus, não sendo cristã o suficiente em tom de ameaça. Em outro momento, essa ideia é mais uma vez ressaltada no texto intitulado “Qual é o seu papel como mulher?”, em que a autora, Michele Roza, colunista do site oficial da IURD, afirma que a palavra de Deus é quem dá a referência da identidade da mulher, de acordo com Gênesis 2:1: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”. A autora chega às seguintes conclusões:

A mulher foi feita, a princípio, para fazer companhia ao homem, mas, especialmente, para acrescentar à vida dele. [...] A mulher foi criada com qualidades e características diferentes das do homem, nem piores e nem melhores, para poder ajudá-lo. Por isso, é muito importante que a mulher valorize a sua diferença e saiba contribuir com sabedoria e talento para edificar a sua casa. (ROZA, 2017, s/p).

Nota-se que o argumento defendido no texto é o de que a mulher foi feita para fazer companhia ao homem e, por isso, possuiria características biológicas diferentes das dele, segundo a autora, para ajudá-lo. Há, ainda, a diferenciação baseada no sexo, como afirma Cristiane Cardoso:

Amiga leitora, Deus criou o homem e a mulher diferentes um do outro, cada um com seu papel. Tudo vai bem quando seguimos a ordem e cumprimos os propósitos dEle para cada um de nós. Estude, trabalhe e realize seus sonhos, mas não deixe que a falta de disciplina ou outros motivos pessoais lhe impeçam de ser a auxiliadora que Deus idealizou que a mulher fosse para o homem e toda a família. (CARDOSO, 2013, s/p).

Ao que parece, algumas mudanças em relação aos valores tradicionais já fazem parte do discurso da igreja hoje. Observando que as mulheres são incentivadas a estudar, trabalhar e realizar seus sonhos, a autora ressalta a importância da mulher se realizar profissionalmente. No entanto, o ponto crucial, mais uma vez, é a defesa de que a função principal feminina, o motivo pelo qual ela foi criada, é ser auxiliadora do homem. Essa diferenciação baseada nos sexos vai de encontro ao que afirma Butler (2003). A estudiosa entende que não existe um fato natural e imutável em relação ao gênero: essa diferenciação se faz por meio de performances culturais produzidas no discurso e é efeito de uma formação específica do poder em nossa sociedade, com imbricações políticas e culturais. Ao construir discursos que produzem essa separação e definição de papéis baseada em gênero, sendo tais características emanações da figura feminina, a Igreja tenta colocar a submissão feminina e a função de auxiliadora e cuidadora como algo natural e intrínseco ao gênero feminino.

Essa ideia ainda pode ser observada mais recentemente em um polêmico vídeo de Edir Macedo que circulou nas redes sociais, no qual o líder afirma que a mulher não pode ter mais estudo que o homem:

Quando elas foram para fora, disse que elas fariam apenas o ensino médio e que elas não fariam faculdade. A minha esposa me apoiou, mas os parentes achavam absurdo. Por que não vai fazer faculdade? Porque, se você se formar numa determinada profissão, você vai servir a si mesmo, vai trabalhar para si. Mas eu não quero isso, vocês vieram para servir a Deus. Não sou contra a você se formar, estudar, não. Mas, no caso delas, eu não as criei para servirem a si mesmas, eu as criei para servirem ao senhor.

Você vai fazer até o ensino médio, depois, se quiser a faculdade, você que sabe, mas até o seu casamento será apenas uma pessoa de ensino médio. Porque, se a Cristiane. Vem cá, Cristiane. Fosse doutora e tivesse um grau de conhecimento elevado e

encontrasse um rapaz que tivesse grau de conhecimento baixo, ele não seria o cabeça, ela seria a cabeça. E, se ela fosse a cabeça, não serviria à vontade de Deus. O que se ensina hoje é: Minha filha nunca vai ficar sujeita a um homem. Então tá. Vai ficar sujeita à infelicidade. Porque não existe família, não existe casamento, porque não existe felicidade. A mulher cabeça e o homem corpo. É fracasso. Tanto é que deve ter mulher aqui que sabe o que estou falando. Tem mulheres inteligentíssima[s] que não conseguem encontrar o cabeça. Verdade, sim ou não? (MACEDO, 2019).

No polêmico vídeo, a ideia principal é de que o homem é o líder e a mulher deve se sujeitar a ele; caso contrário, para Macedo, é impossível ser feliz e fazer a vontade de Deus. Vemos que a submissão é colocada como vontade de Deus e requisito básico para a felicidade conjugal. Ainda nesse sentido, aliada à defesa da submissão feminina, a igreja enfatiza, também, a função maternal e cuidadora da mulher. Sobre isso, o Bispo Edir Macedo afirma, em seu livro *O perfil da mulher de Deus*, que o sonho da mulher de Deus é conceber filhos de Deus e servir como instrumento do Espírito Santo para acompanhar e ajudar o homem em sua trajetória na Terra. Essa deve ser a prioridade da mulher, conforme afirma Cristiane Cardoso: “A mulher não pode abandonar suas características e deve conciliar sua função de mãe e esposa. É necessário dar conta de tudo, até porque nós mesmas queremos ter tudo isso”. (CARDOSO, 2013). Portanto, a mulher deve se casar e ser responsável pelo cuidado da casa, do marido e dos filhos. É sobre a mulher que recai o maior peso da educação dos filhos, como vemos nos trechos a seguir:

Considerando a Palavra de Deus, no ensino de que a mulher é quem edifica a casa, cabe à mulher a responsabilidade da estrutura básica do seu lar. E a educação dos filhos faz parte dessa estrutura. É a mulher que cuida da casa, providencia o alimento para as crianças, lava a roupa, enfim, cuida de tudo o que se relaciona aos membros de sua família [...]. Além disso, há da parte da mulher uma transferência de caráter para seus filhos muito maior do que por parte do pai [...]. (MACEDO, 2015, p. 67).

Veja-se que a posição defendida na IURD é a de que “a mulher foi criada com a finalidade específica de auxiliar o homem na procriação, na educação dos filhos e na administração da casa, além do aspecto afetivo”. (MACEDO, 2015, p. 18). Outro ponto defendido é o sentimentalismo exagerado que seria natural à mulher e que a impede de tomar boas decisões:

Quando se encontram diante de situações difíceis, as pessoas podem reagir de duas formas: com base na emoção ou na Fé, ou seja, na razão. Ocorre que, normalmente, as mulheres são mais sensíveis e sentimentais do que os homens e, por isso, é comum que suas condutas e atitudes sejam pautadas nos sentimentos. (TEODORO, 2020, s/p).

A autora do texto publicado na página oficial da IURD afirma que as mulheres são mais sensíveis ao sentimento do que os homens. Essa ideia faz referência à história de Adão e Eva, na qual Eva, por ser mais suscetível às emoções, deixou-se levar pelas palavras da serpente.

Edir Macedo (2015) pontua que é justamente por causa dessa suscetibilidade feminina que a mulher deve ser guiada pelo marido: “Por isso também é que o Espírito Santo orienta as mulheres a que sejam submissas aos seus próprios maridos. [...] Diz-se, com muita propriedade, que no lar o marido é o cabeça e a mulher o coração”. (MACEDO, 2015, p. 19). É com base nas premissas de que a mulher é mais emotiva, de que o homem estaria mais ligado à razão e, ainda, de que as mulheres foram criadas para serem submissas e auxiliadoras que a IURD é a única Igreja Neopentecostal que recusa veementemente a participação feminina nas instâncias de poder da instituição. Sendo assim, não existem pastoras ou bispas nela, e todos os cargos referentes à administração são ocupados por homens, cabendo à mulher somente a atribuição de colaborar com outras atividades não concernentes à liderança, como o papel de obreira²¹ e professora da escola bíblica. Os espaços de fala abertos a elas são apenas para falar a outras mulheres sobre os lugares das mulheres, como é o caso de Cristiane Cardoso.

Se, por um lado, a IURD mantém muitos aspectos tradicionais relacionados ao gênero feminino, por outro, ela apresenta algumas fissuras na tradição. Como veremos a seguir, no entanto, todas essas diferenças estão pautadas na busca pelo lucro da igreja e não representam necessariamente melhorias no tratamento às mulheres. A fissura mais significativa, sem sombra de dúvidas, é o apoio à descriminalização do aborto. Oliveira Filho, em importante trabalho realizado entre os anos de 2010 e 2012, analisou vários textos de autoria de Edir Macedo lançados no jornal *Folha Universal*, nos quais o líder fala abertamente sobre seu apoio à descriminalização do aborto, indo contra todas as igrejas protestantes brasileiras. Um dos exemplos analisados por Oliveira Filho foi o seguinte:

O QUE É MATAR?

Algumas pessoas têm questionado minha posição quanto à descriminalização do aborto. Um dos argumentos mais citados é quanto ao mandamento “não matarás”. Mas me parece que o engano está na compreensão da totalidade do significado do termo “matar”.

O dicionário Houaiss, entre as várias definições que apresenta para este verbo, diz: “causar grande prejuízo ou dano a, arruinar.” E também: “causar sofrimento a; mortificar, afligir; ferir.” Vemos, com isso, que matar não é somente tirar a vida de alguém, mas também praticar qualquer ato que impeça que alguém tenha vida com qualidade, dignidade, felicidade.

Permitir que uma criança indesejada venha ao mundo em uma família desestruturada, sem condições de lhe oferecer uma vida minimamente digna, expondo-a a violência, maus-tratos, perda de autoestima e tantas outras mazelas, não significa dar um ser à luz, mas sim condená-lo à morte; uma morte social e psicológica, que vai gerar a pior de todas as mortes: A ESPIRITUAL.

As crianças que andam pelas ruas, entregues à própria sorte, não nasceram; elas foram jogadas no mundo, como fruto da inconsequência e da irresponsabilidade de adultos

²¹ É aquele que trabalha auxiliando o pastor para o bom funcionamento do templo, limpando, fazendo visitas a enfermos e evangelizando nas ruas.

despreparados, cuja maioria apenas repete a história de abandono e omissão da qual também foi vítima.

Essas crianças primeiro são odiadas por seus genitores e depois passam a ser odiadas pela sociedade. A mesma sociedade que levanta a bandeira do direito à vida é capaz de virar o rosto em atitude de asco, e atravessar a rua para não passar perto de um menor indigente estirado no chão, cheirando a fezes e urina. O nome disso é hipocrisia.

Os que gostam de apontar pecados precisam ver que o erro não está em interromper uma gravidez indesejada; está, antes, na banalização do sexo, da desinformação, nos inúmeros fatores que levam um casal a se relacionar e gerar um filho com o mesmo descompromisso com que encara a própria vida. (MACEDO, 2010 *apud* OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 124).

Nesse texto, Macedo sai claramente em defesa da legalização do aborto. Entretanto, nota-se que, em nenhum momento, no texto, é apresentada a discussão em relação ao direito de escolha da mulher sobre seu corpo. A argumentação de Edir Macedo vai ao encontro de sua Teologia da Prosperidade, a qual ensina que Deus deseja que o fiel viva da melhor maneira possível, desfrutando das melhores coisas. Sendo assim, o aborto entraria como uma possibilidade de planejamento familiar, pois uma família com muitos filhos ou com filhos inesperados pode não obter sucesso financeiro, e isso afetaria a arrecadação da igreja. Logo, em algumas situações, é melhor que se aborte do que ter um filho e, em consequência disso, a família ou a própria criança viva em dificuldades financeiras e não tenham condições de ofertar e dizimar para encher os bolsos dos líderes da Igreja.

Na concepção de Macedo: “uma vida sem dignidade, na pobreza, no sofrimento, no abandono, não seria uma vida. Seria uma morte muito pior do que a própria morte física: seria uma morte espiritual. Dessa forma, diante destas dificuldades, a interrupção da gravidez seria uma solução mais adequada”. (OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 125). Embora Edir Macedo fale abertamente sobre o tema e apoie a descriminalização do aborto, o que é um diferencial em relação às outras igrejas cristãs, tal posição é puramente estratégica e alinhada à busca de Macedo pelo lucro na igreja. A argumentação do “bispo” não dá destaque algum ao direito da mulher de decidir sobre o próprio corpo, apenas foca na parte financeira. Macedo não se preocupa com a escolha ou a saúde da mulher, mas apenas com o dinheiro. Esse posicionamento, para Oliveira Filho,

diz respeito a um determinismo que infere que uma pessoa nascida em condições precárias não teria outras soluções em vida e seria necessariamente um morto espiritual sofrendo e causador de problemas para a sociedade. Uma afirmação que, no mínimo, não leva em consideração os testemunhos de mudança de vida de seus próprios fiéis, tão importantes na estratégia de conversão da igreja. (OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 126).

Como podemos ver, a defesa da legalização do aborto é aberta, o que contraria toda a tradição pentecostal e o Cristianismo em geral, apesar de essa defesa não passar por uma

discussão em torno dos direitos da mulher e a liberdade de escolha sobre seu próprio corpo. Ainda em relação às novidades apresentadas pela Universal no que concerne às mulheres, são constantes os incentivos à entrada delas no mercado de trabalho e à sua emancipação financeira para que cheguem a cargos de chefia, tornem-se empreendedoras e conquistem a independência financeira, pois, assim, podem dar mais dinheiro à igreja. Sobre isso, Oliveira Filho destaca uma reportagem da *Folha Universal*:

Há tempos elas deixaram o avental para trás e saíram de casa em busca do desenvolvimento profissional. Todos sabem que as mulheres chegaram com tudo no mercado de trabalho. O que os mais desavisados podem ainda não ter se dado conta é que agora muitos lares são comandados por elas, seja contribuindo com a maior parte da renda familiar, seja decidindo como será usado o orçamento da família. Hoje 35% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. Mas elas ainda não podem comemorar completamente o Dia Internacional da mulher, celebrado no dia 8 deste mês, pois ainda enfrentam algumas contradições: essas matriarcas, com ou sem maridos, encaram mais anos de estudo, se dividem entre os cuidados com a casa, trabalham mais horas que os homens, mas ainda ganham menos. “Além de serem mais qualificadas e trabalharem fora, elas ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos. Muitas vivem com jornadas duplas e até triplas”, destaca Sabrina. A professora Márcia Torres, de 32 anos, sabe bem o que é administrar múltiplas tarefas. Além de cuidar da casa, ela encontra tempo para dar aula, cuidar do filho e do marido e dar assistência ao pai, que tem Alzheimer. E ainda organiza o orçamento da família. “Anoto as entradas e saídas numa planilha semanal”, conta. Os homens, porém, continuam contribuindo pouco com as tarefas domésticas. “É difícil homem que realmente divide o trabalho em casa. Mas elas também precisam aprender a deixar os companheiros participarem dos afazeres. De nada adianta elas terem conquistado espaço no mercado produtivo se o trabalho doméstico não for dividido”, diz Claudia Nogueira. (FOLHA UNIVERSAL, 2011 *apud* OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 125).

Esse texto, conforme explica Oliveira Filho (2012), celebra a conquista de espaço das mulheres no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que questiona o fato de as mulheres ainda receberem menos do que os homens pelo desempenho de uma mesma função, valoriza o crescimento dessas mulheres na formação acadêmica e ainda faz críticas à não divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Assim, a *Folha Universal* valoriza a entrada das mulheres em um espaço antes ocupado por homens e os traz para o espaço doméstico, anteriormente dominado pelas mulheres. Todavia, Oliveira Filho (2012) chama a atenção para o fato de a reportagem valorizar o comando feminino, mas ainda enfatizar um tipo específico de comando, o comando do lar:

A chefia mencionada na reportagem diz respeito à administração do orçamento doméstico, à manutenção financeira, e à melhoria das condições de trabalho doméstico e remunerado. Ou seja, ainda que faça um rompimento com o tradicional posicionamento de homens e mulheres presente no pentecostalismo, a Igreja Universal do Reino de Deus ainda mantém a mulher presa à ideia de cuidadora do lar e da família, dentro do contexto do casamento. (OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 135).

Dessa forma, a igreja coaduna duas formas diferentes de compreender a posição da mulher na sociedade. A IURD apresenta, em seu discurso, manobras argumentativas que permitem, ao mesmo tempo, celebrar as conquistas femininas, pois seu público é formado majoritariamente por mulheres dizimistas, e manter as mulheres sob a rédea curta da instituição. O incentivo à emancipação financeira feminina também pode ser percebido ao observar as histórias contadas por mulheres de sucesso nas famosas propagandas com o bordão “Eu sou a Universal”, como é o caso da empresária Flávia Leal, que conta sua trajetória de vida para chegar ao sucesso e à independência financeira:

Meu nome é Flávia Leal, eu tenho 33 anos e vocês não têm noção de como minha vida é agitada. Eu tenho três escolas, uma escola de estética, de manicure e de tratamentos avançados em estética e agora a Escola de Cosmetologia em Everett, o Instituto Flávia Leal. Eu já vivo em Massachusetts desde que cheguei nos Estados Unidos há 13 anos.

[...] Ali a gente ensina mais de 70 cursos nessa escola e todo mundo sai daqui licenciado pelo Estado. Eu levo meus workshops a qualquer lugar do mundo. Já ministrei cursos na Europa e em vários estados dos Estados Unidos e, às vezes, eles acabavam me cobrando que eu tivesse uma linha própria, porque a gente avalia vários produtos, mas eu não tinha a solução para elas. Aí surgiu a linha de Cosméticos Flávia Leal.

[...] Eu não sou daquelas que se deixam levar por aquilo que os outros acreditam, mas, sim, por aquilo que eu acredito sobre mim mesma. De onde eu tirei essa força? Eu sou a Flávia Leal, empresária nos Estados Unidos e professora de maquiagem. Eu sou a Universal (LEAL, 2013, s/p).

Os testemunhos são uma estratégia de *marketing* da IURD e visam, por meio de histórias de sucesso, atrair novos fiéis e dar credibilidade ao que é ensinado na igreja, incitando os membros a também buscarem essas conquistas. Nesse sentido, a campanha “Eu sou a Universal” é um dos recursos utilizados para a propagação dos ideais da IURD. No testemunho acima, vemos uma mulher como protagonista, empresária e independente financeiramente. Logo, sua história serve para incitar outras mulheres da igreja a também buscarem uma história de sucesso. Ao divulgar essas histórias, a igreja, de certo modo, incita a procura da emancipação financeira feminina, claro, com o objetivo de, por meio de suas fiéis, aumentar a lucratividade da igreja. Outro testemunho divulgado é o de Amanda Franco, que se formou em Química Industrial:

Meu nome é Amanda Pereira Franco. Tenho 31 anos e sou química industrial. O amor surgiu pela profissão no final do meu primeiro grau, através da minha mãe, que sugeriu que eu fizesse um curso técnico em química junto com meu segundo grau. Logo depois que me formei, iniciei meu estágio aqui no mesmo laboratório que trabalho.

Nesse período, eu já trabalhava nessa área de química e resolvi fazer faculdade particular, mas o meu sonho era entrar numa Universidade Pública. Depois de várias tentativas, eu já estava no meu 4º período, eu consegui passar e foi uma das maiores felicidades da minha vida. Como gerente técnica, eu supervisiono a equipe, também faço relatórios técnicos, emito propostas comerciais, entro em contato com

fornecedores para a aquisição de materiais de consumo para o laboratório, também treino pessoal, novas pessoas que são contratadas.

O nosso trabalho consiste basicamente em análise de biocombustíveis e combustíveis automotivos. Analisamos petróleo e seus derivados. Esse trabalho é importante porque é para verificar, certificar o que o consumidor colocou no seu veículo é um combustível de boa qualidade.

[...] Eu sou Amanda Pereira Franco, sou química, gerente, mestre em engenharia de biocombustíveis e amante da natureza. Eu sou a Universal. (FRANCO, 2013, s/p).

A história de sucesso financeiro e profissional de Amanda está relacionada aos estudos. Ela é graduada e mestre e, com isso, conquistou um cargo de liderança. Desse modo, sua história, ao ser relatada como testemunho, pode incentivar outras mulheres a trilharem também esse caminho, sendo vista como inspiração e resultado de sua fé em Deus. Por outro lado, essa história contraria o que Edir Macedo postulou recentemente, dando conta de que as mulheres só devem estudar depois de casadas para que não dominem seus maridos, como vimos anteriormente. Esses são dois exemplos entre os vários testemunhos de mulheres bem-sucedidas que podem ser encontrados no canal “Eu sou a Universal” e vistos diariamente nos intervalos comerciais da Record. Como já dito, os testemunhos servem como exemplo das bênçãos recebidas pelos membros e como inspiração às pessoas. Logo, servem de incentivo para que outras mulheres busquem sua independência financeira. Ademais, a própria Cristiane Cardoso é um exemplo de mulher bem-sucedida na carreira, autora de vários livros, apresentadora de um programa e reconhecida em vários países pelo protagonismo que desempenha na Rede Record. Porém, esse aparente destaque é apenas uma imagem, pois ela fala e ouve em sua subalternidade e só diz o que lhe é permitido dizer: as mulheres devem se tornar bem-sucedidas a fim de dizimar e ofertar na igreja.

Além disso, a antropóloga, pesquisadora e professora da USP Jacqueline Teixeira, em entrevista ao jornal *El País*, no qual fala sobre a pesquisa de campo que desenvolveu na IURD, chama atenção para o seguinte fato:

É interessante perceber que é muito comum às mulheres atribuir muitas vezes à igreja seu processo de empoderamento, da mulher que consegue estudar mais, arranjar um emprego melhor, melhor que do companheiro, que tem formação maior que a dele, que estuda mais. Elas estudam determinados cursos dentro da igreja, aprendem a guardar dinheiro, é como se a iniciação civil ocorresse na igreja, e não necessariamente na escola. Na Universal, se você quiser ter uma posição institucional, não pode deixar de estudar. E como as mulheres estão nas religiões, são maioria, e, de fato, são as que mais estudam no país, para muitas dessas mulheres esse processo de empoderamento e autonomia está muito atrelado à igreja. Na Universal tem formação de esteticista. E qual foi o setor de serviço que mais cresceu nos últimos anos? Estética. De alguma maneira, foram as igrejas que abriram espaço para cursos e para que essa ideia do empreendedorismo se tornasse uma questão atrelada ao feminino. (TEIXEIRA, 2019, s/p).

Nota-se que, a partir de sua pesquisa desenvolvida em campo, Jacqueline constatou que muitos programas, dentro da própria igreja, incentivam as mulheres a estudarem mais e a se emanciparem financeiramente, além de oferecerem cursos que possibilitam que as mulheres empreendam. Esses cursos são frutos do projeto intitulado *Godlywood*, criado e comandado por Cristiane Cardoso a fim de ensinar as mulheres a se portarem em todas as áreas. Tal projeto é responsável, inclusive, por promover cursos com o objetivo de formação de uma economia dos rendimentos financeiros mensais. Trata-se de um programa de oficinas com duração média de doze horas, nas quais se aprendem conceitos básicos de macroeconomia, funcionamento da bolsa de valores, formas de investimentos e modos de empreendimento. Essa iniciativa promove o crescimento financeiro e profissional das mulheres. A professora ainda fala sobre o projeto *Raabe*, também criado por Cristiane Cardoso e voltado às mulheres vítimas de violência doméstica:

Durante a minha pesquisa, um dos projetos que eu estudei foi o Raabe, que é o nome de uma prostituta do antigo testamento e é também o nome do grupo de atendimento de mulheres em situação de violência da Universal desde 2011. O foco é no atendimento jurídico e psicológico a quem não tem condições de pagar, além de cursos de cura emocional para mulheres vítimas de violência. A partir de 2013, o projeto começou crescer muito nos presídios femininos, e no ano seguinte ganhou um super reforço com uma madrinha nacional, que é a Andressa Urach [...].
[...] E essa resposta não emerge necessariamente da necessidade de se proteger a mulher como um sujeito civil, mas fundamentalmente do reconhecimento de que a família heterossexual, que é o bem que se deve defender, não é saudável. E que você precisa então transformar essa heterossexualidade numa coisa saudável. (TEIXEIRA, 2019, s/p).

Diante disso, vemos que a IURD desempenha um papel de abrir portas às mulheres, dando-lhes profissão, incentivando o seu crescimento social e financeiro, além de proporcionar auxílio às mulheres reclusas durante o período de vigência de suas penas e até mesmo após, visto que as ex-detentas, muitas vezes, encontram dificuldades para se reinserirem na sociedade. No entanto, é importante salientar que todo esse incentivo ao crescimento financeiro feminino, assim como a defesa da descriminalização do aborto, faz parte da Teologia da Prosperidade que perpassa essa igreja, como pudemos observar no capítulo anterior. Quanto mais as mulheres se desenvolverem financeiramente, maiores serão suas contribuições em dízimos e ofertas para o templo e, sendo elas a maioria na igreja, é imprescindível que tenham cada vez mais ganhos, o que parece estar dando certo, já que, segundo a Revista *Veja*²², a Igreja fatura 1,4 bilhão por ano.

²² Informação disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/o-escolhido/>. Acesso em: 29 mar. 2020.

Ainda sobre a estimulação do empoderamento feminino, cabe ressaltar, por fim, as festivas comemorações da IURD na eleição de Dilma Rousseff para presidente em 2010. Oliveira Filho (2012, p. 131) afirma: “A eleição de Dilma Rousseff foi amplamente festejada pelo jornal”. O jornal em questão é a *Folha Universal*. A IURD participou ativamente da campanha da candidata, e o jornal não comemorou apenas a sua eleição. Ainda no mesmo texto, o autor diz que “[...] o fato de ela ser a primeira mulher a chegar ao cargo foi o fato de maior destaque”. (p. 131). Oliveira Filho relata que, no jornal do dia 09 de janeiro, era possível ler a seguinte notícia: “No sábado (1), o bispo Macedo era um dos presentes num momento único do país: a posse da primeira mulher na presidência, uma conquista que também vem cheia de simbolismo e esperança”. (FOLHA UNIVERSAL, 2010, p. 11 *apud* OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 131). Esse simbolismo que a *Folha Universal* ressalta diz respeito ao fato de que a conquista de Dilma como primeira mulher presidente do Brasil é uma conquista das mulheres em geral. Essa ideia supõe a forte valorização da igreja ao empoderamento feminino, posicionamento bastante divergente do conservadorismo que a igreja também prega.

Sobre os tradicionais usos e costumes, a IURD, assim como as outras neopentecostais, não dita regras muito rigorosas em relação às roupas femininas e nem tenta inibir a vaidade. Ao contrário disso, ela a incentiva, conforme afirma Edir Macedo:

Não há absolutamente nada de errado quando a mulher se maquia, arruma o cabelo com adereços, corta, pinta, enfim, faz tudo o que acredita ser o melhor para ter uma aparência bonita.

Aliás, é dever de toda mulher, especialmente se ela é de Deus, procurar ter a melhor aparência possível, para se apresentar na igreja ou em qualquer outro lugar. Isto, entretanto, não deve exceder os limites, para que não se vista e se maquie de tal forma que atraia a atenção de todos.

Todo o zelo que tiver com seu exterior deve ser observado com a máxima discrição e simplicidade. (MACEDO, 2015, p. 49).

Vemos que, ao contrário das Igrejas Pentecostais tradicionais, a IURD não proíbe a vaidade – que se cortem ou pintem os cabelos – ou, ainda, o uso de adereços e maquiagem. Pelo contrário, a Igreja defende que é obrigação da mulher ser vaidosa dentro dos limites da modéstia cristã, fazendo o que for necessário para ter uma boa aparência. Cristiane Cardoso (2011) afirma, inclusive, que, quando a mulher arruma os cabelos, se veste bem e usa maquiagem, ela está demonstrando o seu amor pelo marido e pelo próprio Deus, pois ele deseja que as mulheres andem bem arrumadas. Apesar desse incentivo, Macedo retoma aquele ideal protestante tão valorizado que mencionamos anteriormente: a discrição, ou seja, a mulher deve se arrumar o máximo possível, mas não pode deixar de ser discreta, pois essa é uma característica citada na

Bíblia. Mais uma vez, vemos a dualidade entre continuidades do Protestantismo e novidades inseridas pela IURD alinhadas ao perfil empresarial e capitalista da igreja.

Michelle Perrot (2007) afirma que a religião é, ao mesmo tempo, “poder sobre e poder das mulheres”, pois, se a religião contribui para reproduzir a dominação masculina e a submissão feminina, por outro lado, dentro dessa lógica, as mulheres acabam por criar mecanismos que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação. Para Roger Chartier (1995), quando as mulheres se conformam com os cânones corporais sentenciados por homens, não estão apenas se sujeitando a uma submissão alienante, mas estão, também, construindo recursos a fim de que possam enfrentar a relação de dominação. Essa afirmação parece se confirmar quando Kelly Lopes, ao resenhar o livro *Dama da fé*, de autoria de Ester Bezerra, esposa de Edir Macedo, diz:

No livro, a autora afirma que, quando a mulher quer colocar algo na cabeça do marido, ela consegue. Por isso, enfatiza a importância de a esposa ter cuidado com as palavras, saber a hora certa de se posicionar e de esperar os “fortes ventos” passarem nos momentos de conflito. “Até hoje faço isto: respiro fundo e me calo. É fácil? Nem um pouco! Espero passar a tempestade e, antes de falar com meu marido, oro. Peço que o Espírito Santo fale por mim e me dê sabedoria para agir. E devo dizer: funciona”. Ester descreve ter consciência de que suas opiniões exercem forte influência sobre seu esposo. Ao longo dos anos, seus conselhos já o fizeram acertar em escolhas, porém em outros momentos, em que ela errou nesse aspecto, foi repreendida. “Já errei nisso também e, quando meu marido vê que falei algo fora do espírito, me corta logo. Ele é bem sensível às palavras e nem sempre meu lado emotivo age com cautela”. (LOPES, 2018, s/p).

A partir do livro de Ester e das palavras de Kelly, é possível perceber que, mesmo que as mulheres estejam ocupando o lugar de submissão, elas podem fazer o que desejam, direcionando os maridos de modo velado. Assim como Chartier (1995) afirma, o discurso de Ester parece construir uma imagem da mulher como alguém que acolhe o discurso de seu opressor, optando por não o enfrentar, sendo que esse acolhimento serve para subverter o discurso de modo sutil e dócil, papel que, para a Igreja, está ligado ao perfil feminino. Assim, algumas mulheres da IURD, mesmo não negando as concepções tradicionais sobre o gênero e os lugares predeterminados para homens e mulheres na sociedade, parecem realizar de modo inconsciente e pequeno “[...] uma manipulação retórica destas ideias e as interpretam de uma maneira bastante peculiar, na direção de uma contestação da hierarquização entre homens e mulheres”. (OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 137). Porém, isso remonta ao imaginário social que perpassa frases como “Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher” e mantém a mulher sempre relegada a ocupar o espaço do que falta do homem, dando suporte, mas sempre por trás dele e apenas no que lhes é permitido falar.

Diante do exposto, o que podemos perceber é que a questão da mulher na IURD se dá da seguinte maneira: por um lado, a igreja mantém sobre a mulher uma visão tradicional, valoriza a submissão feminina, a função materna, e mantém a interdição da participação feminina nas instâncias de poder da instituição. Por outro, é possível encontrar falas de Edir Macedo saindo em defesa do aborto, incentivando a independência financeira feminina através da entrada no mercado de trabalho, o empreendedorismo feminino e a conquista de espaço em cargos de chefia por mulheres. No entanto, esse incentivo só ocorre pois a maior parte de membros dessa igreja é de mulheres. Logo, quanto mais as mulheres fiéis trabalham e quanto mais ganham, melhor para o aumento da lucratividade da igreja. Dessa forma, a emancipação da mulher pregada pela igreja é apenas estratégica e alinhada aos ideais de busca do lucro dentro da igreja e acarreta a sobrecarga da mulher, que, além de dar conta de todos os afazeres domésticos, deve estudar e trabalhar demasiadamente para alcançar os melhores salários possíveis para que suas ofertas e dízimos também cresçam.

Enfim, a IURD, assim como as demais igrejas neopentecostais, tenta dar ares de modernidade quando valoriza o trabalho feminino, incentiva a independência financeira, o empreendedorismo e a busca por estudo e altos cargos, celebra algumas conquistas feministas das últimas décadas e até apoia a descriminalização do aborto, ao mesmo tempo que apoia veementemente ideais conservadores, valorizando a submissão feminina, interditando sua ascensão ao pastorado e reforçando a função maternal e doméstica da mulher. Esses dois repertórios se entrelaçam de modo desigual e somente na medida em que buscam atender aos ideais capitalistas da IURD. Essa mescla e o ilusório avanço podem ser explicados pelo próprio processo de secularização e pelo predomínio da Teologia da Prosperidade nessas igrejas.

Levando em conta o histórico da IURD e o modo como as mulheres são vistas na Bíblia e nessa igreja, depreenderemos, no capítulo que se segue, uma análise de vinte aconselhamentos do livro *Melhor do que comprar sapatos*, a fim de verificar como são construídas, por meio do *logos*, determinadas imagens consideradas ideais para as mulheres, bem como de que forma a construção do *ethos* de Cristiane Cardoso corrobora a argumentação e como os discursos contraditórios da IURD se equilibram nesses artigos.

3. A ARGUMENTAÇÃO NOS ACONSELHAMENTOS DE CRISTIANE CARDOSO

Este capítulo traz uma análise dos discursos de Cristiane Cardoso publicados no livro *Melhor do que comprar sapatos*, com base em suas condições de produção mais amplas e mais específicas (os seus contextos sócio-histórico, cultural e imediato), expostas nos capítulos 1 e 2 deste trabalho. Essa análise possui um caráter qualitativo. Segundo Neves (1996), esse tipo de pesquisa abrange um conjunto de métodos interpretativos que buscam descrever e decodificar elementos de um sistema complexo de significados com o objetivo de compreender o sentido de fenômenos do mundo social. Para o autor, os procedimentos qualitativos se assemelham a metodologias de interpretação de fenômenos cotidianos, isto é, são dados simbólicos situados em contextos específicos e que “revelam parte da realidade ao mesmo tempo em que escondem outra parte”. (NEVES, 1996, p. 1).

Diante disso, nossa análise busca apreender, a partir da materialidade linguística de nosso objeto, quais imagens da mulher são construídas pelo discurso (ou *logos*) e seus possíveis efeitos retóricos, bem como de que forma Cristiane Cardoso elabora, discursivamente, o seu *ethos* (as suas “imagens de si”) como modelo a ser seguido pelo seu público. Para tanto, apresentaremos, inicialmente, alguns pressupostos teóricos oriundos de estudos retórico-discursivos enquanto ferramentas de análise, o que nos permitirá relacioná-los, em seguida, ao nosso *corpus*. A fim de alcançar nossos objetivos, mobilizaremos, portanto, alguns conceitos da AD, a saber: alguns princípios relacionados à chamada AAD de Ruth Amossy, incluindo os conceitos aristotélicos de *ethos* e *logos*; algumas noções teóricas da AD de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, como, por exemplo, a definição dos termos “discurso”, “condições de produção do discurso” e “linguagem”.

3.1. A análise argumentativa do discurso

Na pesquisa aqui proposta, a argumentação é compreendida como parte do funcionamento discursivo, pois “mesmo a fala que não ambiciona convencer, busca ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar”. (AMOSSY, 2011, p. 129). Partindo desse pressuposto, entende-se que mesmo o discurso que não possui a pretensão declarada de persuadir o interlocutor compreende uma dimensão argumentativa. Isso se deve ao fato de que

todo discurso supõe o ato de fazer funcionar a linguagem num quadro figurativo (eu-tu); está imerso na trama dos discursos que precedem e o cercam; produz, de bom ou

mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou as opiniões de um alocutário. (AMOSSY, 2018, p. 16).

Trazendo a citação para o caso em estudo, pode-se dizer que o quadro figurativo por trás do discurso de Cristiane Cardoso representa a instituição religiosa Universal do Reino de Deus, de onde ela se expressa, ocupando o lugar de fala de conselheira, com vistas ao público de fiéis mulheres. A força argumentativa de sua fala é atravessada, ainda, como se verá, por uma “trama de discursos” contraditórios presentes nos contextos histórico e imediato, como vimos nos capítulos 1 e 2: desde o discurso patriarcal, que precede e atravessa o universo bíblico, até o discurso da Teologia Feminista e também o discurso da Teologia da Prosperidade, que prega sucesso financeiro inclusive para as mulheres.

Todo discurso, nos dizeres de Amossy (2018), possui um sujeito que rege sua relação com o outro a fim de influenciá-lo de alguma maneira, é atravessado pela fala desse outro e, ainda, pelas ideias preconcebidas que circulam no contexto. Logo, todo discurso possui uma dimensão argumentativa, a qual aparece, também, como uma consequência do dialogismo inerente à enunciação. Conforme aponta Amossy, citando Bakhtin:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam; trava uma polêmica com elas; conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as etc. (BAKHTIN, 1977, p. 105 *apud* AMOSSY, 2011, p. 131).

Nessa perspectiva dialógica, a argumentação está “[...] no discurso, na escala de um continuum que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal”. (AMOSSY, 2011, p. 131). Dessa maneira, fica claro o pertencimento da análise argumentativa à AD. Passa-se, então, a uma concepção mais ampla de “argumentação”, que é compreendida como

os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema. (AMOSSY, 2018, p. 47).

Tal definição reafirma a argumentatividade inerente a todos os discursos que emergem em situações concretas de uso. Por isso, de acordo com Amossy (2011, 2018), faz-se necessário diferenciar a “dimensão argumentativa” da “intenção argumentativa”. No primeiro caso, a dimensão argumentativa refere-se a discursos que apresentam um ponto de vista sem que haja a intenção clara (ou assumida) de persuadir o outro, mas possui a tendência comum a todo discurso de orientar os modos de ver, agir e sentir dos parceiros. Esses discursos possuem

estratégia de persuasão indireta e muitas vezes não admitida. Nesse caso, direcionam sutilmente o olhar do outro para fazê-lo perceber algum elemento do mundo de determinada maneira, como é o caso de uma descrição jornalística ou literária, letras de música, discursos epidéicticos de toda ordem etc. É assim que uma piada, por exemplo, ou ainda uma novela televisiva podem modificar nossa visão das coisas ou reforçar estereótipos/preconceitos sociais, ainda que o objetivo principal seja “fazer rir” e, respectivamente, “entreter”, ou seja, situações em que os interlocutores não estão em estado de debate ou discussão conflitual de teses contraditórias (pelo contrário, partem já de um acordo prévio). Aqui estamos diante de dimensões retóricas do discurso que se instauram de forma desapercibida ou inconsciente – muitas vezes, em situações descontraídas ou solenes.

Nesse sentido, cabe abrir um parêntese para explicitar que compreendemos o discurso, nos termos de Orlandi (2005), como um processo de *mediação* com o real, consigo mesmo e com os outros, o que torna possíveis tanto a permanência e a continuidade de certas visões do mundo, quanto o deslocamento e a transformação do homem da realidade em que vive. Tal noção vai ao encontro do que afirma Amossy (2018): a argumentatividade é inerente ao discurso, o que faz, podemos acrescentar, de toda mediação uma *mediação retórica*, ainda que inconsciente. Além disso, cabe ressaltar, ainda, que o discurso deve ser compreendido como um “efeito de sentido” (ORLANDI, 2005), pois, devido ao fato de a linguagem não ser transparente, isto é, marcada pelo equívoco, os seus impactos podem ser múltiplos e variados, já que o processo de significação é construído mutuamente pelos sujeitos participantes do discurso, os quais são afetados pela ideologia e pelo inconsciente. Como se sabe, o signo, a palavra, o significante, não nos revelam fidedignamente as coisas do mundo por eles referidas, mas um significado sobre essas mesmas coisas, variável segundo a perspectiva cultural, ideológica e humana. Desse modo, o discurso passa a ser compreendido não como uma verdade, mas como um efeito possível de sentido inerentemente argumentativo, se unimos os princípios das duas autoras citadas, pois todos os discursos são perpassados por diferentes ideologias que podem influenciar e direcionar, ainda que sem uma intenção declarada, o olhar do outro, as suas ações e emoções sobre diferentes assuntos.

Já a intenção argumentativa se refere a discursos que se constituem de “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente que oferece estratégias programadas para esse objetivo”. (AMOSSY, 2018, p. 44). Nesse aspecto, o locutor escolhe uma ou mais modalidades argumentativas que lhe permitam um bom desempenho da estratégia de persuasão, como é o caso de discursos eleitorais e peças publicitárias, por exemplo. Entre essas dimensões,

podemos citar: i) a modalidade demonstrativa, na qual uma tese é apresentada a um auditório do qual se deseja obter adesão através do uso de provas e argumentos baseados no raciocínio lógico; ii) a modalidade negociada, em que os interlocutores possuem pontos de vista divergentes e se esforçam para solucionar o conflito, chegando a um consenso; e iii) a modalidade polêmica, que se caracteriza por um conflito impetuoso em total desacordo, de sorte que as duas instâncias tentam superar a convicção oponente ou de uma terceira que as ouve, atacando os argumentos contrários.

Em todas as situações, ratifica Amossy (2011), a argumentação é indissociável do funcionamento do discurso e deve, portanto, ser estudada no quadro da AD. Para isso, a autora retoma da retórica antiga a tríade aristotélica *pathos*, *ethos* e *logos*. O *pathos* pode ser compreendido como a construção discursiva da emoção que o locutor pretende provocar em seu auditório. O *ethos* diz respeito à construção da imagem de si, oriunda do discurso. O *logos*, por sua vez, refere-se ao próprio discurso, tanto em sua dimensão mais racional (contemplando formas como o entimema e o exemplo, a dedução e a indução) quanto no que tange à estrutura linguística propriamente dita, em sua multiplicidade estrutural. A propósito do *logos* como estrutura, Amossy (2011) destaca que todas essas dimensões se manifestam na espessura da língua, por meio dos seus recursos diversos, tais como: modalizadores, implícitos, elementos de referenciação, dêiticos, conectivos, marcadores de polifonia, ambiguidade, escolha lexical e estilística. No presente trabalho, analisaremos apenas as dimensões do *ethos* e do *logos* nos aconselhamentos de Cristiane Cardoso, as quais serão explicadas mais detidamente à frente.

É necessário destacar, ainda, a noção de “*doxa*”, ou “opinião comum”. Amossy (2018), citando Perelman (1977), afirma que o discurso argumentativo se constrói sobre pontos de acordo: é apoiando-se em um conjunto de lugares comuns que o orador desenvolve seu discurso para fazer com que seus interlocutores adotem as teses que ele apresenta. Em suma, o saber compartilhado e as representações sociais constituem, então, o fundamento de toda argumentação.

A análise da argumentação no discurso, alimentada pelas teorias retóricas, pragmáticas e lógicas, opta por uma abordagem languageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual. *Languageira* pois a argumentação se manifesta na espessura da língua; *comunicacional* já que o desenvolvimento do discurso não pode ser compreendido fora de uma relação de interlocução; *dialógica* na medida em que todo discurso é uma reação aos discursos anteriores, além da troca comunicativa que ocorre entre os parceiros de fala; *genérica* em razão da inscrição obrigatória dos discursos em um gênero do discurso que se relaciona com a sociedade que o

institucionaliza; *figural* uma vez que a argumentação recorre aos efeitos e às figuras de estilo; e *textual* porque a argumentação deve ser estudada no nível de sua construção textual.

Diante disso, é possível perceber que a AAD possibilita, então, uma análise que leve em conta tanto a materialidade discursiva quanto aquilo que está fora dela. Nessa perspectiva, cabe ressaltar o conceito de “condições de produção”, de Michel Pêcheux. Para ele, a concepção de “condições de produção” possui lugar de destaque, uma vez que se torna impossível conferir ao sujeito a elaboração de suas falas, já que o sujeito não pode ser considerado a origem do discurso. Isso porque, para Pêcheux, o sujeito é um efeito ideológico elementar, resultado da interpelação que recebe da ideologia na qual está inserido. Sendo assim, o desenvolvimento da produção do discurso é definido pelo autor como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. (PÊCHEUX, 1997, p. 54). As “circunstâncias” de um discurso são suas condições de produção. Logo, o processo de produção do discurso é o conjunto de mecanismos formais que formam um discurso de um tipo dado em condições de produção dadas.

Isto é, as condições de produção do discurso combinam o jogo de imagens no qual o sujeito está inserido, as formações imaginárias a respeito de sua própria posição e da posição do outro e a situação concreta historicamente determinada. O pertencimento do sujeito a um espaço socioideológico o coloca em um campo de posições que lhe dá determinadas possibilidades de fala que podem variar de acordo com seu posicionamento em relação às formações ideológicas. Somadas a isso, a tramitação e a transição do sujeito por diferentes formações discursivas o colocam em um campo enunciativo daquilo que, na prática, pode ser dito. Dessa forma, as condições de produção envolvem o sujeito e suas contradições, que se impõem nos esquecimentos e em seu lugar social, que depende da ideologia, de sua posição em relação ao modo de produção e de sua posição na esfera específica em que o discurso é praticado. Por isso, foi preciso que desenvolvêssemos, nos capítulos anteriores, as condições de produção do discurso de Cristiane Cardoso. Neles, mesmo sem usar as terminologias mais técnicas da AD, buscamos contextualizar as formações imaginárias (sobre a religião, sobre a mulher, sobre os usos e costumes e sobre a Bíblia) em jogo na conjuntura socioideológica de Cristiane Cardoso. Já podemos adiantar, assim, que a sua fala se insere (e brota) em condições de produção permeadas por discursividades em conflito (Teologia Feminista x patriarcado, discurso conservador x discurso liberal, etc.) que, de certa forma, funcionam como elementos conjunturais estruturantes do seu texto, ainda que de forma não totalmente consciente.

Dito isso, antes de adentrarmos as análises propriamente ditas, é importante recuperar os conceitos de *logos* e *ethos* na AAD.

3.2. A dimensão do *logos*: discurso e estrutura

Durante muito tempo, o *logos* teve papel de destaque em teorias sobre retórica e argumentação. Na maioria desses estudos, essa prova adquiriu um sentido lógico ou demonstrativo ligado à razão; isso porque Aristóteles coloca no interior do *logos* dois procedimentos lógicos: a dedução e a indução, que correspondem a dois tipos de argumento: de um lado, o entimema²³ e, de outro, o exemplo ou analogia²⁴. Assim, diversos autores passaram a tratar a argumentação de maneira puramente racional, conforme aponta Amossy (2018). Entretanto, essa visão exclui a importância e a polissemia do *logos*, como aponta Galinari (2011, p. 94), que define o *logos* como “[...] discurso e tudo aquilo que integra a sua estrutura”.

Nesse mesmo sentido, Amossy (2018) nos alerta para o fato de que verificar a maneira como os argumentos são organizados na forma de entimema e analogia não é suficiente para compreender o seu funcionamento. Dessa forma, a autora destaca que a argumentação acontece não apenas por meio de raciocínios lógicos, mas, sobretudo, da materialidade linguística, já que a argumentatividade constitui característica inerente à linguagem. Sendo assim, toda materialidade linguística produz efeitos de sentido que direcionam o olhar para determinados pontos de vista e criam representações. A autora ainda chama a atenção para a importância de que o estudo da argumentação se alimente cada vez mais de trabalhos desenvolvidos nos diversos setores das ciências da linguagem, tais como: valores argumentativos da negação e da interrogação, construções sintáticas, discurso relatado e citação, modalizadores, virtudes argumentativas do léxico, o papel do implícito em suas diferentes formas, entre outros recursos linguísticos. Em suma, a linguagem inteira é argumentativa, pois, não sendo transparente, não tem o poder de indicar a verdade sobre as coisas referidas, mas o verossímil, fruto de acordos sociais.

²³ Raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições (premissas), das quais se obtém, por inferência, uma terceira (conclusão). Por exemplo: todos os homens são mortais (premissa maior); Sócrates é um homem (premissa menor); logo, Sócrates é mortal (conclusão).

²⁴ O exemplo, ou prova por analogia, é um raciocínio que, baseado em semelhanças de situação, chega a outra premissa, inferida em virtude da comparação entre objetos que, embora diferentes, apresentam pontos de semelhança. Por exemplo: um relógio é um objeto complexo que, para existir, necessita ser criado por um ser inteligente; o mundo é tão ou mais complexo que um relógio; portanto, o mundo também precisa de um criador inteligente, ou seja, um deus que o tenha feito.

Tendo isso em vista, inicialmente, Amossy (2018) chama a atenção para o peso argumentativo das escolhas lexicais, pois “[...] a seleção de uma palavra nunca é desprovida de peso argumentativo, mesmo que ela não tenha sido objeto de um cálculo prévio e tampouco, em uma primeira abordagem, essa palavra pareça de uso corrente e passe despercebida”. (AMOSSY, 2018, p. 172). Isso se deve ao fato de que “[...] o lexema faz parte de um interdiscurso no qual está carregado de significações diversas e no qual adquire frequentemente, logo de início, uma coloração polêmica” (AMOSSY, 2018, p. 172), conforme já apontava a abordagem dialógica da linguagem, de Bakhtin. Dessa maneira, uma mesma notícia pode ser veiculada de formas completamente diferentes a depender do uso lexical, como a seguinte notícia veiculada em dois jornais diferentes, por exemplo: “Mulheres do MST invadem parque gráfico do jornal O Globo no Rio”²⁵, no site de notícias *Uol*, e “MST ocupa parque gráfico do jornal O Globo”²⁶, no jornal *O povo*. Nota-se que a escolha dos verbos “invadem” e “ocupa” feita pelos jornais orienta a leitura para a criação de determinada imagem do movimento e deixa explícitos os posicionamentos diferentes de cada um dos veículos de comunicação. Por isso, as escolhas lexicais não são neutras, e algumas palavras ou expressões de uso corrente podem naturalizar determinados léxicos, permitindo uma abordagem argumentativa velada, para além de raciocínios lógicos flagrantes no discurso.

Além disso, Amossy (2018) retoma a importância argumentativa do retrabalho lexical, o qual pode ocorrer por meio de definições, que podem funcionar como um lembrete do que já é consagrado, quando útil, ou como uma redefinição, na tentativa de refutar argumentos adversários e direcionar o olhar a outros posicionamentos. O retrabalho lexical também pode acontecer por meio de deslocamento, quando o locutor joga com uma palavra, transportando-a para outro domínio e criando jogos de oposições e deslizamentos que constroem efeitos de sentido argumentativos em prol de um ponto de vista. A autora destaca, também, o uso de isotopias, estratégia que consiste na utilização de uma rede de termos que, sem se repetirem, retomam-se e se reforçam mutuamente, a fim de orientar a um posicionamento não explícito. Dessa maneira, fica clara a importância das escolhas lexicais na construção da argumentação do discurso, o que vai além de uma abordagem meramente lógica.

Se, por um lado, Amossy (2018) destaca a importância do dito para a argumentação, por outro, a pesquisadora, retomando os trabalhos de Ducrot, afirma que a argumentação não apenas

²⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/08/mulheres-do-mst-invadem-parque-grafico-de-jornal-o-globo-no-rio.htm>. Acesso em: 10 fev. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/03/mst-invade-parque-grafico-do-jornal-o-globo.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

se sustenta pelo que se diz com todas as letras, mas também por aquilo que se leva a entender, ou seja, o não dito, o implícito. O implícito consubstancia uma importante forma de argumentação, pois permite apresentar, sob um modo indireto e velado, crenças e opiniões contestáveis, de forma que há a possibilidade de se eximir do que foi dito. Amossy afirma:

O implícito é dotado de uma grande força argumentativa, não é somente porque desencadeia uma atividade de interpretação que autoriza uma cooperação com o discurso (o alocutário se apropria no movimento em que ele reconstrói). É também porque, alguns valores e posições têm muito impacto quando são apresentados sob o modo de evidência e introduzidos no discurso de maneira a não construir o objeto declarado do dizer. (AMOSSY, 2018, p. 180).

Isso posto, é muito importante que o implícito seja investigado na análise argumentativa. Para isso, retomando o trabalho sobre inferência de Kerbrat-Orecchioni e as máximas conversacionais de Grice, Amossy (2018) aponta que o estudo do implícito no discurso deve levar em conta não apenas o suporte linguístico, mas, também, o saber partilhado que autoriza a interpretação em determinado contexto. Assim, o implícito, por muitas vezes, está relacionado à *doxa*, mas não obrigatoriamente. Para a análise argumentativa trabalhar o implícito, Amossy (2018) recupera a distinção proposta pela pragmática entre os “pressupostos” e os “subentendidos”, definidos da seguinte maneira:

Os pressupostos (que são inscritos na língua e que não podem ser objeto de dúvida ou de negação total de responsabilidade) e os subentendidos que são inteiramente contextuais e dependem da interpretação do alocutário a quem a responsabilidade do sentido construído pode ser delegada. Notemos que, nos dois casos, o implícito em situação argumentativa pode ou fazer parte do funcionamento comum da linguagem ou, ao contrário, ser expressamente mobilizado pelo empreendimento da persuasão. (AMOSSY, 2018, p. 180).

Então, enquanto, no pressuposto, as informações inferidas estão inscritas na língua e fazem parte do sentido da enunciação, o subentendido está relacionado à interpretação do alocutário e a questões contextuais. Apesar disso, tanto o pressuposto quanto o subentendido constituem fenômenos distintos que oferecem possibilidades diferentes ao empreendimento da persuasão.

Amossy (2018) destaca, ademais, a importância dos conectores para o estudo da argumentação, pois “o dito e o não dito se inscrevem em enunciados que podem se desenvolver na argumentação somente com a ajuda de ferramentas de ligação: os conectores”. (AMOSSY, 2018, p. 184). Esses elementos linguísticos não possuem apenas função conectiva na língua, mas são importantes meios argumentativos, como foi possível observar em trabalhos de Ducrot e outros pragmáticos de seu círculo. Os conectores podem operar entre dois enunciados, dois

lexemas, entre implícito e explícito, entre enunciação e enunciado e devem ser analisados em sua situação de comunicação específica para apreender seu potencial argumentativo.

Por fim, Amossy (2018) aponta as contribuições da análise conversacional para o estudo do *logos* na argumentação do discurso, pois fica claro que as relações hierárquicas e sua gestão são essenciais, levando em consideração que a argumentação exige que examinemos, antes de mais nada, quem fala a quem, em qual quadro e qual circunstâncias. Dessa maneira, Amossy retoma o conceito de *script*, de Plantin, a negociação do turno de fala, as relações de poder, o gerenciamento das faces, a abordagem das regras de polidez, a proteção da face de Goffman e, ainda, a relação desses elementos com a construção do *ethos*, pois a identidade é negociada ao longo da troca discursiva a fim da obtenção de sucesso no empreendimento argumentativo.

Elencados os elementos suscitados por Amossy, cabe destacar outros elementos levantados por Galinari (2011) como promissores ao estudo argumentativo do discurso devido a possíveis efeitos persuasivos que podem ser construídos a partir deles e que são pertinentes à análise de nosso *corpus*:

- Os procedimentos e modalidades sintáticas: a ordem ou combinação das palavras/cláusulas, os tipos de relações interfrásticas (“coordenação” e “subordinação”), as funções sintáticas de base (a voz ativa/passiva, a interrogação, a intimação [ordens, súplicas, pedidos...], as asserções [afirmações, certezas, definições...], as negações, as interjeições etc.);
- Os processos de formação de palavras (derivações, composições etc.); o vasto repertório (ou seleção) lexical: os indicadores da “pessoa” (os pronomes pessoais [eu, tu, ele...]), os indicadores da dêixis (pronomes demonstrativos, advérbios [ex.: isto, aqui, agora, isso, ontem, ano passado, amanhã etc.]), os fatores de modalização, como os adjetivos ou expressões adjetivas, os substantivos, os termos temporais (verbos, advérbios etc.), os conectores transfrásticos (que, entretanto, mas, contudo etc.) e quaisquer outras classificações linguísticogramaticais;
- As representações, imagens ou visões de mundo criadas pelo discurso enquanto possibilidades semânticas de influência;
- Os raciocínios ou o modo lógico de organização do discurso (induições [exemplo], deduções [entimemas, silogismos], relações de causa e efeito, relações de contiguidade, relações de oposição, relações de proporcionalidade, analogias etc.) [...]. (GALINARI, 2011, p. 101).

Portanto, a argumentação está presente na língua como um todo e em todas as categorias estruturais e semânticas já descritas pela Linguística. Dito isso, é possível perceber que o *logos* é muito mais que apenas razão, demonstração e lógica. No entanto, apesar dessa ampliação do conceito proposto por Galinari (2011) e Amossy (2018), os esquemas lógicos não são descartados na AAD. Essa segunda propõe que o estudo desses seja feito com base em situação comunicativa real, não apenas reduzido a meras proposições lógicas, mas levando em consideração o contexto de produção e a *doxa* sobre a qual se constroem.

3.3. A dimensão do *ethos* na argumentação

Para exercer influência, aquele que toma a palavra deve adaptar-se ao seu auditório, devendo imaginar, tão fiel quanto possível, o modo como os alocutários percebem o mundo, inclusive o modo como seus parceiros o veem. Sendo assim, a retórica de Aristóteles atribui importante função à pessoa do orador, ressaltando, com o termo *ethos*, a imagem que essa instância constrói de si através do discurso, o que pode contribuir para a eficácia de seu dizer. Aristóteles fala, assim, em “caráter moral” do orador, que pode se construir por três vias: como uma instância de razoabilidade/credibilidade (*phronesis*), de virtude (*areté*) e de benevolência (*eunoia*), uma vez que “obtem-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança”. (ARISTÓTELES, 196-?, p. 33). Nesse sentido, para Aristóteles, é no discurso que importa produzir uma imagem de si. Tal visão faz parte de um debate que perdura até os dias atuais: trata-se de saber se é preciso privilegiar a imagem de si que o orador projeta em sua fala ou, antes, a imagem que deriva de um conhecimento prévio de sua pessoa.

A passo que, para Aristóteles, é no discurso que a imagem de si é produzida, na tradição romana, havia outra forma de compreender o *ethos*. Isócrates considerava que o importante é a reputação prévia ou o que se sabe do orador. Igualmente, Cícero afirma que o bom orador é aquele que une o caráter moral e a capacidade de conduzir o verbo. Quintiliano, de forma semelhante, ressaltava que um “homem de bem” é o único que pode “bem dizer”. Dessa forma, nota-se a valorização do *ethos* como fundamentado em dados preexistentes ao discurso.

Na AAD, Ruth Amossy une, de certo modo, as duas concepções de *ethos*:

É, afinal, a imagem que o locutor constrói, deliberadamente ou não, em seu discurso que constitui um componente da força ilocutória. Estamos, aqui, na ordem do *ethos* discursivo; para dar conta disso, as ciências da linguagem oferecem instrumentos preciosos. Entretanto, a imagem elaborada pelo locutor apoia-se em elementos preexistentes, como a ideia que o público faz do locutor antes mesmo que ele tome a palavra, ou a autoridade que lhe confere sua posição ou seu status. Aqui, estamos na ordem do *ethos* prévio ou pré-discursivo [...]. (AMOSSY, 2018, p. 89).

Logo, para Amossy, o *ethos* é, ao mesmo tempo, uma construção linguageira e institucional. Tendo isso em vista, o *ethos* prévio é a imagem que o auditório pode fazer do orador antes que ele tome a palavra. Assim, ele é elaborado com base no papel social exercido pelo locutor, isto é, suas funções institucionais, *status*, poder, mas também com base na representação coletiva ou no estereótipo que circula sobre ele. Essa imagem antecede a tomada da palavra e a modula parcialmente. Já o *ethos* oratório trata da imagem projetada pelo locutor em seu discurso, seja pela distribuição de papéis inerentes à cena genérica e à escolha de

cenografia, seja pela forma como se inscreve na enunciação e pela maneira como elabora os dados pré-discursivos. Essa imagem pode ser retomada por meio de marcas linguísticas no discurso.

Amossy destaca, ainda, a noção de “estereotipagem”, a qual deve ser entendida da seguinte forma:

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. (AMOSSY, 2005, p. 125-126).

A noção de “estereotipagem” assume dois sentidos. Em primeiro lugar, isso quer dizer que a construção da imagem do outro, o auditório, passa pelo processo de estereotipagem: “[...] o estereótipo permite designar os modos de raciocínios próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da *doxa* na qual ela se situa”. (AMOSSY, 2005, p. 126). Isso, por sua vez, significa que o auditório, conjunto daqueles a quem o orador quer influenciar com sua argumentação, é sempre uma criação do locutor, que busca construir uma imagem de seu ouvinte por meio de um processo de estereotipagem de determinada categoria à qual ele acredita que seu auditório pertence. Assim, para agir sobre seu público, o locutor deve se adaptar a seu auditório. Para isso, ele o enquadra em um grupo social e se baseia em premissas, crenças e valores já aprovados por seu público.

A distância entre a imagem do auditório elaborada pelo orador e o público efetivo determina a eficácia da argumentação. Desse modo, é necessário que o orador conheça seu público. Amossy (2018) pontua que a construção da imagem do alocutário é, em si, uma estratégia argumentativa, pois o orador trabalha para elaborar uma imagem do auditório na qual este desejará se reconhecer.

Além disso, a questão da estereotipagem perpassa também a construção da imagem de si, pois, a partir dessa estereotipagem, o orador adapta sua representação de si aos esquemas coletivos que ele crê serem interiorizados e valorizados por seu público-alvo, construindo, dessa forma, a imagem de si em seu discurso:

Ele não o faz somente pelo que diz de sua própria pessoa (frequentemente, não é de bom tom falar de si), mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe o receptor de formar uma impressão do orador relacionando-o a uma categoria conhecida. O discurso lhe oferece todos os elementos de que tem necessidade para compor um retrato do locutor, mas ele os apresenta de forma indireta, dispersa, frequentemente lacunar ou implícita. (AMOSSY, 2005, p. 126-127).

À visto disso, o locutor constrói discursivamente uma imagem de si, a qual pode ser recuperada por meio das marcas linguísticas. Para isso, conforme afirma Amossy (2018), as ciências da linguagem oferecem instrumentos preciosos. No entanto, essa imagem se efetua com a ajuda de modelos culturais que facilitam a integração dos dados em um esquema preexistente. Para tanto, é necessário mobilizar o conhecimento que se tem do imaginário coletivo em torno do orador. Por fim, Amossy salienta, ainda, que esse *ethos* prévio pode ser confirmado ou modificado. Assim, o locutor, que não pode se apoiar em uma autoridade institucional suficiente ou apropriada para seus propósitos, pode construir discursivamente essa autoridade com base no que sabe sobre como o auditório o vê, por exemplo. Da mesma maneira, um locutor que é visto em um estereótipo que não atende a seus propósitos pode tentar mudar isso discursivamente. Em suma,

Uma análise das imagens de si no discurso, juntamente de um conhecimento da situação de enunciação e da representação prévia do locutor, permite assim ver como é configurado um *ethos* que deve contribuir ao caráter persuasivo da argumentação. (AMOSSY, 2018, p. 93).

Nessa perspectiva, cabe ao analista do discurso analisar como a imagem de si, com base em um *ethos* prévio, constrói-se na materialidade do discurso a partir de todos os meios verbais ligados à enunciação, à interação e ao gênero.

Levando em conta as teorias elucidadas como base de nosso trabalho, empreendemos, a seguir, uma análise de vinte artigos publicados no livro *Melhor do que comprar sapatos*, a fim de verificar quais imagens de mulher são elaboradas linguisticamente; como essas imagens são construídas por meio do *logos*; e seus possíveis efeitos de sentido. Além disso, procuramos perceber de que modo Cristiane Cardoso cria, discursivamente, sua imagem em seus textos, com a finalidade de persuadir suas leitoras a aderirem às suas teses sobre ser mulher. Não se trata de uma análise exaustiva, mas, sim, destinada a ressaltar recorrências gerais que perpassam todos os textos.

3.4. A projeção da mulher ideal construída pelo *logos*

Nos aconselhamentos veiculados no livro *Melhor do que comprar sapatos*, Cristiane tem como objetivo ensinar como a mulher deve lidar com várias situações do cotidiano feminino para se tornar uma mulher ideal, como ela aponta na introdução de seu livro: “Ao fim do livro, você será uma mulher muito mais bela e capaz”. (CARDOSO, 2011, p. 13). Ao fazer isso, a autora utiliza diversas estratégias discursivas que constroem imagens ligadas à mulher

“ideal”. Essas representações são construídas por meio do *logos*, entendido não somente como raciocínio lógico, mas, sobretudo, como a materialidade linguística, já que, segundo Amossy (2018), a argumentatividade constitui característica inerente à linguagem. Assim, toda escolha linguística produz efeitos de sentido que direcionam o olhar para determinados pontos de vista. Diante disso, pretendemos, nesta seção, verificar como os mecanismos linguísticos são utilizados para construir essas representações da mulher ideal.

Antes de verificarmos quais imagens de mulher ideal são construídas ao longo dos aconselhamentos, é necessário dar atenção ao título do livro: *Melhor do que comprar sapatos*. O título já apresenta em si um estereótipo sobre as mulheres presente no senso comum: mulheres são consumistas e amam comprar sapatos. No entanto, Cristiane promete, no livro, apresentar algo melhor do que isso. Partindo do pressuposto de que as mulheres sentem enorme prazer em comprar, o que será melhor do que isso? Vejamos a seguir o que Cristiane tem de “tão bom” a oferecer para as mulheres e se é de fato bom para elas.

3.4.1. Mãe e dona de casa

A primeira imagem da mulher modelo que se destaca nos artigos de Cristiane é a de boa mãe e dona de casa. No aconselhamento “O valor de uma mulher” (Anexo 1, p. 128-130), Cristiane discorre sobre o sentimento negativo que carregava em relação à sua identidade como mulher. Ela diz: “pensava que os homens fossem seres mais importantes e isso muito me perturbava”. (Anexo 1, p. 128, l. 1-2)²⁷. Notamos que a autora apresenta, em seu texto, a consciência do lugar desprivilegiado da mulher. Porém, essa ideia é colocada não como uma verdade, mas como uma visão a ser questionada, já que o verbo “pensava” pressupõe que ela já não pensa mais que os homens são mais importantes do que as mulheres. O motivo dessa mudança de pensamento é explicado no mesmo texto mais à frente: ela deixou esse pensamento quando o próprio Deus lhe revelou o verdadeiro valor da mulher. A voz de Deus funciona como o argumento de autoridade: “Clamei a Deus [...] e foi aí que Ele me revelou o meu verdadeiro valor como mulher”. (Anexo 1, p. 128, l. 3-5). Desse modo, a ideia fica determinada como verdade absoluta, já que Deus é quem falou diretamente a ela. O desprestígio feminino, nesse caso, passa a ser entendido como algo imaginado por ela, e não como uma realidade.

Como já mencionado, a autora apresenta, em seu texto, a consciência do lugar desprivilegiado que a mulher ocupa na sociedade. Porém, faz isso não para problematizar a

²⁷ A partir daqui, a paginação de todos os trechos dos aconselhamentos analisados será referente à paginação deste trabalho, para que o leitor possa se localizar melhor.

questão, mas para reforçar o ideário social das funções ditas como femininas, já que é afirmado que o verdadeiro valor da mulher é o de ser especial e única. Cristiane se apropria de fragmentos de discursos feministas de forma indireta para reforçar uma visão tradicional, direcionando a força de seu inimigo a seu favor. Vejamos, pois, como ela nos explica o porquê de a mulher ser especial:

Deus fez a mulher para ser única. Seu amor materno nunca pode ser substituído e sua beleza é exclusiva. Ela é a luz de sua casa: Se fica doente ou viaja, sua casa se torna escura. Ela consegue fazer um velho apartamento tornar-se um "lar, doce lar". Sua doçura pode até fazer uma flor desabrochar! (Anexo 1, p. 128, l. 24-27).

Dessa forma, percebemos que a construção do texto, para explicar o valor especial da mulher mencionado por Cristiane, refere-se ao fato de que a mulher é especial justamente por ocupar o lugar que é imposto às mulheres: mãe e dona de casa. Como podemos observar no trecho citado, a ação de “fazer a mulher”, atribuída a Deus, é seguida pela descrição dos papéis atribuídos às mulheres, como a maternidade e a sua caracterização como dona de casa. Sendo assim, expressões como “seu amor materno”, “ela é a luz de sua casa” ou “ela consegue fazer um velho apartamento tornar-se um lar” reforçam a noção de que esses papéis são inatos à mulher.

Além disso, sabendo que as escolhas linguísticas implicam determinados efeitos de sentido, destacamos que a utilização do pronome possessivo “seu” confere a noção de posse do amor materno à mulher, colaborando com a formação da ideia de que o amor materno é um elemento intrínseco a todas as mulheres. Tal ideia é reforçada, ainda, pelo uso do advérbio de negação “nunca”, o qual pressupõe a impossibilidade da substituição do amor feminino, desconsiderando a legitimidade de outras configurações familiares que não possuam uma figura feminina. Esse discurso sustentado por Cristiane e pela IURD, como vimos no capítulo anterior, provém, dialogicamente, de um pressuposto muito antigo e que extrapola os limites da igreja: a crença patriarcal no instinto materno. Essa teoria parte da concepção de que toda mulher possui, naturalmente, o desejo de ser mãe e que é mais preparada para cuidar. Entretanto, isso não tem a ver com a natureza. Segundo nos permite dizer a Teologia Feminista, trata-se de uma questão política que serve para naturalizar papéis de gênero, sendo responsável por uma enorme pressão social sobre as mulheres para que tenham filhos, como se aquelas que não se tornam mães fossem incompletas, e para colocar somente sobre as mulheres a responsabilidade de educar e criar os filhos.

Em outro momento, Cristiane aconselha suas leitoras: “Então, se olhe no espelho hoje e veja a mulher que Deus vê do céu: especial [...] mãe dedicada e esposa amorosa”. (anexo 1, p.

130, l. 66-67). Observemos a utilização do verbo factivo “ver”. Os verbos factivos “são aqueles que pressupõem a verdade do conteúdo exposto pelo complemento do verbo [...]”. (CABRAL, 2011, p. 66). Sendo assim, o verbo “ver” pressupõe a verdade do que é visto, já que, para que alguém veja algo, é preciso tomar esse algo como verdadeiro, ou seja, tal verbo pressupõe a mulher como mãe dedicada e grande dona de casa, o que constitui um efeito de verdade irrefutável, ganhando ainda mais força devido ao sujeito do verbo, o próprio Deus, o que garante ainda mais, no imaginário cristão, a autoridade da afirmação.

Ao analisar os artigos selecionados, é possível perceber, em alguns momentos, um esforço de Cristiane para afirmar a valorização e a importância da mulher, mesmo que essa importância seja justificada pela atribuição de papéis baseada no sexo. Em determinados momentos, a mensagem de Cristiane indica alguns dos argumentos apresentados pelas teólogas feministas, como no texto “O valor de uma mulher”, em que ela apresenta a valorização dada às mulheres por Jesus: “Embora o Senhor Jesus tenha vindo a este mundo numa época em que as mulheres não eram em nada estimadas, Ele fez questão de dar-lhes especial atenção”. (Anexo 1, p. 128, l. 16-17). O tratamento igualitário dispensado às mulheres por Jesus é um dos argumentos mais importantes da Teologia Feminista, que, como vimos, integra, como memória, parte das condições de produção (ou do contexto discursivo) de Cristiane Cardoso no que tange a uma conjuntura histórica e social mais ampla. Em outro momento, como uma forma de reforçar o valor da mulher, Cristiane cita nomes femininos de destaque na Bíblia:

A verdade é que nós, mulheres, não temos razão nenhuma para nos sentirmos desvalorizadas ou inferiores a ninguém. Deus mostrou isso claramente através de Sara, Ester, Rute e muitas outras mulheres, as quais Deus achou dignas de terem seus nomes mencionados em Sua Palavra. (Anexo 1, p. 128, l. 21-24).

Tal fato também é utilizado na defesa da igualdade entre homens e mulheres na religião, proposta pela Teologia Feminista. Apesar de Cristiane trazer esses discursos apenas para tentar redimensionar e argumentar que esse valor está atrelado às características “naturais” da mulher de cuidar da casa, é interessante observar o porquê dessa necessidade de reafirmar esses lugares. Como as mulheres da IURD são incentivadas a entrarem no mercado de trabalho e alcançarem postos maiores – mas isso apenas para atender ao desejo pelo dinheiro da Igreja, e não para ajudar na luta pela igualdade entre homens e mulheres –, é gerada essa necessidade de reafirmação dos lugares relegados às mulheres, e Cristiane precisa lembrar a importância da vida familiar dedicada, pois, apesar de elas terem que crescer financeiramente, devem se manter sob as rédeas masculinas e do ambiente doméstico.

No texto “Voltando para o seu lugar” (Anexo 2, p. 131-132), Cristiane afirma que muitos problemas contemporâneos ocorrem porque as pessoas desconhecem seu lugar na sociedade. Ela diz:

A mulher sábia conhece o seu lugar, seja em casa ou na igreja. Ela sabe o que é esperado dela, e, assim, se porta como uma excelente serva para o Senhor e Salvador. Ela O servirá através de seu marido, de seus filhos, de seus pais, do cuidado com a casa e com o trabalho, através dos outros e do nosso próprio corpo. Quando reconhecemos o nosso lugar, tudo na vida começa a se encaixar, pois o Próprio Deus faz questão disso. (Anexo 2, p. 131-132, l. 31-35).

O verbo “conhecer” pressupõe a veracidade do complemento verbal. Sendo assim, ao afirmar “A mulher sábia conhece o seu lugar [...]”, pressupõe-se que há, quase que naturalmente, um lugar para a mulher em casa e na igreja. Isso é corroborado com a oração “ela sabe o que é esperado dela”, na qual o verbo “saber”, também factivo, pressupõe que há algo esperado da mulher. Essas afirmações constroem a noção de que há um lugar específico e esperado de todas as mulheres. Em seguida, nos é apresentando qual é esse lugar: “servirá através de seu marido, de seus filhos, de seus pais, do cuidado com a casa”. Ou seja, mais uma vez, é reforçada a ideia de a mulher ter que ocupar os papéis de dona de casa e mãe como algo determinado ao sexo feminino. Esse efeito de evidência é intensificado no trecho destacado também pela escolha assertiva do presente do indicativo para estruturar as frases, o que mostra um alto grau de crença, que é evidenciado categoricamente.

Além disso, há uma avaliação apreciativa das mulheres que exercem as funções impostas prototipicamente ao sexo feminino, por meio do adjetivo apreciativo “sábia”, relacionado à inteligência. Cristiane relaciona, portanto, a aceitação desses papéis pelas mulheres a um sinal de inteligência. Ao final do texto, há uma relação de condicionalidade: “quando reconhecemos o nosso lugar, tudo na vida começa a se encaixar, pois o Próprio Deus faz questão disso!”. Aqui, a oração adverbial temporal acaba funcionando como uma condição, pela qual somos levados a entender que somente se a mulher ocupa esses espaços é que a sua vida correrá bem, já que o próprio Deus “faz questão disso”.

Notamos que essa naturalização da vocação de dona de casa e mãe é frequentemente reforçada, ao mesmo tempo em que o homem é excluído dessas responsabilidades: “suas tarefas não podem ser feitas por mais ninguém, porque Deus escolheu você – e somente você!”. (Anexo 1, p. 129, l. 38-39). A negativa “não podem ser feitas” e o pronome “ninguém” pressupõem, de forma imperativa e necessária, que o papel do cuidado com o filho e com a casa é uma responsabilidade da mulher, eximindo totalmente o homem de qualquer obrigação quanto a essas tarefas. Além disso, cabe ressaltar que a expressão “não podem” tem, por um lado, caráter

deôntico²⁸, pois exprime uma obrigação/ordem; por outro, tem caráter epistêmico²⁹, pois mostra categoricamente alto grau de crença em relação ao conteúdo proposicional asseverado. A ação de escolher a mulher para as tarefas de dona de casa e de mãe, fruto da vontade divina, reforça a ideia de obrigatoriedade e exclusividade feminina na execução dessas tarefas, pois, para o Cristianismo, Deus é a figura máxima e o responsável pela criação de todos os seres. Podemos entender que essa afirmação é mais uma tentativa de dizer que o talento para os trabalhos domésticos é inato às mulheres, já que, se Deus criou o universo e o mesmo Deus escolheu somente a mulher para isso, não se pode questionar esse lugar.

Nota-se que, por meio de suas escolhas linguísticas, na sua construção das relações de sexo, Cristiane essencializa o que é ser uma mulher, dando-lhe atributos e posicionamentos tidos como naturais. Essa concepção está presente nos discursos que perpassam a IURD, conforme vimos no capítulo 2. Ela, assim como outras igrejas, utiliza a Bíblia para confirmar a teoria de que a mulher é biologicamente diferente do homem para exercer determinadas funções, as quais seriam o cuidado do lar e dos filhos. Essa diferenciação baseada nos sexos vai de encontro ao que já afirmava Butler (2003). A filósofa pontua que não existe um fato natural e imutável em relação ao gênero, apesar de a sociedade há muito postular a distinção entre gênero e sexo: o primeiro dado como natural; o segundo, como social. Dessa forma, a Igreja utiliza-se da Biologia para afirmar que determinados comportamentos seriam exclusivamente femininos e outros masculinos, o que vem sendo desconstruído por perspectivas da Teologia Feminista.

Porém, Butler aponta que essa diferenciação se faz por meio de performances culturais produzidas no discurso e são efeitos de uma formação específica do poder em nossa sociedade, com imbricações políticas e culturais, como é o caso da Igreja. Essa vem, desde o período judaico, como vimos no capítulo 2, construindo discursos que promovem a diferenciação sexual nos textos bíblicos, os quais foram reforçados no novo testamento e continuam, ainda hoje, sendo repetidos nas igrejas cristãs. Ao construir discursos que produzem essa separação e a definição de papéis baseada nos sexos, sendo tais características emanções da figura feminina, a Igreja tenta colocar a submissão da mulher e a função auxiliadora e cuidadora como algo natural e intrínseco ao sexo feminino. Para isso, em muitos momentos, Cristiane Cardoso se apropria de ideias feministas de forma fragmentada e indireta para reforçar sua visão

²⁸ Modalidade é considerada como a maneira que o enunciador se expressa em relação ao conteúdo da frase, ao grau de verdade existente nela ou em relação a quem o enunciado se destina. Advérbios, certos verbos e algumas categorias gramaticais podem contribuir para dar uma modalidade ao discurso. Nesse sentido, a modalidade deôntica está relacionada ao princípio da obrigação e do dever.

²⁹ Já a modalidade epistêmica expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.

tradicional. Assim, a Igreja, como instância formadora de opinião e que fala em nome de um Deus, apesar de não ser a fonte dessa visão, age como reprodutora que ajuda a sustentar esse postulado social.

A valorização dos cuidados domésticos como se fossem próprios da mulher ainda é reforçada no texto “Erros típicos dela”, em que Cristiane afirma:

Uma boa dona de casa não vai exigir que o seu marido faça o que ela deveria fazer. Imagina se o marido decidisse exigir dela o sustento da família? É bem verdade que muitas esposas trabalham para ajudar seus maridos, mas, ainda assim, é delas a responsabilidade de manter a casa limpa, a comida na mesa, as roupas limpas e passadas e, no fim do dia, ainda ter uma vida íntima ativa. Há muitos homens que acabam abandonando suas esposas porque encontram em outras mulheres aquilo que suas esposas falham em lhes oferecer. (Anexo 19, p. 165, l. 18-24).

No trecho citado, há, por meio do adjetivo “boa”, um julgamento de valor das ações da mulher: não basta ser dona de casa, mas uma *boa* dona de casa, aquela que não exige que o marido faça as atividades domésticas. Além disso, cabe ressaltar a utilização do verbo deôntico “deveria”. O verbo “dever” exprime uma obrigação (da mulher, neste caso), ao mesmo tempo que exclui a responsabilidade do homem quanto às tarefas domésticas. Em seguida, a autora protege sua face ao considerar diferentes realidades sociais e ressaltar que “é verdade que muitas esposas trabalham para ajudar seus maridos [...]”, porém, ela somente o faz para contra-argumentar, já que o conectivo “mas” “[...] sempre conduz a argumentação para a conclusão a que leva o segundo segmento enunciado”. (CABRAL, 2011, 10). Ou seja, o argumento considerado mais forte é o que está sempre após a conjunção “mas”. Dessa forma, ao afirmar “[...] mas, ainda assim, é delas a responsabilidade de manter a casa limpa, a comida na mesa, as roupas limpas e passadas e, no fim do dia, ainda ter uma vida íntima ativa”, Cristiane dá maior visibilidade e/ou força retórica à última afirmação, o que é também reforçado pela expressão adverbial “ainda assim”, que intensifica o enfraquecimento do argumento anterior. Dá-se a entender, portanto, que trabalhar fora não é argumento suficiente para que haja a distribuição das tarefas domésticas, sendo obrigação somente da mulher o cuidado com a casa.

É interessante, porém, refletir sobre a razão pela qual Cristiane protege sua face ao lembrar as mulheres da importância da posição delas como donas de casa. Supõe-se que isso ocorre porque ser somente esposa e mãe já não é algo tão presente na IURD, como vimos no segundo capítulo desta dissertação. A Igreja em questão tem valorizado e até possibilitado, cada vez mais, que as mulheres ingressem e tenham sucesso no mercado de trabalho, claro, com o objetivo de crescimento dos lucros da Igreja. Isso deixa transparecer, no discurso de Cristiane Cardoso, os dois repertórios da IURD, que apresenta a valorização da maternidade e dos

cuidados domésticos como se fossem próprios às mulheres, mas, também, incentiva a presença delas no mercado de trabalho para que possam contribuir cada dia mais com o crescimento da receita da Igreja. Ao que parece, algumas mudanças em relação aos valores tradicionais e alinhados aos ideais capitalista e empresarial de busca do lucro da IURD já fazem parte do cotidiano da Igreja hoje, a ponto de Cristiane Cardoso utilizar estratégias retóricas defensivas para relembrar a importância da vida familiar dedicada. Há, na IURD, uma divisão interna, uma convivência entre dois valores que repete o que acontece na sociedade e promove uma possível escravização das mulheres, resultando em sobrecarga e jornada dupla de trabalho, pois, além de dever ser bem-sucedida na carreira, deve cuidar da casa e dos filhos.

Ainda no trecho destacado, aparece a noção de obrigação introduzida pela expressão deôntica “ela deveria fazer”, reforçada pela escolha lexical que se segue: “[...] é delas a responsabilidade [...]”. O pronome possessivo “delas” acompanhando do termo “responsabilidade”, palavra que denota um dever a ser cumprido, reitera a noção de obrigatoriedade exclusiva da mulher com o cuidado da casa. Há, ainda, a escolha do verbo “falhar”: “há muitos homens que acabam abandonando suas esposas porque encontram em outras mulheres aquilo que as esposas falham em lhes oferecer”. Esse verbo sugere uma situação que não acontece como é esperada, reforçando que, quando uma mulher não faz trabalhos domésticos, ela foge do que é natural. Além disso, há uma ameaça: a possibilidade de perder a família caso não cumpra a dupla jornada de trabalho, o que pode provocar, como efeito possível, a sobrecarga da rotina das mulheres, as quais, ao mesmo tempo em que são estimuladas a crescer na carreira por meio da Teologia da Prosperidade, são também provocadas a manterem o cuidado da casa sozinha, cultivando uma jornada dupla e exaustiva sob pena de perder suas famílias caso não se submetam a isso.

Ainda tratando sobre a responsabilidade do cuidado da mulher com a casa, Cardoso afirma que:

A boa dona-de-casa mantém a sua casa limpa e organizada diariamente, certificando-se de que a mesma esteja aconchegante para quando a sua família chegar. Os seus filhos têm prazer em convidar os amigos. As pessoas gostam de visitá-la. A sua casa é o seu retrato – linda, adorável! Afinal, não é este o seu papel? (Anexo 20, p. 169, l. 40-43).

Nesse trecho, há a descrição da boa dona de casa. Tal descrição é marcada por uma escolha lexical que sugere constância nos trabalhos domésticos (aspecto durativo), escolha presente em termos como o verbo “mantém”, o advérbio “diariamente” e o verbo no gerúndio “certificando-se”. Tais vocábulos são complementares, pois constroem a imagem da “boa dona de casa”, ou melhor, daquela que está sempre atenta aos afazeres domésticos. Vejamos,

também, a afirmativa: “a sua casa é o seu retrato – linda e adorável!”. Aqui, Cristiane faz uso da metáfora com o intuito de relacionar a casa ao retrato da mulher. Ao construir tal imagem, ela vincula, mais uma vez, a figura feminina ao ambiente doméstico, já que a casa é vista como a própria representação da mulher: “linda e adorável”. Ao utilizar esses adjetivos, Cristiane atrai a atenção da leitora, criando uma imagem positiva da mulher, com a qual ela pode desejar se reconhecer, já que ser linda e agradável é algo desejável, ou melhor, “trata-se de fazer o alocutário aderir a uma tese ou adotar um comportamento por se identificar a uma imagem de si que lhe é agradável”. (AMOSSY, 2018, p. 78).

Além disso, o trecho se caracteriza pelo uso de enunciados assertivos, até mesmo categóricos, com verbos no presente do modo indicativo. Tal formato expressa certeza por parte da enunciativa em relação ao conteúdo asseverado, o que não abre (em termos de efeito) possibilidade para dúvidas ou questionamentos. No fim, ela recorre, ainda, à pergunta retórica introduzida pela conjunção “afinal”, que “comumente serve como um marcador justificativo usado para introduzir uma informação que reforça o que foi dito no segmento anterior”. (SZCZESNIAK, 2015, p. 139). A pergunta retórica “não é este o seu papel?” enfatiza que a total responsabilidade da casa é da mulher.

Cristiane Cardoso apresenta em seu discurso a ambivalência característica da IURD: a mulher que se emancipa no mercado de trabalho para atender a Teologia da Prosperidade, como vimos nos capítulos 1 e 2, mas ainda mantém duramente os valores tradicionais expressos não apenas pela Igreja, mas pela sociedade como um todo. Saffioti aponta que,

[...] dada a desvalorização do trabalho doméstico, os poderosos têm interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres e, para a solidificação dessa crença, nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis seu caráter sociocultural [...] eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam as características naturais destas funções. (SAFFIOTI, 1987, p. 11).

Desse modo, vemos que a tentativa de naturalizar o pertencimento da mulher ao âmbito doméstico faz parte da sociedade como um todo, sendo anterior à Igreja. E a IURD, como uma instância de poder formadora de opinião e que fala em nome de Deus, corrobora com a manutenção de ideologias e comportamentos machistas, que são anteriores à própria Igreja. Se pensarmos que a maior parte dos membros da IURD é constituída por mulheres, a reprodução desses valores provoca atrasos no progresso em direção a uma sociedade respeitosa e igualitária para todos os gêneros, pois disciplina e domestica esses corpos que se sujeitam não à Igreja, mas a seu Deus, que fala através de Cristiane. Além disso, esses discursos contribuem para o assujeitamento, a sobrecarga e a escravidão moderna das mulheres, pois as colocam em uma

situação desesperadora e desgastante, dada a obrigação de cumprir uma dupla jornada de forma incansável (o trabalho e o lar). Isso também é um efeito retórico social e possível do *logos* no que tange à projeção de uma imagem da mulher, que se vale, inclusive, de fragmentos do discurso feminista à disposição para uso no interdiscurso, pois, como vimos no capítulo 2, esse discurso, sobretudo por meio da Teologia Feminista, está nas condições de produção do discurso de Cristiane.

3.4.2. Submissa e auxiliadora

Outra imagem que caminha lado a lado ao papel de mãe e dona de casa é o de esposa submissa e auxiliadora. No texto “A mulher em você”, Cristiane faz a seguinte afirmação: “Deus criou a mulher para viver eternamente com o homem, sendo sua auxiliadora e melhor amiga”. (Anexo 11, p. 149, l. 16-17). Aqui, observamos a tentativa de naturalizar o lugar da mulher a partir da utilização do verbo “criar”: (“Deus criou a mulher”). Esse verbo, como uma ação do próprio Deus, remete ao mito criacionista cristão mencionado no capítulo anterior, acrescido da oração adverbial de finalidade que se segue: “[...] para viver eternamente com o homem, sendo sua auxiliadora e melhor amiga”. Sendo assim, se Deus criou a mulher com a finalidade de viver com o homem e ser sua auxiliadora, isso se torna algo intrínseco e natural ao gênero feminino. O advérbio “eternamente” e o verbo “ser”, no gerúndio (“sendo”), corroboram a construção da ideia de que o objetivo de toda existência feminina é estar ao lado de um homem. Além de naturalizar a imposição social de que a mulher deve ter um homem, Cristiane ainda exclui os casais lésbicos, bem como as mulheres que optam por viverem sozinhas, caracterizando essas situações como anormais e não naturais, já que fogem à vontade divina.

Ainda nesse mesmo aconselhamento, Cristiane, fazendo menção ao mito de Adão e Eva, afirma: “Deus a fez compatível com o homem, pois este necessitava de uma auxiliadora. Se Adão pudesse fazer tudo sozinho, Deus não a teria criado”. (Anexo 11, p. 149, l. 13-15). O texto bíblico é citado como argumento de autoridade para embasar a construção da naturalização da imagem de “mulher auxiliadora”, que é reforçada pela asserção “Deus a fez compatível com o homem”. Nesse trecho, o uso do verbo “fazer” como uma ação divina remete a algo dado como inato à mulher. No caso em pauta, ela foi feita de forma “compatível” com o homem, acrescentando-se, com esse adjetivo, a ideia de que a mulher está ligada ao homem e funciona em conjunto com ele, ou melhor, de forma acessória a ele. Essa compatibilidade servidora é justificada na oração “[...] pois este necessitava de uma auxiliadora”, em que há uma clara

justificativa da oração anterior. À vista disso, entende-se que a mulher foi criada somente devido à necessidade masculina de ter uma auxiliadora compatível, isto é, feita sob medida para a sua existência. Tal noção é reforçada pela seguinte afirmação: “se Adão pudesse fazer tudo sozinho, Deus não a teria criado”. Nessa oração, há relação de condicionalidade, na qual fica evidente a necessidade do homem como fator principal para a criação e existência da mulher. Além disso, há um pressuposto de que Adão, representando o sexo masculino, não pode fazer tudo. Sendo assim, a mulher é criada para fazer aquilo que o homem não pode. É relevante ressaltar que, mais uma vez, notamos a tentativa de naturalizar a demarcação de papéis sociais de homens e mulheres.

A mesma ideia é retomada no artigo “A auxiliadora”:

Há muita controvérsia quando o assunto é a criação da mulher. É uma pena que muitas mulheres, especialmente as que se dizem cristãs, não entendam o verdadeiro papel da esposa. Algumas delas são rudes a ponto de afirmarem que a nossa crença provém de uma era medieval, em que a mulher não tinha valor algum na sociedade. Eu até entendo a frustração delas; afinal de contas, se elas não conhecem o próprio Criador, como poderiam entender o seu papel? (Anexo 16, 159, l. 3-8).

Nesse artigo, Cristiane discorre sobre qual seria a função da mulher e inicia o texto com a citação acima. A primeira oração, declarativa, nos lembra a estrutura de textos científicos quando tratam de temas em que há divisão de pontos de vista. Porém, nesses textos, a afirmativa é normalmente seguida de argumentos válidos em defesa de um ponto de vista. Já no texto em questão, a expectativa é quebrada, pois Cristiane não apresenta nenhum argumento de caráter lógico-demonstrativo para sustentar suas ideias. Observamos, em vez disso, um tom de depreciação direcionado às mulheres que não aceitam o “papel feminino” tal e qual ela defende, exposto em julgamentos de valor como “é uma pena” ou, ainda, na expressão “especialmente as que se dizem cristãs”. Por sua vez, a construção “não entendem o verdadeiro papel da esposa” pressupõe a existência de um papel específico da mulher, papel este que é qualificado, ainda, pelo adjetivo ‘verdadeiro’.

Ademais, Cristiane qualifica como “rudes” as mulheres que sustentam “[...] que a nossa crença provém de uma era medieval, em que a mulher não tinha valor algum na sociedade”. Apesar de ser uma afirmação verdadeira (a localização temporal do surgimento do Cristianismo), a autora não traz nenhum argumento para confirmar o contrário, ou seja, que não se trata de uma crença “medieval” que desvaloriza a mulher. Ao que parece, por falta de argumentos mais lógico-demonstrativos que comprovem a tese contrária, Cristiane opta pelo

argumento *ad hominem*³⁰, insultando as mulheres que, supostamente, tenham essa opinião, questionando a veracidade da fé delas de modo ameaçador: “Eu até entendo a frustração delas; afinal de contas, se elas não conhecem o próprio Criador, como poderiam entender o seu papel?”.

O caráter de condicionalidade entre essas orações nos permite compreender que há relação entre se reconhecer cristã e aceitar o papel de submissão imposto às mulheres. É interessante notar que Cristiane traz para seus textos opiniões contrárias às suas, fazendo alusão estratégica ao feminismo e à “modernização” das mulheres; no entanto, o que estão em jogo são apenas fragmentos trazidos estrategicamente para contrapô-los. No fundo, mulheres que se enquadram plenamente no ideal feminista, com todas as suas consequências, são “rudes”, “frustradas”, ou até mesmo infelizes ou mal-amadas. Isso nos faz perceber que as críticas feitas pela Teologia Feminista e pelo feminismo em si não passam despercebidas por Cristiane, construindo um *ethos* de informada.

Ainda nesse aconselhamento, observamos, novamente, a naturalização do papel feminino como auxiliadora:

Quando Deus criou a mulher, Ele deixou bem clara a sua função: Ele a criou para que esta auxiliasse o homem. O objetivo da mulher deveria ser o de se adequar e ajudar o seu marido todos os dias de sua vida. Ela tem todas as qualidades necessárias para ajudá-lo em todas as áreas: ela é sensível, carinhosa, cautelosa, graciosa, meiga, bonita, forte, auxiliadora e muito mais. (Anexo 16, p. 159, l. 9-13).

Mais uma vez, fica pressuposto que há função definida para as mulheres, a qual o próprio Deus deixou “bem clara”. Para reforçar o argumento, Cardoso utiliza o nome de Deus, ou seja: é o próprio Deus quem deixa a função da mulher “bem clara”. Essa expressão sugere uma ideia de obviedade e de naturalidade tão lógica quanto inquestionável. Além disso, a preposição “para” confere a ideia de finalidade: o intuito da existência da mulher é servir ao homem. Isso é reforçado posteriormente, quando se afirma qual deveria ser o objetivo da mulher: “se adequar e ajudar o seu marido todos os dias de sua vida”. À mulher caberia, assim, viver em função do marido. Para explicar o porquê disso, Cristiane declara de modo assertivo: “Ela tem todas as qualidades necessárias para ajudá-lo em todas as áreas: ela é sensível, carinhosa, cautelosa, graciosa, meiga, bonita, forte, auxiliadora e muito mais”. As construções assertivas no presente do indicativo transmitem certeza, sem margem para dúvidas ou hesitações diante dos adjetivos aparentemente elogiosos. Ainda em relação ao contexto,

³⁰ O argumento *ad hominem* é um tipo de paralogismo que consiste em atacar a pessoa em vez do argumento em questão.

percebe-se que tais características citadas pela autora são realmente naturais e inatas às mulheres. Posteriormente, Cristiane ainda indica que:

Não é que Deus prefira os homens ou que estes sejam melhores do que as mulheres. Não permita que esse pensamento maligno a confunda acerca do seu valor diante de Deus. [...] Tanto o homem quanto a mulher são especiais para Deus. A única diferença entre eles é a função que cada um exerce diante de Deus: o homem deve glorificar a Deus e a mulher deve ajudar o seu marido a glorificar a Deus. Ambos têm o mesmo objetivo, mas diferentes papéis, formando um time imbatível. (Anexo 16, p. 159, l. 13-15; 17-21).

Nesse fragmento do texto, é apresentada a resposta para uma possível dúvida que poderia surgir nas leitoras: “se a mulher foi criada somente para o homem, seria este mais especial do que ela?” Na resposta, embora afirme que ambos são especiais para Deus, Cristiane acaba, no entanto, confirmando o desprestígio da mulher submissa, já que é ao homem que cabe até mesmo o “glorificar a Deus”, e à mulher, apenas ajudar o homem a fazer isso, ou seja, até mesmo no relacionamento com a divindade, o papel principal é do homem. É interessante, porém, refletir o motivo de Cristiane fazer a afirmação “Não é que Deus prefira os homens ou que estes sejam melhores do que as mulheres”. Supõe-se que tal colocação funcione como uma defensiva por parte de Cristiane contra possíveis críticas ao discurso ensinado por ela. Isso nos permite pressupor que ela dialoga com as críticas feministas feitas na atualidade, trazendo para seu texto possíveis argumentos que foram fruto dos debates feministas para defender sua ideologia a partir deles, ou seja, traz estrategicamente argumentos feministas para seu discurso para, em seguida, rechaçá-los. O feminismo está no ar, faz parte do contexto, e o discurso de Cristiane é responsivo quanto a isso, pois, conforme salienta Bakhtin (1993a, 1993b, 1997a, 1997b; e BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988), todo discurso dialoga/argumenta com outros discursos.

Apesar disso, a IURD produz um discurso que colabora com a adaptação da mulher a uma cultura marcadamente desigual quando se estabelece um recorte por sexo. De acordo com Bovkalovski (2005, p. 194), a afirmação de que todos são filhos de Deus “deixa implícito por trás de seu discurso igualitário [...] uma disputa não só pelo poder, mas pela manutenção do *status* já conferido aos homens na cultura ocidental”. O discurso fixa uma desigualdade entre mulheres e homens. Mesmo que não venha em um tom abertamente hierárquico, de acordo com a autora, ainda assim o é e se torna mais eficaz na aceitação de sua mensagem pelo seu caráter religioso. Esse discurso tem uma força retórica de sobrecarregar a mulher, escravizá-la dentro do capitalismo e em função do desejo de arrecadação da Igreja, fazendo com que ela tenha cada

vez mais uma dupla jornada exaustiva e nociva à saúde física e mental, principalmente nas camadas mais pobres, que representa a maior parte dessa Igreja como vimos no capítulo 1.

Para tentar explicar essa diferença entre homens e mulheres, Cristiane faz uso do paralogismo³¹, apresentando uma falsa analogia:

Imagine se na escola todos os professores ensinassem a mesma matéria... Como essa equipe de professores poderia fazer qualquer diferença na vida de uma criança? Tem que haver um que saiba ensinar matemática e outro que saiba ensinar língua portuguesa. Ambos são igualmente importantes para nós, mesmo que possuam diferentes funções. Ambos têm o mesmo objetivo: ensinar. Assim também é o casamento: um time com o objetivo único de glorificar a Deus! (Anexo 16, p. 159, l. 22-27).

Sobre os paralogismos, Amossy (2018) afirma que a análise argumentativa pretende compreender de que maneira eles são levados para o discurso com o objetivo de agir sobre o alocutário, sendo necessário examinar o contexto e a substância do argumento. Sendo assim, Cristiane simula uma falsa analogia. Essa falácia argumentativa ocorre quando, na tentativa de provar uma conclusão, recorre-se à comparação entre situações que não apresentam semelhança, o que ocorre no trecho apresentado acima. A autora traça um paralelo entre situações diferentes: o casamento, no qual a mulher tem o papel de auxiliadora do homem, e o contexto escolar, em que cada professor leciona um conteúdo diferente. No contexto escolar, diferentemente do que Cristiane aponta, todos os professores possuem a mesma função – ensinar – e devem ser tratados e valorizados monetariamente de igual modo, não havendo hierarquias. Nesse sentido, nenhum serve ou se adéqua ao outro, apesar de lecionarem conteúdos em diferentes componentes curriculares. Já no casamento ensinado por ela, é apontada, de forma flagrante, uma diferenciação baseada nos sexos (ausente no outro contexto), pela qual a mulher apenas ajuda, se adéqua e/ou serve, estando o homem na liderança. Além disso, o discurso de diferentes funções se mostra falso, pois, na prática, o que vai acontecer é que a mulher terá uma dupla jornada, trabalhará no mercado, ajudará financeiramente em casa e na Igreja e ainda trabalhará em casa. É uma distribuição desigual e desleal de papéis.

Em outro momento, Cristiane diz que, “na realidade, nenhuma mulher no mundo consegue ser submissa a menos que viva segundo a Palavra de Deus”. (Anexo 17, p. 161, l. 18-19). Nesse trecho, ela condiciona a vida cristã à submissão feminina, ressaltando que, no contexto cristão, o objetivo é viver de acordo com os ensinamentos bíblicos, os quais seriam

³¹ Paralogismos são silogismos que parecem válidos, mas não são. Esses silogismos falsos se apresentam em uma estrutura que não revela o seu defeito, de maneira que é necessário examinar o contexto e a substância do argumento para detectar o erro lógico.

oriundos de Deus. Nesse caso, uma mulher cristã não poderia questionar ou não viver a submissão, sob pena de, em tom de ameaça, ser considerada uma pessoa que não vive segundo a palavra sagrada de Deus. Dessa forma, Cristiane ainda salienta que:

Ele criou a mulher para ser a auxiliadora do homem. Se o seu marido a fere fisicamente, é seu dever ajudá-lo buscando conselho profissional – o que pode significar apresentá-lo à polícia se notar que sua vida está ou esteve em risco. Pode até parecer que agindo desta forma o estará prejudicando, mas, na verdade, isto vai ajudá-lo a mudar. (Anexo 17, p. 161, l. 26-29).

Mais uma vez, aparece a afirmação de que a mulher foi criada exclusivamente para auxiliar o homem. Porém, dessa vez, Cristiane ilustra a submissão citando uma situação hipotética de violência doméstica e como a mulher deveria agir nesses casos: “[...] é seu dever ajudá-lo buscando conselho profissional [...]”. Nota-se novamente que, mesmo em uma situação desfavorável à mulher, ela continua sendo figurada em segundo plano. Isso porque, do ponto de vista linguístico (com o uso do verbo auxiliar “dever”, de caráter deôntico), é expressa mais uma obrigação imposta à mulher: “é seu dever ajudá-lo”. Dessa forma, ela não deve pensar em si, mas no marido. Nem sequer as suas dores e traumas, frutos da violência, são mencionados, e até mesmo uma ajuda policial só deveria ser acionada para o bem do marido, que teria toda a prioridade em uma ocorrência, que deveria ser registrada somente se a mulher “[...] notar que sua vida está ou esteve em risco”. Tal conselho fortalece ainda mais a ideia principal de que a mulher foi feita para viver em função do homem, até mesmo em situações adversas a ela, e deixa de lado todas as pequenas (e significativas) violências domésticas que a mulher sofre em seu dia a dia pelo machismo, mas que, a princípio, não acarretam riscos físicos. Referimo-nos a toda sorte de violência simbólica e/ou psicológica que, ademais, pode também levar o corpo físico a adoecer, a médio ou longo prazo.

No artigo “O valor de uma mulher” (Anexo 1, p.128), Cristiane faz uma citação do livro *O que os homens gostariam que suas esposas soubessem*, que valida a construção da imagem de “mulher auxiliadora”. Vejamos um trecho:

Este homem... Olha para ele! Ele precisa de ajuda em todo lugar! Vejamos: Ele precisa de um amigo para que não esteja sozinho. Precisa de um ajudante para fazer seu trabalho. Precisa ter alguém com quem conversar. Ele precisa de ajuda no trabalho e em casa. E ele precisa de ajuda para fazer homenzinhos. Hum... Já sei! Entendi! Vou fazer uma mulher! (Anexo 1, p.130, l. 62-66)

A citação é usada como argumento de autoridade para reforçar a ideia de que a mulher foi criada para suprir, mais uma vez, as necessidades do homem. Essa noção é ressaltada pela repetição do verbo “precisa”, que evidencia as demandas masculinas, e a criação da mulher aparece, portanto, como a constatação divina para a solução das suas carências. Além disso, tal

citação descreve o homem como um ser faltante, que é completado pela mulher. É interessante ressaltar que, a despeito de se tratar de um texto voltado para o público feminino, a autora traz para ele, como argumento de autoridade, a voz de um homem conhecido por escrever e palestrar para homens.

Ainda nesse contexto de que a mulher teria sido criada para servir ao homem, a autora discorre sobre a importância da relação sexual em um casamento, dessa vez no texto intitulado “A base do seu casamento”:

Quando a esposa é sábia e entende a importância da intimidade no casamento, nunca está cansada ou ocupada demais para o seu marido. Pelo contrário, ela se prepara para esse momento especial com ele, tornando essa ocasião um momento muito esperado todos os dias. Quanto mais eles se conhecem, mais ligados ficam um ao outro, fazendo com que seja quase impossível que algo ou alguém interfira em sua relação. O marido que é realizado no seu casamento será realizado em qualquer outra área de sua vida. Porém, o contrário também é verdadeiro. Os maridos que não são realizados nessa área são muito frustrados e se tornam presas fáceis para as tentações do diabo. (Anexo 18, p. 163, l. 24-31).

Assim como nas demais situações, a mulher ideal serve ao marido nas relações sexuais, priorizando as vontades dele. A escolha do advérbio “nunca” nos leva a entender que a esposa deve estar sempre à disposição do marido. Além disso, ela “se prepara” e torna “essa ocasião um momento muito esperado todos os dias”. O já mencionado advérbio, relacionado aos empecilhos para a relação sexual, é complementado pela expressão “todos os dias”. Tal conselho ainda é acompanhado pelo apelo emocional em tom de ameaça: “os maridos que não são realizados nessa área são muito frustrados e se tornam presas fáceis para as tentações do diabo”. As mulheres são, então, responsabilizadas pela realização do marido e por sua vida espiritual. Toda a descrição que Cardoso faz da relação sexual é voltada para o homem. Dessa forma, a mulher é apenas um instrumento responsável pela sua realização sexual, não tendo vontades nem direito à escolha. Esse tipo de conselho remete à repressão sexual feminina, que se apresentava em décadas passadas, como nos “[...] manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema e não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida”. (BASSANEZI, 1997, p. 89 *apud* AMORIN, 2011, p. 3).

Em outro momento, Cristiane afirma que

É bem verdade que muitas esposas trabalham para ajudar seus maridos, mas, ainda assim, é delas a responsabilidade de manter a casa limpa, a comida na mesa, as roupas limpas e passadas e, no fim do dia, ainda ter uma vida íntima ativa. Há muitos homens que acabam abandonando suas esposas porque encontram em outras mulheres aquilo que suas esposas falham em lhes oferecer. (Anexo 19, p. 165, l. 18-24).

Nessa perspectiva, a mulher pode também falhar na “vida íntima”, como afirma Cristiane. Essa afirmação deixa subentendida uma ameaça: caso a esposa não satisfaça seu marido sexualmente, este é legitimado a abandoná-la e encontrar outra mulher, apesar de o divórcio e o adultério não serem aceitos no âmbito cristão. Essa ideia retoma o ideário da interpretação bíblica de Gênesis sobre o qual discorreremos no capítulo 2: a mulher é criada para atender às necessidades do homem, inclusive a sexual. Essa ideia de sexo que coloca a mulher apenas como um meio de garantir o prazer masculino é ressaltada por Saffioti. Para a autora, poder e prazer estão conectados no universo masculino. Segundo ela, “para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto”. (SAFFIOTI, 1987, p. 18). Assim, Cristiane apresenta, em seus aconselhamentos, uma visão de mundo falocêntrica, na qual, à mulher resta apenas se sujeitar e cumprir “[...] a obrigação de [...] prestar serviços sexuais ao companheiro quando por ele solicitada. Percebe-se, com muita facilidade, a posição de objeto do desejo masculino ocupado pela mulher”. (SAFFIOTI, 1987, p. 19).

No texto “Os erros típicos dela” (Anexo 19, p. 165), ao falar sobre ciúmes, Cardoso faz a seguinte afirmação: “a mulher deve cuidar do seu marido, mas não pode chegar ao ponto de ter esse sentimento pecaminoso chamado ciúme”. (l. 44-45). O verbo auxiliar “dever” sugere obrigatoriedade, e o verbo “cuidar” nos permite pressupor que o marido é alguém que precisa de cuidados. Pode-se dizer que a pressuposição é uma importante ferramenta argumentativa, pois, ao passo que o posto mostra-se questionável e passível de problematização, o pressuposto é imposto como verdade muitas vezes naturalizada. Assim, a necessidade de o homem receber cuidados é imposta como verdade, como um dado da natureza, da mesma forma que a natureza de ser cuidadora é da mulher.

A materialidade das escolhas linguísticas do discurso de Cristiane Cardoso ao falar sobre a submissão faz erigir uma visão que busca, a todo custo, colocar como natural e biológica a condição da mulher como submissa e auxiliadora do homem. Essa visão se fundamenta tanto pelo texto bíblico em uma interpretação mais rígida, quanto pelos discursos produzidos pela IURD, como vimos no capítulo anterior. Muitas mulheres, quando recebem dos homens o direito de falar, utilizam de tal possibilidade para ajudar a disseminar o discurso machista, como o faz Cristiane Cardoso, que serve com um instrumento útil que trabalha para o inimigo, o que dá mais força ao seu discurso, reproduzindo os discursos de sua Igreja, domesticando as mulheres e repetindo os discursos da estrutura de poder de nossa sociedade. Esses discursos construídos no seio das igrejas funcionam como formas de controle, pois, interiorizados como

próprio e normal para a conduta da mulher, distanciam-nas de condutas diferenciadas vividas, como pecado e transgressão. Eles encontram suporte em diversas passagens da Bíblia, o que permite aos pensadores cristãos a autoridade para legitimar a submissão feminina ao homem.

As imagens de mãe, dona de casa e auxiliadora são resultados de outra imagem que se destaca em nosso *corpus*: a imagem da mulher “doadora”, que se dedica a todos antes de olhar a si mesma. Sendo assim, essa imagem, além de abarcar todas as outras – a mãe dedicada, a esposa auxiliadora e cuidadosa –, se estende a outros ambientes, ou seja, o “instinto” doador permeia outros âmbitos da vida da mulher. Vejamos como isso se dá com uma citação do texto “A mulher graciosa” (Anexo 9, p. 145): “elas têm esse amor dentro delas que as impulsiona a servir e agradar os outros até mesmo quando sabem que nunca serão retribuídas pelo que fizeram”. (l. 11-13).

A frase assertiva, categórica e enfática “elas têm” e a expressão “dentro delas” sugerem a naturalidade dessa característica de doação, o que é colocado como algo intrínseco à mulher. Cardoso considera um argumento contrário que poderia surgir nas leitoras, o de que somente se deve servir e agradar às pessoas que retribuem esse agrado. Porém, “até mesmo” constituiria evidência de que a autora considera seu argumento mais forte que o das leitoras, mostrando que, somente se agisse daquela forma e não de outra, a mulher seria considerada graciosa. Por conseguinte, esses recursos argumentativos ajudam a construir a imagem da mulher ideal como “mulher submissa” e doadora, que tolera até mesmo situações que não lhe são favoráveis. Há de se destacar, ainda, a escolha do verbo “servir”, que parece sugerir uma dedicação completa aos outros, o que fomenta a construção da imagem de mulher doadora.

Além de ter esse “amor dentro delas”, o texto nos diz ainda mais: “a mulher que faz a diferença nunca precisa de alguém que lhe diga o que fazer, pois o seu objetivo é estar sempre à procura do que mais pode fazer e onde mais pode ajudar. Ela é um sinal de Deus neste mundo”. (Anexo 5, p. 138, l. 38-40). Aqui, os advérbios “nunca” e “sempre” enfatizam a constante atividade de doação esperada da mulher ideal. A imagem de mulher desejável é ativa. Essa característica é apreciada com a afirmação “ela é um sinal de Deus neste mundo”, que atrai o olhar da leitora cristã, já que, para esta, seria desejável ser considerada um sinal de Deus no mundo.

Em outro momento, Cristiane utiliza um argumento de autoridade bíblico, fazendo uma citação direta da seguinte passagem: “Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram vejam a luz. (Lucas 8:16).” (Anexo 5, p. 138, l. 17-18). Com isso, propõe

analogia entre tal versículo e a mulher doadora. Assim como a candeia é posta em cima de um velador e ilumina tudo ao seu redor e todos a veem, a mulher cristã, que possui o Espírito Santo, nos dizeres de Cristiane, deve “iluminar a todos”, fazendo a diferença no mundo em que vive. Essa visão está muito relacionada à crença popular de que a mulher possui um espírito cuidador, que nesse caso se estende a todos: família, igreja e trabalho social. Constata-se, desse modo, que ser a mulher perfeita é, entre outras coisas, exaustivo, pois esse ideal de mulher postulado por Cristiane estimula dupla jornada, ou tripla, e sobrecarga de atividades para atender à moral cristã e patriarcal, de um lado, e para dar o dízimo, de outro, no caso da liberalidade para o mercado de trabalho.

Além de construir essas imagens ideais de mulher, mãe, dona de casa, submissa e auxiliadora, Cristiane também busca persuadir por meio do medo e da argumentação de forma a tocar a emoção das leitoras, apresentando possíveis consequências a essas mulheres que não vivem como “Deus deseja”, ou seja, mulheres que não ocupam os papéis de mãe, de esposa submissa e auxiliadora – ideais tratados por ela como determinados pelo próprio Deus e dados como comportamentos naturais da mulher. Nesse sentido, observemos o trecho:

Quando uma mulher tem caráter, isto é, ela é fiel, leal, submissa, discreta, respeitável, amorosa e trabalhadora, ela já é bonita; toda a maquiagem e o salto alto que ela gosta de usar só complementam a sua beleza. Por outro lado, quando a mulher é bonita, mas não tem caráter, não passa de uma mulher qualquer, substituível, boa para um casamento curto e um excelente assunto de fofoca. (Anexo 6, p. 139, l. 27-30).

No excerto, Cristiane define o que é uma mulher de caráter. Sabendo que a palavra “caráter” está relacionada à ideia de índole e honestidade, é possível afirmar que constitui uma característica desejável a todos. Porém, em sua definição, Cristiane a ressignifica, aproximando-a, até mesmo, da submissão e de outras características tidas como positivas ligadas à mulher ideal, como a discricção e a docilidade, apesar de não terem relação com o sentido original do termo em questão. Tal definição é feita para depreciar aquelas mulheres que não agem assim, sendo chamadas, portanto, de “sem caráter”. A desvalorização dessas mulheres é, ainda, intensificada por outras escolhas lexicais, tais como o pronome indefinido “qualquer”, que indetermina o substantivo mulher em oposição à “mulher especial”, e o adjetivo “substituível”, o qual sugere a objetificação da mulher como sem valor e que não vale a pena: “boa para um casamento curto”.

Em outro momento, Cristiane afirma que as mulheres que fogem do papel determinado por Deus sofrem consequências ou causam muitos problemas: “outras sofrem por não conseguirem se manter em seus devidos lugares”. (Anexo 8, p. 143, l. 12-13). Nessa afirmação,

fica pressuposto que há um lugar específico para a mulher, podendo-se subentender que esse lugar é o de mãe e esposa submissa. Aquela que não se mantém nesse lugar “sofre”. O verbo “sofrer” carrega uma carga negativa forte e indesejada. Portanto, as mulheres que querem evitar sofrimento devem seguir os conselhos de Cristiane e se manter em seu lugar.

Sobre isso, Cardoso ainda afirma que “muitos problemas hoje em dia são decorrentes deste tipo de comportamento”. Na citação acima, a expressão “desse tipo de comportamento” se refere ao fato de as mulheres não reconhecerem o seu lugar. Mais uma vez, fica pressuposto que há um lugar específico na sociedade e no casamento, e que o não reconhecimento desse lugar gera “muitos problemas”. Para exemplificar essa afirmação, Cardoso lança mão do argumento de autoridade bíblico e narra a história de Sara: “Sara não quis esperar pela provisão de Deus para ter seu próprio filho, então, ela planejou conseguir o que queria de uma maneira mais fácil”. (Anexo 2, p. 131, l. 2-4). Sara, estéril, propôs à sua serva, Agar, que engravidasse de seu marido, Abraão. Porém, após Agar engravidar, ela e Sara começaram a se desentender. Agar foge e, segundo Cristiane, “foi aí que ela gerou todos os problemas (atos de terrorismo entre Israel e países árabes) que ouvimos falar até hoje”. (Anexo 2, p. 131, l. 5).

Observa-se que o argumento central do texto “Voltando para o seu lugar” é o de que Sara e Agar, por imprudência, foram as responsáveis pelo surgimento dos conflitos entre israelenses e países árabes. Esse argumento é utilizado para levar à conclusão de que, “quando reconhecemos nosso lugar, tudo na vida começa a se encaixar, pois o próprio Deus faz questão disso”. (Anexo 2, p. 132, l. 34-36), ou seja, quando a mulher não ocupa o lugar determinado a ela, pode gerar sérios problemas e até mesmo catástrofes sociais, como quando comeu o fruto proibido, seduzida pela serpente, como visto no capítulo 2.

3.4.3. Dócil, discreta e graciosa

Por fim, emerge, em nosso *corpus*, a imagem da mulher dócil, discreta e graciosa. Vejamos o que diz um primeiro exemplo nessa direção:

Deus fez a mulher para ser única. Seu amor materno nunca pode ser substituído e sua beleza é exclusiva. Ela é a luz de sua casa: Se fica doente ou viaja, sua casa se torna escura. Ela consegue fazer um velho apartamento tornar-se um "lar, doce lar". Sua doçura pode até fazer uma flor desabrochar! (Anexo 1, p. 128, l. 23-27).

Esse trecho, já mencionado anteriormente, apresenta a afirmação de que Deus fez a mulher única e começa a descrever as características únicas dela. Tais atributos, acompanhados da afirmação “Deus fez”, são postos como naturais à mulher. Porém, chamamos a atenção para o verso final dessa descrição: “sua doçura pode até fazer uma flor desabrochar!”, em que a

doçura, relacionada às outras características citadas por Cristiane, é também caracterizada como naturalmente feminina. Tal noção se liga a uma *doxa* aceita socialmente, pois

as qualidades e características atribuídas social, histórica e culturalmente a homens e mulheres definem quais são as de um e de outro. Iniciativa, coragem, competência, controle emocional, responsabilidade, zelo, fragilidade, paciência, doçura, dependência, entre tantos outros atributos, tornam-se características altamente diferenciadoras do sexo. (AMORIN, 2011, p. 9).

O “até” nos permite pressupor que, por meio da doçura, a mulher pode conseguir o que quiser. Isso remonta ao que Ester Bezerra, esposa de Edir Macedo, ensina em seu livro, como vimos no capítulo anterior. A mulher possui forte influência sobre o homem, apesar de acatar o discurso opressor, dando a ilusão de que é ele quem manda. Elas aparecem sempre articulando ao fundo, desde que saibam se comportar. Essa ideia aparece, também, no texto “O erro de Eva” (Anexo 4, p. 136): “Você sabia que a mulher tem o poder de colocar o homem lá no alto, bem como o de lançá-lo no poço mais profundo?” (l. 6-7). Nesse aconselhamento, Cristiane explica que Eva influenciou seu marido de modo negativo ao não respeitar o seu papel e tomar a liderança da situação; além disso, ela diz também que, assim como Eva, as mulheres podem, agindo da maneira esperada, influenciar seus maridos também para o “bem”. Ou seja, no fundo, quem sempre aparece articulando são as mulheres. Isso deixa transparecer, no discurso de Cristiane, a memória discursiva presente nas condições de produção do seu discurso. As mulheres parecem optar por uma estratégia de não enfrentamento. Desse modo, uma leitura possível é que Cristiane parece ensinar que suas leitoras acatem o discurso do opressor, agindo de modo dócil e frágil para subverter, se impondo de modo sutil, mesmo não sendo consciente.

Dessa maneira, o trecho em questão, além de reafirmar uma construção social do sexo feminino como dócil, leva a compreender a docilidade como algo positivo, que garante qualquer conquista, projetando esse atributo como algo desejável. Na crença que emerge socialmente, a “mulher que trabalha, que decide ou que manda [...] perde sua doçura, sua suavidade, e sobretudo, seu prazer – de ser mulher”. (SWIAN, 2011, p. 77). Sendo assim, nessa simples fala, fica subentendido que a mulher não precisa trabalhar, ter poder, pois ela perderia a sua doçura, que é algo natural e que lhe permite conseguir tudo o que quer sendo dócil.

Já no texto “Toda beleza do mundo”, a autora afirma que:

A mulher de Deus é muito bela. Ela não precisa de maquiagem ou cremes especiais para realçar a sua beleza, pois sua presença já é o suficiente. Seu sorriso sincero faz com que as pessoas queiram conhecer o seu "segredo". Ela tem uma suavidade angelical no seu modo de falar; suas roupas não são extravagantes ou brilhantes, mas, ainda assim, a sua presença ilumina qualquer ambiente. (Anexo 3, p. 133, l. 15-19).

Nesse trecho, Cristiane descreve a mulher caracterizada como “de Deus”, qualificação que poderia atrair as leitoras cristãs, já que é desejável aos cristãos agradar a Deus. Dito de outra forma, ser considerada uma “mulher de Deus” poderia ser visto como positivo. Sendo assim, Cristiane faz descrições com frases assertivas que exprimem certeza e restringem comportamentos, como ilustra o fragmento acima: “tem uma suavidade angelical”. Tal afirmação remete ao imaginário social de docilidade e suavidade atribuídos ao gênero feminino. Expressões como “no seu modo de falar” e “suas roupas não são extravagantes” demonstram o controle sobre o corpo feminino, como se a feminilidade fosse medida pela pequenez, contenção e controle dos gestos. Em concordância com Bourdieu (2011a, p. 39), a feminilidade seria, então, a “arte de se fazer pequena”. Além disso, emerge o imaginário de que determinadas atitudes, modos de se comportar e o uso de roupas “extravagantes” fazem da mulher uma pessoa mal-intencionada, isto é, que busca atrair olhares de outros homens. Essa ideia é confirmada na passagem que se segue:

O problema é que a maioria de nós, mulheres, não sabe que fomos criadas de maneira tão especial, por isso, acabam destruindo a sua imagem a fim de que possam atrair a atenção dos homens. Elas fazem qualquer coisa, o que for preciso, para se tornarem atraentes. Quanto mais apertadas são as suas roupas, maiores ficam os seus seios; quanto menos roupas vestem, mais sedutoras parecem; quanto mais alto elas falam ou riem, mais chamam a atenção dos homens. Elas pensam que podem ter o homem dos seus sonhos agindo assim. (Anexo 11, p. 149, l. 20-27).

No excerto, a autora critica o comportamento de determinadas mulheres e identifica um problema, a saber, que as mulheres não sabem que são especiais, e isso explicaria por que elas se comportam de maneira que “destrói” a sua própria imagem. O termo “destruindo”, enquanto aspecto do *logos*, possui uma força negativa que argumenta no sentido de que as atitudes dessas mulheres são ruins. Em seguida, Cristiane revela quais são os comportamentos típicos das mulheres que acabam destruindo as suas imagens, através de expressões do tipo: “quanto mais apertadas são as suas roupas”, “quanto menos roupas vestem”, “quanto mais alto elas falam ou riem”. Essas atitudes negativas seriam feitas para chamar a atenção dos homens e não por elas mesmas, como se tudo o que as mulheres fizessem estivesse relacionado ao sexo oposto. Além desse lugar comum, que emerge em nossa sociedade, podemos notar a retomada de outros lugares comuns valorizados não apenas na esfera religiosa, mas, também, na sociedade em geral, como a questão do uso de roupas “apropriadas” e “inapropriadas”. Soma-se a isso a suposta delicadeza natural das mulheres, que não podem rir ou falar alto, o que aponta para a figura da mulher ideal, contida, discreta e resignada. O seu oposto, a mulher incontida, além de ser demonizada, é desvalorizada, pois, agindo dessa forma, não encontrará bons parceiros, caso

desejem. Temos, assim, uma operação mental de oposição (ou dissociação) de duas categorias idealizadas, o que nos revela o poder do logos-raciocínio de projetar realidades simbólicas (ou teses).

Ainda sobre o jeito de se vestir, Cristiane aponta o que seria o oposto da discrição:

Elas ficam tentando mostrar muita bondade e gentileza, mas, quando chega a hora de serem discretas, não conseguem. Elas facilmente fazem fofocas sobre as pessoas, criticam os outros e falam sobre assuntos particulares com pessoas que nada têm a ver com elas, além de fazerem piadas com pessoas erradas, na hora errada e com as palavras erradas. Outras sofrem por não conseguirem se manter em seus devidos lugares. Não percebem o quão ridículo é uma mulher gritar ou falar alto com os outros, flertar com homens comprometidos e ser rude em público com pessoas queridas. Não vamos esquecer daquelas que são indiscretas na maneira de se vestir, como se os seus corpos fossem o centro de deleite para todos os homens. Tais mulheres são bonitas, mas, por causa da maneira de falar e das suas atitudes, sua beleza se torna simplesmente vã. (Anexo 8, p. 143, l. 8-17).

Na passagem acima, Cristiane descreve atitudes as quais ela considera indiscretas, descrevendo-nos alguns comportamentos, obviamente, que se veem depreciados em seu texto. Observa-se a repetição do adjetivo “errado” para enfatizar o grau negativo do comportamento ou, ainda, do adjetivo “ridículo”, que já possui em si um valor pejorativo, sendo reforçado, no texto, pelo modificador realizante “quão”, que reforça o valor negativo do adjetivo “ridículo”, qualificando as atitudes da mulher indiscreta. Observa-se, ainda, que Cristiane apresenta duas situações diferentes no mesmo patamar: “gritar e falar alto” é equiparado a “flertar com homens comprometidos”, apesar de o segundo comportamento possuir maior peso negativo na sociedade. Apela-se para as inclinações selvagens e desequilibradas das mulheres (falar alto, falar muito, fazer fofoca). Há uma exotização típica do machismo e, conseqüentemente, o objetivo de controle e domesticação. Por fim, Cristiane chama a atenção para a questão do vestuário feminino: “não vamos esquecer daquelas que são indiscretas na maneira de se vestir, como se os seus corpos fossem o centro de deleite para todos os homens”. (Anexo 8, p. 143, l. 14-16). A atitude é julgada pelas expressões “centro de deleite” e “todos os homens”, sugerindo a ideia de facilidade, o que pressupõe, mais uma vez, o lugar comum das roupas julgadas como adequadas e inadequadas.

No texto “Beleza sem sentido” (Anexo 8, p. 143), Cardoso explica: “tente imaginar um porco brincando na lama com um anel de ouro no focinho. Difícil, não é mesmo? Mas é exatamente assim que a Bíblia descreve a mulher que não tem discrição (leia Provérbios 11:22)” (l. 1-3). O verso bíblico, além de ser retomado como argumento de autoridade, é utilizado como argumento por ilustração. Este serve para “reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita”. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 407). Nesse texto, a autora apresenta a tese de que a mulher

indiscreta não tem valor. Nesse sentido, a ilustração dos porcos com o anel de ouro no focinho é usada para “impressionar vivamente a imaginação para impor-se à atenção”. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 407).

Vimos, no segundo capítulo, que a IURD valoriza e incentiva a vaidade, não possuindo muito rigor em relação a usos e costumes. Entretanto, essa vaidade é para atender o marido, ou seja, a vaidade também se submete ao homem. O que escapa disso torna-se proibido. Essa imagem também carrega em si uma memória discursiva machista, a da culpabilização das mulheres, segundo a qual a roupa usada por elas sempre serve para o julgamento de seu caráter e como desculpa para o tratamento dado a elas pelos homens. O julgamento de atitudes como “gritar ou falar alto com os outros” reforça a ideia da feminilidade associada à pequenez e à contenção, ou seja, ser mulher é “a arte de se fazer pequena”. Para Saffioti,

[...] a mulher está sempre obedecendo aos padrões estabelecidos pela sociedade. Ela pode ser a esposa legal, a namorada oficial, ou pode ser a outra, aquela que proporciona prazer ao homem, mas a quem é negado o direito de ser a mãe dos filhos deste homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 30).

Desse modo, nota-se que as duas imagens opostas, tanto a santa quanto a outra, são construídas de modo que ambas se submetam ao desejo masculino. Diante disso, vemos a descrição de um mundo totalmente falocêntrico apresentado por Cristiane Cardoso. Ser mulher, para ela, está sempre em relação ao homem, e o que escapa disso é projetado como sujo e imoral. Assim, o texto de Cristiane Cardoso reforça antigos estereótipos, que apregoam que a boa mulher é discreta e recatada, sendo a mulher que se impõe ou age de forma independente comumente chamada de “puta”.

A associação de docilidade e delicadeza ao gênero feminino como algo natural aparece em outros momentos em nosso *corpus*, como mais um raciocínio proposto pelo *logos*. Um deles atribui a Deus a criação da mulher com essas características: “Ele a criou bela, compreensiva e graciosa, que, com um simples beijo, se derrete nos braços de seu homem e esquece qualquer mal-entendido. Um ser incrível, delicado e afetuoso”. (Anexo 11, p. 149, l. 17-19). Outro momento se dá por meio da utilização do verbo “tem” de forma assertiva e taxativa, que não apenas sugere posse, mas também transmite a ideia de naturalidade a tais características ligadas à feminilidade: “ela tem todas as qualidades necessárias para ajudá-lo em todas as áreas: ela é sensível, carinhosa, cautelosa, graciosa, meiga, bonita, forte, auxiliadora e muito mais”. (Anexo 11, p. 149, l. 11-13). Essa naturalização da passividade feminina contribui para o reforço das construções sociais que impõe tais características como naturalmente diferenciadoras do sexo.

Essa naturalização, ainda, “obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada”. (BEAUVOIR, 1990, p. 489 *apud* AMORIN, 2011, p. 4).

A partir das análises erigidas a respeito da mulher ideal, foi possível constatar que ainda cabe às mulheres, e somente a elas, a responsabilidade pela casa. Além disso, observamos a construção da submissão feminina e da imagem da dona de casa como algo natural ao gênero feminino, que teria sido criado pelo próprio Deus com características necessárias para servir ao marido e agradá-lo, inclusive sexualmente. Entre essas características “naturais”, temos a docilidade e a graciosidade. Nesse sentido, as imagens da “mãe dedicada” e da “esposa submissa” somente reforçam a da “mulher doadora”, aquela que abre mão de sua vida para cuidar tanto da família, quanto dos outros, com o intuito de sempre ajudar a fazer diferença no mundo, já que o amor cuidadoso é natural ao sexo feminino.

Essa naturalização da relação estabelecida entre o cuidado doméstico e as mulheres serve para reforçar o motivo de a IURD não as aceitar no cargo de liderança, pois, em uma *doxa* presente na sociedade como um todo, e não apenas no cristianismo, as mulheres estão ligadas ao ambiente doméstico, enquanto os homens, ao espaço público. Apesar de aceitar e incentivar a participação das mulheres no mercado de trabalho, um ilusório avanço permitido pela IURD em prol de sua Teologia da Prosperidade, há a reprodução de valores machistas que perpassam não apenas os discursos religiosos, mas toda a sociedade. A Igreja é apenas uma das instituições responsáveis por *performar* o gênero feminino dessa maneira.

Entretanto, a IURD, como vimos, sustenta dois repertórios conflitantes sobre o sexo feminino. Por um lado, há momentos pequenas fissuras, quando a Igreja valoriza e até mesmo incentiva o trabalho feminino, o crescimento profissional, a participação política e apoia a descriminalização do aborto. Porém, como já mencionamos no capítulo anterior, esses ilusórios avanços estão relacionados à Teologia da Prosperidade e à finalidade de angariação de fundos e corroboram para a escravização da mulher e a persistências delas em duplas e até triplas jornadas de trabalho. Por outro lado, alimenta um essencialismo sobre o sexo feminino, colocando-as no centro de certos valores construídos para manter uma ordem patriarcal, nos quais se valoriza a submissão às figuras masculinas, a docilidade, a resignação, e a valorização da maternidade e dos cuidados domésticos como se fossem próprios às mulheres. Essa simulada “ruptura”, no entanto, é estratégica, pois do feminismo se retiram só alguns sinais desprovidos de sua essência de luta. O que resulta disso, como efeito de sentido, é uma mulher sobrecarregada pelo trabalho e pela profissão (para aumentar o dízimo), e ainda pela labuta pesada do lar (para garantir os privilégios e supremacia masculina).

Nesse sentido, o discurso de Cristiane Cardoso, por sua vez, reproduz mais fortemente valores conservadores em torno da mulher, apesar do seu discurso trazer resquícios desses dois repertórios que perpassam a IURD. Sobre isso, Oliveira Filho, em um importante trabalho de análise da construção das relações de sexo na IURD, observou que a parte do jornal *Folha Universal*, escrita por Cristiane Cardoso, era mais conservadora que as outras anteriormente analisadas:

Durante a análise, chamou atenção, principalmente, o nível maior de conservadorismo nesta parte do jornal do que em outros lugares. Se, por muitas vezes, a igreja apresenta posicionamentos nitidamente progressistas em relação às mulheres [...], entretanto, resiste um posicionamento que coloca a mulher num lugar mais restrito de mãe e esposa submissa, devotada a cuidar preferencialmente de sua família em vez de seus próprios interesses. (OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 103-104).

Nos aconselhamentos analisados aqui, é possível perceber algumas frestas que nos permitem ver a presença muito sutil desses discursos progressistas no discurso de Cristiane Cardoso; entretanto, de modo responsivo, a marca conservadora aparece contundentemente, posicionando a mulher no lugar de esposa submissa, que deve agradar o marido e ceder aos seus desejos, concordando com o que percebeu Oliveira Filho. Tendo isso em mente, faremos a análise do *ethos* prévio e do *ethos* discursivo de Cristiane Cardoso, a fim de verificar de que maneira ela projeta sua imagem linguisticamente em seus discursos e quais são os efeitos de sentido construídos a partir disso.

3.5. O *ethos* de Cristiane Cardoso: Mulher e “pastora” na Igreja Universal do Reino de Deus?

3.5.1. A autora e seu *ethos* prévio

Neste tópico, retomaremos brevemente alguns fatos da história de Cristiane Cardoso. Assim, podemos pensar em suas possíveis imagens formadas por aqueles que, previamente, já conhecem a sua vida. Cristiane foi criada em uma família muito religiosa. Filha do Bispo Edir Macedo, esteve permanentemente envolvida com a religião. Após a abertura e consolidação da IURD no Brasil, a família Macedo mudou-se para os Estados Unidos, a fim de expandir mundialmente a denominação. Em seguida, inauguram a IURD em vários outros países, como África do Sul e Inglaterra. Em toda essa trajetória, Cristiane esteve presente e, mesmo ainda muito jovem, segundo relato dos pais e da própria Cristiane na biografia apresentada no início do livro analisado, ela esteve totalmente envolvida na difusão da “fé” e na abertura de igrejas. Esse é um trabalho que ainda ocorre nos dias atuais, já que, juntamente com seu marido,

Cristiane abriu igrejas em diferentes lugares, como Miami (EUA), Cape Town (África do Sul), Brixton (Inglaterra), além de criar e liderar muitos trabalhos assistencialistas importantes da Igreja, como *Godlywod* e *Raabe*. A partir dessa intensa participação de Cristiane na IURD, algumas imagens valorizadas frente ao seu auditório já podiam ser suscitadas, tal como o *ethos* prévio de religiosa ativa e missionária.

Outro ponto importante a ser destacado na história de Cristiane é o fato de ter se casado aos 17 anos com seu primeiro namorado, Renato Cardoso, o que nos permite inferir que ela, muito jovem à época, orientada pelos preceitos do cristianismo, tenha se casado virgem. A virgindade é extremamente valorizada no casamento cristão, já que o sexo está relacionado ao homem na vida da mulher, como vimos na seção anterior. A sua imagem casta, apreciada por seu auditório, colabora para que ela seja olhada de maneira positiva, o que legitima, já de antemão (como um *ethos* prévio), as suas teses sobre o mundo. Além disso, com base nas falas de Edir Macedo em vídeo que circulou nas redes recentemente, já mencionado no capítulo anterior, sabemos que Cristiane concluiu apenas o ensino médio, pois foi preparada pelo próprio pai para se tornar uma esposa submissa. Dessa forma, já estando associada à imagem de esposa submissa, ao adotar seu filho, em 1998, Cristiane passa a ser vista, também, como mãe, outro importante papel atribuindo às mulheres segundo a religião cristã, a IURD e a sociedade em geral. Como mãe, Cristiane é legitimada a ensinar, também, sobre maternidade.

Além disso, o fato de seu marido, Renato Cardoso, ser pastor e seguir a mesma religião favoreceu o casal a ter passado por vários países, abrindo novas igrejas. Cristiane aparece sempre ajudando seu marido que, com o título de pastor, era quem comandava publicamente as igrejas. Tal comportamento, testificado em vários momentos por seu marido e por ela mesma, colabora para a construção da imagem de mulher auxiliadora. Ademais, Cristiane Cardoso, apesar de ser muito influente na *internet*, não possui páginas independentes. As contas das redes *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* são conjuntas com Renato Cardoso, o que colabora para manter a sua imagem sempre atrelada à do marido. Sendo assim, é possível perceber que muitos episódios da vida de Cristiane permitem ao público formar previamente o *ethos* de esposa auxiliadora, mãe e cristã fervorosa. Essas imagens prévias legitimam Cristiane a aconselhar sobre como ser mulher, esposa e servir de modelo para suas leitoras. Essa legitimação pode ser comprovada por meio dos comentários feitos por suas seguidoras em suas publicações:

Figura 1 – Comentários do *Instagram* sobre Cristiane³²



Fonte: Instagram @renatocardosooficial

A estereotipagem de casal perfeito também aparece nos comentários feitos por seguidores virtuais em fotos e vídeos dos dois, como podemos observar nos exemplos abaixo:

Figura 2 - Comentários do *Instagram* sobre o casal³³



Fonte: Instagram @renatocardosooficial

As imagens acima são uma pequena amostra dos milhares de comentários com sentido semelhante que Cristiane e Renato recebem diariamente nas fotos e vídeos que publicam em seu *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Diante disso, é possível dizer que, antes mesmo da tomada de palavra por Cristiane, o seu público já tem uma imagem positiva sobre ela que legitima a tarefa de ensinar sobre como ser mulher.

Adicionalmente, para Maingueneau (2011), também é possível depreender o *ethos* (prévio) pelo modo de se vestir e pela maneira de se comportar na vida prática. Trata-se de

um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à corporalidade, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. (MAINGUENEAU, 2011, p. 18).

³² Optamos por cobrir os nomes e as fotos dos perfis com a finalidade de preservar a identidade dos internautas.

³³ Idem.

Nesse sentido, Bronsztein e Rodrihues (2016), ao analisarem o comportamento de Cristiane no programa *The Love School*³⁴, observaram que:

Ela, de forma constante, se coloca fisicamente atrás do marido, que comanda as falas e lhe confere algumas participações no falar. Ele conduz o discurso e permite que Cristiane, em dueto com ele, se pronuncie nas aparições da marca *The Love School*, muitas vezes ele segura o microfone próximo à boca dela, conferindo-lhe a possibilidade do “dizer”. (BRONSZTEIN E RODRIHUES, 2016, p. 10).

Assim, por meio do corpo e da postura, Cristiane constrói essa imagem da mulher ideal e submissa, colaborando para que sua imagem prévia tenha todas as características ensinadas por ela. Ao mesmo tempo em que constrói essa imagem de submissão, Cristiane também se constrói como uma mulher bem-sucedida na carreira e financeiramente, o que acaba por promover uma aparência de modernidade, que apenas serve para atender às demandas capitalistas da Teologia da Prosperidade ensinada na Igreja.

Cristiane Cardoso, em sua autobiografia, afirma que: “Muitas coisas aconteceram durante esse tempo, eu finalmente percebi que poderia fazer muito mais do que ser **simplesmente uma ajudante** do meu marido”. (CARDOSO, 2010, s/p. Grifo nosso). Ou seja, ela deixa de ser só ajudante do marido (o que seria o papel direto da mulher, segundo a IURD) e passa a ter um protagonismo dentro da Igreja, que só é aceito por ela ser um instrumento útil da Igreja, uma mulher que ensina outras mulheres a serem submissas e ao mesmo tempo dizimistas da igreja. Apesar de não existir o cargo oficial de pastora, podemos dizer que essa é a posição que Cristiane ocupa, ela *performa* como uma mulher bem-sucedida e influente no âmbito da IURD, o que, nesse contexto específico, representa uma aparência de avanço, mas não é, pois Cristiane apenas fala em sua subalternidade, falando aquilo que a estrutura patriarcal da igreja deseja ensinar às mulheres.

Cristiane apresenta um discurso muito ligado à estrutura patriarcal atual, no entanto, a dualidade presente na IURD provocada pela Teologia da Prosperidade que exige que as mulheres sejam submissas, donas de casa, mas também bem-sucedidas financeiramente para serem boas dizimistas na igreja, é personificada nela, que emite o discurso da opressão. Ao mesmo tempo que acolhe e dissemina esses ideais machistas, Cristiane é a primeira voz feminina a se levantar na IURD, porém apenas como uma fachada para dar aparência de modernidade na igreja.

³⁴ Programa televisivo apresentado por Cristiane e Renato Cardoso exibido aos sábados na Rede Record de Televisão. No programa, o casal trata de temas relacionados ao casamento.

Atualmente, Cristiane possui vários livros publicados, dentre os quais destacam-se *Mulher V: moderna à moda antiga* e *Melhor do que comprar sapatos*. Ela ainda comanda vários programas da IURD, tais como *Raabe* e *Godlywood*, escreve para o jornal *Folha Universal*, é colunista do site da Universal e possui voz ativa dentro da Rede Record de Televisão. Ela caminha lado a lado com o pai, sendo mais reconhecida do que sua própria mãe. É inegável o protagonismo assumido por Cristiane Cardoso, que conquistou, talvez não de forma consciente ou planejada, mais fama e poder de decisão na IURD do que seu marido, que atualmente carrega o título de bispo. Porém, esse suposto empoderamento de Cristiane, mesmo sendo mulher, só é aceito pela IURD, pois está em conformidade com a Teologia da Prosperidade ensinada por ela.

Ainda sobre a corporalidade, é possível perceber, também por meio das roupas de Cristiane, a construção do corpo dócil e discreto ensinada por ela:

Figura 3 – Vestuário de Cristiane Cardoso



Fonte: Blog Estrela Evangélica

Podemos observar que, por meio de sua forma de vestir, Cristiane incorpora a vaidade que é ensinada e até incentivada pela IURD, com roupas elegantes e modernas, acessórios e maquiagem, sempre de modo discreto e conservador, assim como a Igreja e seus discursos promovem. Dessa forma, podemos concluir que o *ethos* prévio de Cristiane Cardoso é fabricado não apenas pelas suas vivências, mas também pela maneira como ela se comporta e se veste. É possível, pois, assumir a visão de vestimenta como signo. Silva (2014), citando Barthes, explicita:

Para esse autor, a indumentária deve ser vista como um sistema, cujos elementos são significativos por estarem interligados por um conjunto de normas coletivas. Assim,

a forma como um indivíduo se veste, em determinada conjuntura, pode expressar obediências, proibições, mas também transgressões. (SILVA, 2014, p. 105).

Diante do exposto, é possível perceber que Cristiane personifica o discurso da Universal: de um lado, ela se constrói submissa, dócil, auxiliadora, esposa e mãe; do outro, é uma mulher bem-sucedida financeiramente e ocupa um lugar de protagonismo numa estrutura há muito dominada por homens, encarnando os ensinamentos da prosperidade propostos pela IURD, que incentiva as mulheres a crescerem profissionalmente. Apesar disso, é importante ressaltar que esse lugar de protagonismo só é aceito em função da Teologia da Prosperidade ensinada na Igreja.

Diante disso, percebemos que os discursos de Cristiane causam muitos estragos e atrasos na luta feminista, contribuindo para o reforço de um pensamento misógeno na sociedade. Assim, toda a construção de sua imagem como bem-sucedida e empoderada e todo o seu trabalho com mulheres, tais como o *Raabe*, são apenas estratégias para dar a impressão de modernidade e de que as mulheres têm espaço na IURD, mas, na verdade, elas apenas são instrumentos úteis em um sistema capitalista e masculino. O programa *Raabe*, liderado por Cristiane, presta assistência psicológica e social a mulheres presas durante o período de detenção. Após o cumprimento da pena, as ex-detentas recebem cursos profissionalizantes que lhes ajudam no processo de reinserção no mercado de trabalho e no início da vida de membro da IURD. Porém como já mencionado, tais ações são estratégias para dar a impressão de que as mulheres possuem espaço na IURD, mas tanto Cristiane quanto as outras mulheres apenas são úteis para servir a um sistema capitalista e masculino. Elas são incentivadas e ajudadas apenas para contribuírem para o enchimento dos cofres da Igreja, e Cristiane tem permissão para falar, em sua subalternidade, aquilo que agrada o patriarcado existente na Igreja. Há, também, o *Godlywood*, que, apesar de também ensinar padrões machistas de comportamento às mulheres, oferece cursos profissionalizantes, garante apoio emocional, incentiva o crescimento profissional, promove cursos de independência financeira e estabelece uma rede de apoio entre as participantes do grupo. Porém, assim como o *Raabe*, tudo no projeto caminha para a subserviência da busca pelo lucro que permeia a IURD.

Tendo observado possíveis imagens de Cristiane Cardoso anteriores ao discurso estudado frente a suas leitoras, sabendo que o *ethos* discursivo pode reforçar imagens prévias já construídas pelo público, contribuindo para o sucesso da empreitada persuasiva, veremos a seguir de que maneira Cristiane constrói sua imagem discursivamente nos vinte aconselhamentos do livro *Melhor do que comprar sapatos*.

3.5.2. A construção discursiva do *ethos* de Cristiane Cardoso

Como vimos na seção anterior, Cristiane já apresenta uma imagem que lhe é favorável, como foi possível observar pela amostra representativa dos comentários de internautas, que reconhecem seu papel de mulher sábia e conselheira e, além disso, bem-sucedida financeiramente, como a Teologia da Prosperidade vigente em sua igreja ensina, ou seja, o *ethos* prévio dela já conta com a construção da *areté* (virtude). Sendo assim, nenhuma reformulação profunda da representação preexistente é exigida. Direcionando-se a dois públicos, ela se reporta a suas seguidoras e leitoras que já aprovam sua imagem, mas também ao grande público-alvo da evangelização de sua igreja, o que torna necessário que ela projete, em seu discurso, uma imagem de acordo com sua posição: uma mulher digna de ensinar outras mulheres como devem se comportar, pois ela mesma encarna o papel de mulher ideal e deve manter sua reputação, atendendo às expectativas para conquistar a adesão de outras mulheres.

Os aconselhamentos de Cristiane Cardoso são construídos de modo a se assemelhar a uma conversa entre amigas. Constantemente ela faz uso do pronome “você”, criando um clima de diálogo e intimidade com sua leitora: “Você foi a primeira serva” (Anexo 1, p. 128, l. 31); “Quando você se ama, cuida do seu corpo e da sua aparência” (Anexo 13, p. 153, l. 9-10); “Por isso, é muito importante que você se proteja para não cair em pecado, tomando certas medidas de precaução”. (Anexo 15, p. 157, l. 19). Além do uso do pronome “você”, Cristiane também utiliza outras expressões mais íntimas para se referir às suas leitoras, como nas frases “Minha querida, amiga, reconheça seu verdadeiro valor” (Anexo 1, p. 130, l. 66) e “Prezada amiga, seja sábia!”. (Anexo 16, p. 160, l. 37).

Em outros momentos, a simulação de diálogo fica evidente por meio dos usos de perguntas retóricas, como se as leitoras estivessem presentes em um bate-papo com Cristiane, como em “Não é o seu caso, ou será que é?” (Anexo 7, p. 141, l. 5); “Mas será que essa é realmente a maneira correta de se evitar experiências ruins? Já passou pela sua mente, que por causa desse seu comportamento, você pode estar perdendo amizades e relacionamentos bons?” (Anexo 7, p.141, l. 17-20); “Agora eu te pergunto: Qual é a primeira impressão que você tem dado às pessoas?”. (Anexo 13, p. 153, l. 6-7). O uso do pronome “você” para se referir às suas interlocutoras e o emprego de expressões amigáveis, bem como a simulação de diálogos por meio de perguntas, algo muito recorrente em todos os aconselhamentos de Cristiane, proporcionam uma atmosfera de diálogo e proximidade que tem como objetivo envolver as leitoras, a fim de que elas sintam confiança em Cristiane. Por meio desses recursos, vai sendo

construída a dimensão do *ethos eunoia*, uma imagem estratégica de sujeito benevolente, atencioso para com os problemas do outro, que mostra desprendimento para ajudar, que trata seus interlocutores com uma certa intimidade e amizade.

Ao longo dos aconselhamentos, ao construir as imagens ideais de uma mulher, Cristiane utiliza frases assertivas a todo momento, com verbos no presente, como nos exemplos seguintes, que trazem grifos nossos:

1. Deus **fez** a mulher para ser única. Seu amor materno **nunca pode ser** substituído e sua beleza é exclusiva. Ela **é** a luz de sua casa: Se fica doente ou viaja, sua casa se **torna** escura. Ela **consegue fazer** um velho apartamento tornar-se um lar doce lar. Sua doçura **pode** até fazer uma flor desabrochar. (Anexo 1, p. 128, l. 24-27).
2. Suas tarefas **não podem ser feitas** por mais ninguém – são somente suas. (Anexo 1, p. 129, l. 38).
3. Muitos problemas hoje em dia **são** decorrentes deste tipo de comportamento. As mulheres **não conhecem** seu lugar na sociedade, no casamento, no relacionamento, no trabalho etc. (Anexo 2, p. 131, l. 22-24).
4. Você sabia que a mulher **tem** o poder de colocar o homem lá no alto, bem como o de lançá-lo no poço mais profundo? (Anexo 4, p. 135, l. 6-7).
5. **Faz** parte da nossa natureza sacrificar para atingir a beleza. (Anexo 6, p. 139, l. 8-9).
6. Muitas mulheres não percebem o quão importante **é** a discrição para sua própria reputação. [...] Outras **sofrem** por não conseguirem se manter em seus devidos lugares. (Anexo 8, p. 143, l. 7-8; 12-13).
7. Elas **têm** esse amor dentro delas que as impulsiona a servir e agradar os outros até mesmo quando sabem que nunca serão retribuídas pelo que fizeram. (Anexo 9, p. 145, l. 11-13)
8. O sexo **é** o que existe de mais íntimo e pessoal num relacionamento entre duas pessoas e, por isso, não deve ser feito com qualquer homem ou namorado. (Anexo 10, p. 147, l. 13-14).
9. Deus **criou** a mulher para viver eternamente com o homem, sendo sua auxiliadora e melhor amiga. (Anexo 11, p.149, l. 16-17).
10. Elas pensam que podem ter o homem dos seus sonhos agindo assim. Como estão erradas! Deste jeito, elas **ficam** cada vez mais longe de encontrar um homem que a honre e respeite. (Anexo 11, p. 149, l. 16-17).

Todos os trechos acima se referem às características esperadas da mulher ideal, evidenciadas pelos discursos de Cristiane Cardoso. Ao fazer essas formulações, a escolha por verbos no presente do indicativo, configurando uma estrutura assertiva que intensifica o eixo semântico da certeza, sugere forte convicção e adesão às crenças que associam as mulheres ao lugar de mãe, esposa, dona de casa, auxiliadora e discreta e de submissão ao marido, inclusive sexualmente. Isso se deve ao tom enunciativo quase irrefutável das construções frasais feitas por Cristiane. Desse modo, ela se mostra comprometida com o dizer e, possivelmente, também passa segurança oratória, ou seja, faz crer que aquilo que diz é algo incontestável, construindo de si mesma uma imagem de quem tem conhecimento de causa, provocando um possível efeito de adesão dos interlocutores a pautas tão incontestáveis. O emprego dessa modalidade ajuda a

construir um *ethos* de *expert*, o que os antigos retóricos chamavam de razoabilidade, bom senso (*phronesis*), a imagem de alguém que entende do assunto, a qual contribui para a persuasão das leitoras de Cristiane.

Apesar dessa pronta convicção colocada nas afirmações de Cristiane, a autora também utiliza como manobra discursiva para escamotear a imposição de seus argumentos a utilização do argumento de autoridade do próprio Deus: “Clamei a Deus com meu coração amargurado, questionando sobre a injustiça disso tudo, e foi aí que Ele revelou o meu verdadeiro valor como mulher” (Anexo 1, 128, l. 3-5). O recurso ao argumento de autoridade é uma forma de dificultar possíveis questionamentos quanto a seus dizeres. Conforme esclarecem Perelman e Tyteca (2005, p. 351), “[...] quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem suas palavras”, e, para os cristãos, não existe autoridade superior à do próprio Deus. O argumento de autoridade citando o que o próprio Deus disse a ela, além de tornar irrefutável o argumento, constrói a imagem de Cristiane Cardoso como pessoa íntima de Deus, que é temente a Deus e dialoga com ele, o que ganha pontos na *doxa* cristã. Isso colabora para a edificação do *ethos* de *areté* (virtude) de quem conversa em intimidade com Deus. Com toda certeza, essa pessoa está legitimada a ensinar.

Ainda sobre o argumento de autoridade, muitos conselhos escritos por Cristiane Cardoso lançam mão da polifonia, mediante discurso direto de citações da Bíblia para embasar os aconselhamentos, como podemos ver nos trechos abaixo:

1. O anjo simplesmente disse a ela: “Volta para a tua senhora e humilha-te sob suas mãos [...] Multiplicarei sobremodo a tua descendência, de maneira que, por numerosa, não será contada” (Gênesis 16:9,10). Em outras palavras: Volte para o seu lugar, como uma serva e eu lhe abençoarei. (Anexo 2, p.131, l. 18-20).
2. A Bíblia diz: “O simples dá crédito a toda palavra, mas o prudente atenta para os seus passos” (Provérbios 14:15). Em outras palavras, a mulher pode ser de Deus, mas se ela for ingênua poderá ser usada pelo diabo assim como as pessoas que pertencem a ele. (Anexo 4, p. 135, l. 30-31).
3. Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor (1 Pedro 3:1,2). Você consegue imaginar o poder que a mulher tem? (Anexo 4, p.136, l. 47-51).
4. Por outro lado, quando a mulher é bonita, mas não tem caráter, não passa de uma mulher qualquer, substituível, boa para um casamento curto e um excelente assunto de fofoca: “Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada” (Provérbios 31:30). (Anexo 6, p. 139-140, l. 29-33).
5. “Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher que não tem formosa discrição” (Provérbios 11:22) Agora, é uma questão de querer achar essa mulher em você ou não! (Anexo 11, p. 150, l. 39-41).
6. Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”. (Gênesis 2:18). Há muita controvérsia

quando o assunto é a criação da mulher. É uma pena que muitas mulheres, especialmente as que se dizem cristãs, não entendam o verdadeiro papel da esposa. (Anexo 16, p. 159, l. 1-2).

7. Algumas mulheres pensam que esse assunto é irrelevante da carne. Fico imaginando de onde elas tiraram essa ideia, visto que a Bíblia encoraja a intimidade física em 1 Coríntios 7:4,5: “A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido”. (Anexo 18, p. 163, l. 8-10).

No primeiro exemplo, para embasar, a partir de sua interpretação, seu argumento de que as mulheres possuem um lugar específico na sociedade, a saber, o de mãe, esposa submissa e dona de casa, e que quando cumprem esse lugar são abençoadas por Deus, Cristiane usa a história bíblica de Agar, escrava grávida de Abraão, que fugiu de seus senhores e foi orientada por anjos a voltar para lá com a recompensa de ter uma longa descendência. O segundo exemplo é utilizado para fundamentar a tese de que a mulher deve ser discreta, inclusive no falar. O terceiro exemplo é o texto bíblico clássico utilizado para comprovar a submissão feminina, enquanto o exemplo quatro e cinco servem para falar sobre o cuidado que a mulher deve ter ao se vestir. O sexto exemplo, por sua vez, utiliza o texto bíblico para comprovar a tese de que a mulher deve ser a auxiliadora do homem e, por fim, no sétimo exemplo, o texto bíblico é usado para respaldar o argumento de que a mulher deve estar sempre disponível sexualmente para seu marido. Além das citações diretas, Cristiane também recorre a várias histórias de mulheres bíblicas, seja para apresentá-las seja para utilizá-las como modelos ou como antimodelos. Assim, temos o uso da indução retórica pelo exemplo, como vemos nos trechos abaixo:

1. Quando consideramos Eva, temos um exemplo clássico desse poder em ação. Ela influenciou o seu marido de tal forma que ele foi capaz de desobedecer ao Próprio Criador. Sua atitude fez com que o pecado entrasse no mundo. (Anexo 4, p. 135, l. 8-10).
2. A mulher que tinha o fluxo de sangue havia 12 anos ouviu falar dos milagres de Jesus e creu. Ela nem se importou com o fato de que teria que caminhar debaixo de sol com todas aquelas roupas à volta de sua cintura. Tudo que ela queria era ser curada. (Anexo 12, p. 152, l. 40-43).

O primeiro exemplo, usado para comprovar que as mulheres possuem o poder de influenciar os homens, mostra como Eva foi capaz de induzir Adão para o pecado. O segundo cita a mulher do fluxo de sangue como um modelo de trabalho e força de vontade, atributos que a mulher ideal deve ter para vencer os obstáculos de sua vida. Essas citações, tanto diretas quanto indiretas, servem para disfarçar pontos de vista que são colocados como verdade por estarem baseados nos textos extraídos da Bíblia, que, como vimos no primeiro capítulo, é a regra de fé infalível na visão dos cristãos. Porém, essas citações são sempre acompanhadas de interpretações de Cristiane Cardoso. Logo, trata-se de opiniões escamoteadas no texto bíblico para que não sejam passíveis de questionamento. Isso ocorre porque, conforme Perelman e

Tyteca (2005, p. 351), “no limite, a autoridade divina sobrepuja todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe”. Ao colocar essas autoridades como responsáveis pelo que enuncia, a autora passa a ideia de que não é ela quem está falando. Entretanto, vale lembrar que aquilo que ela enuncia, na realidade, é, sim, de sua responsabilidade, já que não passa de uma interpretação dos dizeres bíblicos.

Além disso, a utilização de tais argumentos de autoridade como exemplo tem uma função didática devido ao seu caráter indutivo-explicativo. Mais uma vez, Cristiane se mostra como *expert*, um ser de razoabilidade e bom senso (*phronesis*). Além disso, também demonstra possuir profundo conhecimento bíblico, pois sempre se baseia na Bíblia para aconselhar as mulheres. Desse modo, Cristiane reforça seu *ethos phronesis*, demonstrando inteligência, o que acaba por despertar o respeito e a admiração de suas seguidoras, levando-as a adotar as suas ideias. Nessa mesma direção e em menor frequência, Cristiane também faz uso de citação de livros de outros autores, como o de Patrick Morley: “Eu gostei do que Patrick Morley escreveu em seu livro “O que os homens Gostariam que suas esposas soubessem”. (Anexo 1, p. 129, l. 47-48). Esse tipo de citação também contribui para o *ethos phronesis*, que faz com que Cristiane seja vista como uma mulher inteligente e informada.

Além disso, Cristiane, em alguns momentos, traz para seus textos opiniões contrárias às suas, que se aproximam dos debates feministas. Vejamos um exemplo:

Há muita controvérsia quando o assunto é a criação da mulher. É uma pena que muitas mulheres, especialmente as que se dizem cristãs, não entendam o verdadeiro papel da esposa. Algumas delas são rudes a ponto de afirmarem que a nossa crença provém de uma era medieval, em que a mulher não tinha valor algum na sociedade. Eu até entendo a frustração delas; afinal de contas, se elas não conhecem o próprio Criador, como poderiam entender o seu papel? (Anexo 16, p. 159, l. 3-8).

Cristiane apresenta a tese de que os ensinamentos sobre a mulher que permeiam o meio cristão são práticas antigas e ultrapassadas, afirmações que podem estar relacionadas aos debates feministas e, inclusive, à Teologia Feminista, que, conforme vimos no segundo capítulo, propõe maior criticidade às leituras bíblicas sobre esses temas, por considerar que os referidos textos foram baseados em culturas antigas e patriarcais. O fato de Cristiane fazer um resgate dessas críticas, ainda que com o objetivo de se contrapor a elas, nos faz perceber que as inquietudes da Teologia Feminista e do próprio feminismo em si não passam despercebidas por ela. Isso pode ser notado, também, em outro momento, quando Cristiane faz a seguinte afirmação: “Com o passar dos anos, os conceitos acerca da mulher, do que elas representam e do que podem fazer nesse mundo, mudaram tanto que fico até assustada”. (Anexo 11, p. 149, l. 1-2). Essa fala de Cristiane também nos leva a pensar que ela tem acompanhado as discussões e debates em torno

das questões de gênero. Porém, faz-se necessário destacar que essas citações do universo feminista são feitas por via do discurso indireto, diferente do caso da Bíblia, em que a citação é direta. Sendo assim, a partir dessas citações, ainda que depreciativas, é possível construir uma imagem de informada, reforçando o *ethos phronesis*. Isso também nos mostra que ela se apropria de trechos descontextualizados dos discursos feministas para reforçar uma visão tradicional, incorporando o discurso feminista em suas falas, mas retirando a parte combativa e ressignificando o que convém ao seu discurso.

Nesse mesmo trecho, ao afirmar que as mudanças conceituais sobre a mulher a assustam, Cristiane expressa um juízo de valor depreciativo e contrário a essas mudanças. Isso pode nos induzir à interpretação de que ela desvaloriza essas mudanças e valoriza os antigos conceitos de mulher, quais sejam o de submissa, mãe, esposa e dona de casa, o que pode levar as leitoras a pensarem que é desta maneira e não daquela que Cristiane Cardoso se comporta enquanto mulher. Isso sinaliza para a construção discursiva do *ethos* de mulher ideal pregado pela IURD.

A tentativa da construção dessas imagens ideais em Cristiane aparece em outros momentos. Para construir-se discursivamente como a mulher ideal, ela lança mão da primeira pessoa do plural, se incluindo como praticamente das atitudes desejáveis de mulher ideal: “Quando reconhecemos nosso lugar tudo na vida parece se encaixar, pois o próprio Deus faz questão disso!” (Anexo 2, p. 132, l. 34-36). Assim, parece que Cristiane, por experiência “de reconhecer seu lugar”, ou seja, o lugar de mulher, afirma os “benefícios” de fazer aquilo que se espera das mulheres. A mesma estratégia é utilizada em outros momentos: “Bem, é óbvio que devemos cuidar da nossa aparência” (Anexo 3, p. 133, l. 13-15); “Chegamos a esse ponto só para nos sentirmos bonitas”. (Anexo 6, p.139, l. 8). Esses dois trechos apontam para a construção do *ethos* de vaidosa, encarnando mais uma virtude entre as desejadas para a mulher ideal e reforçando o *ethos* prévio de Cristiane Cardoso. Ainda sobre o cuidado com o corpo, ela narra a seguinte situação vivenciada por ela:

Num belo sábado resolvi levar meu filho ao parque. Pra minha surpresa, ali estava no meio de tantas crianças e famílias, uma mãe vestindo apenas um sutiã preto. Ela nem se importava com as centenas de crianças ao seu redor... Pra falar a verdade, nem as crianças se importavam! Apenas eu parecia chocada! (Anexo 14, p. 155, l. 1-4).

Ao fazer esse relato e apontar para o choque que sentiu ao ver uma mulher com uma roupa considerada íntima, que foge dos padrões de vestuário aos quais a sociedade costuma desejar que as mulheres se submetam, Cardoso, além de fazer um juízo de valor negativo, parece demonstrar que esse tipo de vestuário não faz parte de sua rotina, corroborando

discursivamente o seu *ethos* prévio de discreta (virtude-*areté*), construído por meio de suas roupas, conforme vimos na seção anterior. Ainda nesse sentido, o *ethos* prévio de “pura” (virtude-*areté*) também aparece no discurso de Cristiane:

Vista sempre roupas discretas e apropriadas, pois o seu corpo é tentador para o rapaz que está namorando. Se você revelar mais do que deve, será muito difícil para ele resistir aos maus pensamentos. Lembro-me que minha mãe me ensinou isso logo que comecei a namorar. Eu até parei de vestir algumas roupas que gostava para evitar que meu namorado tivesse pensamentos impuros. (Anexo 15, p. 157, l. 25-29).

O fragmento acima reforça o *ethos* de virtude, pois relata o cuidado de Cristiane para não se relacionar sexualmente antes do casamento, demonstrando sua “pureza”. Por demonstrar que Cristiane é alguém que vive seus próprios ensinamentos e serve como modelo a ser seguido, ela é a encarnação do exemplo retórico. Portanto, o *ethos* é fundamental na credibilidade dos seus discursos. Além de se construir discursivamente com base nos ideais de esposa, submissa e discreta, como vimos no capítulo anterior, também é possível depreender de Cristiane a imagem de bem-sucedida na carreira:

Essas perguntas me foram enviadas por uma mulher que parece ser uma esposa muito triste e frustrada. Devido ao **grande número** de e-mails semelhantes, fico me perguntando até que ponto uma esposa deve se sujeitar a seu marido. Creio ser este o momento de escrever algo sobre o assunto. (Anexo 17, p. 162, l. 8-10).

Esse relato mostra que Cristiane tem sido bem-sucedida no que se propõe a fazer: aconselhar mulheres, pois muitas delas parecem procurá-la para pedir conselhos. Isso, além de reforçar o *ethos* prévio de conselheira e sábia, como vimos na seção anterior, cria a imagem de bem-sucedida, importante característica para a IURD, como vimos no primeiro capítulo. Dessa maneira, a credibilidade de Cristiane Cardoso é reforçada.

Em outros momentos, Cristiane se inclui em alguns de seus dizeres, mesmo quando afirma algo que não é necessariamente positivo: “Sara não quis esperar pela provisão de Deus para ter seu próprio filho, então, como muitas de nós, ela planejou conseguir o que queria de uma maneira mais rápida e mais fácil” (Anexo 2, p. 131, l. 2-4); “Muitas são as vezes que falhamos no nosso teste como mãe, esposa e até como amigas”. (Anexo 4, p. 135, l. 1-2). Dessa maneira, Cristiane se mostra uma mulher comum, igual a qualquer uma de suas leitoras, estabelecendo, assim, maior conexão com elas, o que pode gerar um efeito de sentido de que a autora entende o que suas leitoras sentem, atraindo maior adesão de seu público.

Os verbos no imperativo, comuns em conselhos devido ao seu caráter prescritivo, também são do campo da “certeza” e contribuem, mais uma vez, para a imagem de *expert*, estando presentes em vários momentos nos discursos de Cristiane, como os seguintes: “Suas

tarefas não podem ser feitas por mais ninguém – são somente suas. **Tire** proveito disso e seja excelente em todas elas porque Deus escolheu você – e somente você” (Anexo 1, p. 129, l. 38-39); “Minha querida amiga, **reconheça** o seu verdadeiro valor” (Anexo 1, p. 130, l. 66-67); “Qual é o seu lugar? **Pense** nisso” (Anexo 1, p. 129, l. 36); “**Consulte** o guia dos guias diariamente.” (Anexo 6, p. 140, l. 37); “**Esforce-se** para ser bem-sucedida no seu casamento, dando o melhor que você tem”. (Anexo 18, p. 166, l. 32). Então, percebemos que, por meio de verbos no imperativo, Cristiane aconselha as mulheres a tomarem determinadas atitudes em detrimento de outras, oferecendo conselhos práticos para se preservarem e se darem bem na sociedade, por meio de uma argumentação baseada na Bíblia. Desse modo, Cristiane, que possui legitimidade para aconselhar, como vimos anteriormente, assume o *ethos* de guia espiritual, ou seja, discursivamente Cristiane se projeta como guia espiritual, ou pastora, lugar que institucionalmente lhe é negado.

Diante dessa análise, foi possível perceber que Cristiane Cardoso projeta imagens de si que corroboram algumas imagens prévias relacionadas a ela, tais como as imagens de vaidosa, discreta, “pura” e esposa submissa. Tais imagens lhe permitem aconselhar as mulheres e a fazem amplamente aceita, como foi possível observar por meio da pequena amostra de comentários que representam inúmeros outros em suas redes sociais, reafirmando esse lugar de Cristiane Cardoso. Assim, além de projetar imagens que reforçam o *ethos* prévio, ela também se constrói discursivamente como *expert*, conselheira, sábia e guia espiritual, ou pastora, pois a assertividade, comum na estruturação dos textos dela, transmite uma sensação de segurança, firmeza oratória, autonomia e aparente liderança. Com isso, Cristiane reflete a identidade da mulher Universal personificada nela: submissa no comportamento, mas emancipada financeiramente para atender a Teologia da Prosperidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos, por meio do instrumental teórico da argumentação na análise do discurso, identificar, no livro *Melhor do que comprar sapatos*, de Cristiane Cardoso, a propriedade do *logos* de orientar retoricamente o auditório para certas representações *dóxicas* sobre a mulher e seu papel e as possíveis tensões nessas representações, e de que forma o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo impactariam na empreitada argumentativa de inculcar os ensinamentos referentes a essas representações.

Diante disso, pudemos constatar que Cristiane Cardoso, de fato, erige certas imagens conservadoras da mulher ideal, ainda muito relacionadas à estrutura machista da sociedade, relegando a mulher ao espaço doméstico e à submissão. Além disso, foi possível perceber que o discurso de Cristiane não se faz homogêneo, apresentando em si pequenas fissuras na tentativa de representar essa mulher, pois emerge também nesses discursos a mulher que ocupa o mercado de trabalho cada vez mais. Trata-se, portanto, de um discurso que apresenta dois repertórios contraditórios: a mulher que deve ser submissa nos costumes, mas ao mesmo tempo emancipada financeiramente, da mesma maneira o *ethos* de Cristiane também se constrói de modo fragmentado. Porém, como vimos no terceiro capítulo, o incentivo ao mercado de trabalho faz parte do discurso da Teologia da Prosperidade e gera um efeito possível de escravização da mulher, pois essa, além de ter que ser bem-sucedida na carreira para contribuir com dízimos, deve simultaneamente ser responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, promovendo, assim, jornadas de trabalho exaustivas.

Para chegar a esses resultados, nosso trabalho, atendendo ao pressuposto da AD de que, antes de analisar linguístico-discursivamente o *corpus*, é necessário apresentar as condições de produção desse discurso, primeiramente, traçamos, no primeiro capítulo, um percurso histórico que apresentou brevemente as origens do Protestantismo, suas modificações e cisões até a formação do neopentecostalismo, vertente na qual Cristiane Cardoso está inserida. Outrossim, tratamos da constituição da IURD e suas principais características, de modo a compreendermos o contexto imediato de produção da obra, o que nos mostrou que a identidade evangélica é múltipla e multifacetada.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos um breve resgate do papel feminino no universo bíblico e no universo cristão protestante para compreender de que maneira a representação de gênero é construída nesse universo. Discorremos, ainda, sobre a proposta de hermenêutica bíblica da Teologia Feminista e seus impactos nas igrejas cristãs. Ademais, é preciso ressaltar que as igrejas cristãs não são a fonte desses discursos machistas, os quais são

anteriores à própria Igreja, embora esta ocupe importante papel na manutenção desses discursos. Por fim, apresentamos, por meio de diversos discursos da IURD, a maneira como a instituição enxerga e representa a mulher.

Foi possível perceber que a igreja apresenta, em seus discursos, algumas fissuras nos padrões socialmente impostos às mulheres quando valoriza o trabalho feminino, incentiva a independência financeira, o empreendedorismo e a busca por estudo e cargos elevados, celebra algumas conquistas feministas das últimas décadas e até apoia a descriminalização do aborto, ao mesmo tempo que apoia veementemente ideais conservadores, valorizando a submissão feminina, interditando sua ascensão ao pastorado e reforçando a função maternal e doméstica da mulher. Porém, é preciso destacar que esse equilíbrio é apenas aparente e desigual, pois a inserção e o crescimento da mulher no mercado de trabalho e o apoio à descriminalização do aborto só acontece com intuito de reforçar a Teologia da Prosperidade e garantir a angariação de fundos para a IURD. Isso promove, também, a dupla jornada de trabalho, pois, enquanto a mulher é incentivada a crescer profissionalmente, a igreja impõe somente a ela o cuidado com o lar e com os filhos, causando jornadas de trabalho exaustivas e escravizadoras.

Por fim, no último capítulo, desenvolvemos a análise dos discursos de Cristiane Cardoso publicados no livro *Melhor do que comprar sapatos*, com base nas condições de produção mais amplas e mais específicas, que foram expostas nos capítulos anteriores. Por meio da análise do *logos*, foi possível perceber que ainda cabe à mulher ser submissa, dona de casa e mãe. Assim, conforme observa Oliveira Filho (2012), Cristiane ainda mantém, em seu discurso, uma postura mais conservadora. A abertura aos discursos que apresentam pequenas fissuras sobre a mulher até aparecem nos textos de Cristiane Cardoso, porém de forma desigual, pois enquanto o discurso conservador se apresenta forte, o outro lado da moeda aparece de forma pontual e estratégica, como, por exemplo, a partir da incorporação descontextualizada e sem substância de fragmentos pontuais do feminismo: o efeito de lançamento da mulher em uma espécie de escravidão moderna em que deve trabalhar, ganhar dinheiro, pagar o dízimo e, ao mesmo tempo, se desgastar na jornada exaustiva do lar.

Ao analisar a construção do *ethos* prévio de Cristiane, foi possível perceber que, por meio de sua performance domesticada, ela revela em si mesma o discurso da Universal: de um lado, ela tenta se construir submissa, dócil, auxiliadora, esposa e mãe. Por outro lado, é uma mulher bem-sucedida, que ocupa um lugar de protagonismo, encarnando os ensinamentos da prosperidade propostos pela IURD, e incentiva as mulheres a crescerem profissionalmente. Essa contradição também se construiu discursivamente, a partir da materialidade linguística,

fazendo emergir o *ethos* de mulher virtuosa que segue os padrões de feminilidade e o *ethos* de guia espiritual ou pastora, lugar que a instituição nega às mulheres.

Sendo assim, podemos concluir que os discursos de Cristiane causam estragos e atrasos na luta feminista e que todo o seu protagonismo, a sua aparência de modernidade e o seu lugar de fala dela são apenas concedidos a ela a fim de que seus comportamentos e falas atendam ao desejo da estrutura patriarcal, capitalista e empresarial da IURD. Diante disso, é possível perceber que Cristiane acolhe o discurso do opressor, sendo uma ferramenta nas mãos do inimigo para disseminar de modo mais forte as ideais machistas e capitalistas da Igreja.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus – Construção e identidade. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 167 – 185.

AMORIN, Linamar Teixeira de. *Gênero: uma construção do movimento feminista?* II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. [Anais] 2011. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* [on-line], n. 01, p. 129-144, 2011. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideaartigo12.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise o discurso. In: AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-144.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica. Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Ediouro, 196-?

BÍBLIA E HINÁRIO NOVO CÂNTICO. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 10ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOVKALOVSKI, E. C. *Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do Reino de Deus (1986-2001)*. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

BRONZSTEIN, Karla Patriota; RODRIHUES, Emanuelle Brandão. O Ethos da Mulher V: Consumo e construção da identidade feminina na Igreja Universal. *Lumina – Revista do Programa de Pós-Graduação em comunicação*, n.1, v. 10, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21161/11508>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAMPOS, Leonildo. Abordagens usuais no estudo do pentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 3, n. 13, p. 21-35, out/dez 1995. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/14221/12121>. Acesso em: 17 set. 2019.

CAMPOS, Leonildo. A identidade protestante tradicional: Os desafios da secularização e do crescimento brasileiro. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 211-230.

CARDOSO, Cristiane. *Biografia*. Disponível em:

<https://blogs.universal.org/cristianecardoso/biografia/> Acesso em: 27 mai. 2018.

CARDOSO, Cristiane. *Melhor do que comprar sapatos*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2011.

CARDOSO, Cristiane. Poder feminino é grande. Universal. Org. São Paulo, 02 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/poder-feminino-grande/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e dominação simbólica: nota crítica. *Cadernos Pagu*, p.37-47, v.4 1995.

DREHER, Martin Norberto. Protestantes-Evangélicos: buscando entender. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 27-72.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FERRARI, Odêmio Antônio. *Bispo S/A: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. 2 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

FURLIM, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Revista Rever*. São Paulo, v. 11, n.1, p 139-164, jan/jun 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/6034/4380>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

FRANCO, Amanda. *Eu sou a Universal*, 19 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3xrDAN4bds0>. Acesso: em 13 jan. 2020.

FREITAS, Lucas Bueno de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. *As mulheres e a Bíblia: de uma relação passível a uma relação possível*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais do Feminismo [Anais]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373309326_ARQUIVO_as_mulheres_e_a_biblia_lucas.pdf. Acesso em: 14 dez. 2019.

GABATZ, Celso. As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas. *Revista Sociedade e cultura*. Goiânia, v.19, n. 2, p. 95-102, jul/dez 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/48673/23896>. Acesso em: 28 dez. 2019.

GALINARI, Melliandro Mendes. A polissemia do logos e argumentação contribuições sofisticadas para a análise do discurso. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p.93-103, novembro de 2011.

GONÇALVES, Delmo. *Neopentecostalismo Nascimento, desenvolvimento e contemporaneidade: uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Reforma Luterana e luteranismo: teologia e igrejas. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org.). *Protestante, evangélicos e (neo) pentecostais*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 87-104.

JARDILINO, José Rubens L. *As religiões do Espírito*. São Paulo: CEPE e ISER, 1994.

JARDILINO, José Rubens L. *Sindicato dos mágicos: Um estudo de caso da eclesiologia neopentecostal*. São Paulo: CEPE, 1993.

JUNG, Paulo Kerte. A mulher cristã pode usar calça comprida? *Hora Luterana*. São Paulo. *s/d*. Disponível em: <https://www.horaluterana.org.br/duvida-espiritual/a-mulher-crista-pode-usar-calca/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

LEAL, Flávia. *Eu sou a Universal*, 13 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ICjZ5-HmvyE>. Acesso em: 13 jan. 2020.

LOPES, Augusto Nicodemus. Ordenação de mulheres: que diz o novo testamento? *Fides reformata*. São Paulo: PES, 1997.

LOPES, Kelly. *Uma dama, uma guerreira*. Universal.org. São Paulo, 01 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/uma-dama-uma-guerreira/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

MACEDO, Edir. *Estudos bíblicos*. Rio de Janeiro: Universal, 2005.

MACEDO, Edir. *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro editora, 2015.

MACEDO, Edir. Pregação proferida no Templo de Salomão, *s/d*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EZs59KInUnQ&t=323s>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MACEDO, Edir. *Reunião Godllywood AutoAjuda - 1º de julho*. Pregação Proferida no Templo de Salomão, junho 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDIQGuitYns>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Polifonia e cena de enunciação da pregação religiosa. In: LARA, G.M.P., MACHADI, I.L. e EMIEDIATO, W. *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 69-91.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. Tese (Doutorado em sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MATOS, Alderi Souza. O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 11, n 2, p. 23-50, Nov/Dez 2006. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflexões-a-propósito-do-seu-primeiro-centenário-Alderisouza-de-matos.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Coimbra: Almedina, 2006.

NEUENFELDT, Elaine G. Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas. *Estudos Teológicos*, Cambuquira, v. 46, n 1, p. 79-93, jun/jul 2006. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/500/444. Acesso em: 28 dez. 2019.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. In: *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

OLIVEIRA FILHO, Paulo Gilberto de. *A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2012. 155 f. Dissertação (mestrado em psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 2012.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PAULA, Sara de. *Com 159 anos de história no Brasil, IPB não permite ordenação de mulheres em seu 39º Supremo Concílio*. Expositor cristão. São Paulo, 10 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.expositorcristao.com.br/com-159-anos-de-historia-no-brasil-ipb-nao-permite-ordenacao-de-mulheres-ao-ministerio-em-seu-39-supremo-concilio>. Acesso em: 02 jan. 2020.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso (AAD-69) IN GADET, F. HAK, T. (Org.). Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEREIRA, Jeremias. Roupas femininas no culto. *Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 07 de março de 2014. Disponível em: <https://www.oitavaigreja.org.br/roupas-femininas-no-culto/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAJAGOPALAN, K. Linguagem: o santo graal da linguística. In: SIGNORINI, Inês (org). *Situar a língua[gem]*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

REZENDE, Elaine. Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil. *Revista de Estudos da religião*. v. 10, n 3, p. 20-41, jul 2010. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_rezende.pdf. Acesso em: 24 set. 2019.

ROZA, Michele. Qual é o seu papel como mulher? *Universal.org*. São Paulo, 07 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-o-seu-papel-como-mulher/>. Acesso em: 28 out. 2018.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 8/9 p. 51-97, 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1878/1999>. Acesso em: 30 dez. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Bárbara Amaral da. *A construção argumentativa da mulher V: um modelo a ser seguido*. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Linguística do texto e do discurso) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Danielle Renata da. *Eu sou princesa, fora cachorrada: Uma análise do discurso da pastora Sarah Sheeva nos aconselhamentos sentimentais*. 2014. 200f. Dissertação (mestrado em Letras: estudos linguísticos) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2014.

SILVA, Wadna Audiane Salles da. *Religião e Sociedade contemporânea: uma análise da religião no mundo atual*. Aparecida do Taboado: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer de Aparecida do Taboado – MS, 2007.

SZCZESNIAK, Konrad. O que afinal significa afinal? Porto Alegre, *Revista Letrônica* v. 8, n. 1, p. 137-147, jan.-jun. 2015.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”. São Paulo, *Perspec.* vol.15 no.3. São Paulo, julho/setembro 2001.

TEIXEIRA, Jacqueline. Para muitas mulheres o processo de empoderamento está atrelado à igreja. [Entrevista concedida a Marina Rossi]. *El País*, São Paulo, maio de 2019. Disponível

em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557527356_335349.html. Acesso em: 13 jan. 2020.

TEODORO, Camila. Fé ou emoção: Qual tem sido a sua base? *Universal.org*. São Paulo, 12 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/fe-ou-emocao-qual-tem-sido-a-sua-base/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

UNIVERSAL. *O propósito de Deus na criação da mulher*. São Paulo, s/d. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/o-proposito-de-deus-na-criacao-da-mulher/>. Acesso em: 04 jan. 2020.

VALENTIN, Ismael Forte. A reforma protestante e a educação. *Revista de Educação do COGEIME*. São Paulo, v. 19, n. 37, p. 59-70, jul/dez 2010. Disponível em: http://www.ipbg.org.br/wpcontent/uploads/2015/01/a_biblia_e_a_reforma_protestante_complimento.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

WALKER, W. *História da igreja cristã*. Tradução de Glênio Vergara dos Santos e N. Duval da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp/ Aste, 1981.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

WESTPHAL, Euler Renato. Protestantes e católicos: diferenças e semelhanças básicas (uma visão protestante). In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org.). *Protestante, evangélicos e (neo) pentecostais*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 73-85.

ANEXO 1 – O valor de uma mulher

1. Uma vez eu questionei o porquê Deus havia me criado mulher. Pensava que os homens
2. fossem seres mais importantes e isso muito me perturbava. Lembrei-me dos erros que
3. geralmente cometia e que os homens nunca fazem. Clamei a Deus com meu coração
4. amargurado, questionando sobre a injustiça disso tudo, e foi aí que Ele revelou o meu
5. verdadeiro valor como mulher. Lendo sobre a criação de Eva, percebi que Deus a criou
6. para ser alguém especial, e não apenas outro ser para estar no meio de Sua criação. Ele
7. a criou com Suas Próprias mãos!
8. Depois de criar o homem e os animais, Deus ainda não sentia que Sua criação estava
9. completa. Foi depois de ter criado Eva que “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era
10. muito bom” (Gênesis 1.31). A mulher completou a criação de Deus. Seu valor aos olhos
11. de Deus era tão grande que Ele ordenou ao homem que deixasse sua própria família para
12. se unir a ela e tratá-la como se estivesse tomando conta do seu próprio corpo. Se a
13. mulher não fosse tão importante, por que o homem precisaria deixar as pessoas que mais
14. ama em seu favor? Ela poderia se tornar apenas mais um membro de sua família, com
15. o propósito de apenas cuidar dele.
16. Embora o Senhor Jesus tenha vindo a este mundo numa época em que as mulheres não
17. eram em nada estimadas, Ele fez questão de dar-lhes especial atenção. Podemos
18. perceber o cuidado de Jesus quando Ele falou com uma prostituta que tinha acabado de
19. ser pega em adultério, e também quando elogiou uma mulher que lavou os Seus pés
20. perfume.
21. A verdade é que nós, mulheres, não temos razão para nos sentirmos desvalorizadas ou
22. inferiores a ninguém. Deus mostrou isso claramente através de Sara, Ester, Rute e muitas
23. outras mulheres, as quais Deus achou dignas de terem seus nomes mencionados em Sua
24. Palavra. Deus fez a mulher para ser única. Seu amor materno nunca pode ser substituído
25. e sua beleza é exclusiva. Ela é a luz de sua casa: Se fica doente ou viaja, sua casa se
26. torna escura. Ela consegue fazer um velho apartamento tornar-se um "lar, doce lar". Sua
27. doçura pode até fazer uma flor desabrochar!
28. É interessante notar que a mulher que se torna viúva consegue viver sozinha pelo resto
29. de seus dias, mas isso raramente acontece com o homem que se torna viúvo! O homem
30. só é completo quando tem uma mulher de Deus ao seu lado.
31. Se você é uma mulher de Deus, eis aqui o seu valor diante dEle: Você foi a primeira
32. serva; foi a primeira a testemunhar o Senhor Jesus depois de Sua ressurreição; foi aquela

33. de quem Ele quer que as pessoas se lembrem toda vez que o Seu evangelho for pregado;
34. e é também aquela que Ele perdoou, apesar de seu passado de vergonha. Então, se
35. olhe no espelho hoje e veja a mulher que Deus vê do céu: especial, valorosa, bonita,
36. única, forte, sábia, trabalhadora, mãe dedicada e esposa amorosa, grande dona-de-casa,
37. amiga verdadeira, companheira, fiel, honesta, cuidadosa, compromissada e inteligente.
38. Suas tarefas não podem ser feitas por mais ninguém – são somente suas. Tire proveito
39. disso e seja excelente em todas elas, porque Deus escolheu você – e você somente!
40. Se ninguém demonstra gratidão pelas coisas que você tem feito, esteja certa de que o
41. que eles sentem vai além daquilo que as palavras podem expressar. Seu marido pode tê-
42. la deixado por outra mulher, mas só Deus sabe o quanto ele sente falta do seu carinho e
43. amor verdadeiro. Seus filhos parecem nem ligar para sua presença na casa mas, na
44. verdade, eles sabem que você é a única pessoa que nutre sentimentos verdadeiros por
45. eles. Suas amigas podem até rir do seu jeito antiquado, mas elas desejariam ter a vida
46. que você tem.

47. Eu gostei muito do que Patrick Morley escreveu em seu livro "O que os Homens
48. Gostariam que Suas Esposas Soubessem". Era algo mais ou menos assim: "Deus disse:
49. Está bem, eu vejo que não é bom para este homem ficar sozinho. Agora, como posso
50. resolver esse problema? Já sei! Vou dar a Adão um cachorrinho e chamá-lo de Rover.
51. Ele vai ser o melhor amigo do homem... Não, isso não vai funcionar. Ele precisa de um
52. amigo, mas também precisa de um ajudante. Já sei o que vou fazer! Eu vou dar a ele um
53. cavalo trabalhador. Não. Talvez um boi. Não, isso também não vai funcionar. Hum...
54. Ele precisa de um amigo e de um ajudante, mas ele também precisa ter alguém para
55. conversar. Já sei! Farei outro homem, eles podem assistir futebol juntos, conversar sobre
56. carros, jogar golfe... Não, isso também não vai funcionar. Ele realmente precisa de um
57. amigo, de um ajudante e de alguém para conversar, mas ele também precisa de alguém
58. para ajudá-lo a dominar a terra... Já sei! Eu vou começar uma empresa e dar a ele
59. companheiros de trabalho para ajudá-lo a tomar conta do jardim! Não. Isso não vai
60. funcionar. O jardim não é o único lugar onde o homem precisa de ajuda. Ele precisa de
61. ajuda em casa. Precisa de ajuda também para encher a terra com outros como ele.
62. Este homem... Olha para ele! Ele precisa de ajuda em todo lugar! Vejamos: Ele precisa
63. de um amigo para que não esteja sozinho. Precisa de um ajudante para fazer seu
64. trabalho. Precisa ter alguém com quem conversar. Ele precisa de ajuda no trabalho e em
65. casa. E ele precisa de ajuda para fazer homenzinhos. Hum... Já sei! Entendi! Vou fazer

66. uma mulher!" Minha querida amiga, reconheça o seu verdadeiro valor. Você vale mais
67. do que rubis. Provérbios 31.10

ANEXO 2 - Voltando para o seu lugar

1. É frustrante ouvir sobre os constantes atos de terrorismo entre Israel e os países árabes.
2. É ainda mais frustrante saber que essa inimizade começou nos tempos de Abraão. Sara
3. não quis esperar pela provisão de Deus para ter o seu próprio filho, então, como muitas
4. de nós, ela planejou conseguir o que queria de uma maneira mais rápida e fácil. Ela
5. propôs à sua serva, Agar, que ficasse grávida de Abraão em seu lugar e desse a sua
6. criança em adoção a ela. Assim sendo, elas fizeram um pacto e Abraão concordou com
7. a decisão. Entretanto, assim que Agar se viu grávida de seu senhor, começou a pensar
8. nas vantagens que teria, afinal de contas, a criança de seu senhor era dela também! Agar,
9. então, passou a desprezar Sara não se lembrando de que só estava grávida de Abraão
10. por causa dela. É como aquele provérbio bíblico que diz:
11. "Sob três coisas estremece a terra, sim, sob quatro não pode subsistir: sob o servo quando
12. se torna rei; sob o insensato quando anda farto de pão; sob a mulher desdenhada quando
13. se casa; sob a serva quando se torna herdeira da sua senhora." Provérbios 30.21-23
14. Sara, não gostando de seu comportamento ingrato e desrespeitoso, passou a ser grossa
15. com Agar. Como esta estava muito orgulhosa e sensível, fugiu. O Anjo do Senhor a
16. encontrou no deserto e, tendo observado-a todo aquele tempo, perguntou-lhe de onde
17. vinha e para onde estava indo. É claro que ela não sabia a resposta para a Sua pergunta,
18. então ela Lhe disse que estava fugindo de Sara, sua senhora. O Anjo simplesmente disse
19. a ela: "Volta para a tua senhora e humilha-te sob suas mãos [... Multiplicarei sobremodo
20. a tua descendência, de maneira que, por numerosa, não será contada" (Gênesis 16.9,10).
21. Em outras palavras: "Volte para o seu lugar, como uma serva, e Eu lhe abençoarei".
22. Muitos problemas hoje em dia são decorrentes deste tipo de comportamento. As mulhere
23. não conhecem o seu lugar na sociedade, no casamento, nos relacionamentos, no seu
24. trabalho, etc. Agar era serva de um casal abençoado, mas, mesmo assim, esqueceu-se
25. de se colocar no seu lugar como serva e tentou adquirir à força uma posição que não lhe
26. pertencia. Foi aí que ela gerou todos os problemas de que ouvimos falar até hoje. Se
27. Agar tivesse dado ouvidos ao Anjo e tivesse se submetido à sua senhora, Ismael teria
28. crescido como um homem de Deus e, certamente, não teria concebido um povo cheio
29. de mágoa contra a geração de seu próprio irmão! Se ao menos Ismael tivesse sido criado
30. por Abraão e Sara.
31. A mulher sábia conhece o seu lugar, seja em casa ou na igreja. Ela sabe o que é esperado
32. dela e, assim, se porta como uma excelente serva para o seu Senhor e Salvador. Ela O

33. servirá através de seu marido, de seus filhos, de seus pais, do cuidado com a casa e com
34. o trabalho, através dos outros e também de seu próprio corpo. Quando reconhecemos o
35. nosso lugar, tudo na vida começa a se encaixar, pois o Próprio Deus faz questão disso!
36. Qual é o seu lugar? Pense nisso

ANEXO 3 - Toda beleza do mundo

1. Muitas mulheres gostariam de ser tão bonitas quanto às celebridades frequentemente
2. vistas em filmes e revistas. Todas parecem ter o rosto, a pele e o corpo perfeitos. Suas
3. vidas são um verdadeiro fascínio, sempre viajando pelo mundo inteiro, festas que nunca
4. acabam sendo admiradas por todos e tendo dinheiro para comprar o que bem quiserem.
5. Mas essa beleza que possuem é superficial; faz parte da vida pública que levam. Seria
6. injustiça de nossa parte falar da vida privada delas, pois não as conhecemos
7. pessoalmente. Contudo, se levarmos em conta os relacionamentos fracassados, suicídios
8. e tentativas de suicídio, dependências do álcool e das drogas, etc. Chegaremos à
9. conclusão de que a vida delas está bem longe de ser perfeita. Na verdade, a beleza que
10. ostentam é apenas externa e, com o passar do tempo, se acaba. Em breve, as celebridades
11. de hoje serão substituídas por novas estrelas.
12. Se nós queremos ser as mulheres mais belas do mundo, precisamos parar de procurar
13. no lugar errado. Qual é o segredo então? Bem, é obvio que devemos cuidar da nossa
14. aparência, mas a nossa principal preocupação deve ser obter e manter a beleza que só
15. Deus pode dar. A mulher de Deus é muito bela. Ela não precisa de maquiagem ou cremes
16. especiais para realçar a sua beleza, pois sua presença já é o suficiente. Seu sorriso
17. sincero faz com que as pessoas queiram conhecer o seu "segredo". Ela tem uma
18. suavidade angelical no seu modo de falar; suas roupas não são extravagantes ou
19. brilhantes, mas, ainda assim, a sua presença ilumina qualquer ambiente; pode até não
20. ser famosa, mas as pessoas que a conhecem desejam ser iguais a ela; pode ser jovem e
21. não ter muita experiência, mas suas atitudes revelam seu cuidado e amor; seus filhos
22. querem crescer e ser ou casar com alguém semelhante a ela; seu marido tem orgulho de
23. tê-la como esposa e adora a sua companhia; suas amigas estão sempre querendo saber o
24. que a faz ser tão diferente.
25. A resposta é: Ela encontrou o Autor da beleza. Quando uma mulher encontra a Deus,
26. ela se torna como Ele e, através dela, toda a sua família e amigos podem ser abençoados.
27. Ela passa a ser luz e, aonde quer que vá, dissipa todas as trevas. Isto a torna a mulher
28. mais bonita do mundo. Se queremos nos tornar mulheres de Deus e ter um encontro com
29. Ele, primeiramente precisamos remover todas as coisas que podem impedi-Lo de habitar
30. em nós. Deus é Perfeito, Santo, Puro, Bom e muito mais.
31. Para que possamos encontrá-Lo, temos que remover tudo o que é contrário à Sua
32. natureza, como: pensamentos impuros, inveja, ciúmes, conversas maliciosas, fofocas,

33. más intenções e tudo o mais que faz com que a nossa consciência fique impura. Somente
34. quando todas essas coisas são removidas é que estamos prontas para conhecer a Deus.
35. O passado e todas as coisas más que aconteceram em nossa vida serão completamente
36. apagados, como se nunca tivessem existido, e nós nos tornaremos mulheres totalmente
37. novas. Simplesmente incrível! Esta é a experiência mais maravilhosa que alguém pode
38. desejar ter. O encontro com Deus faz-nos levantar a cada manhã com vontade de viver.
39. Decepções e problemas não nos desanimam, pois temos a certeza de que a força de Deus
40. dentro de nós nos conduzirá à vitória. Para ter esse encontro com Deus, você deve
41. participar das reuniões de quarta-feira e domingo. Não importa o seu passado, o que
42. você fez de errado ou qual seja a sua religião, Deus quer torná-la bonita por dentro e por
43. fora.

ANEXO 4 - O erro de Eva

1. Muitas são as vezes em que falhamos no nosso teste como mãe, esposa e até como
2. amiga, e não sabemos o porquê. Sem encontrar resposta, culpamos tudo e todos e, às
3. vezes, até Deus. Mas que tal olharmos agora para o exemplo das mulheres de Deus? Por
4. que elas nos inspiram? Qual é o segredo dessas mulheres que encontramos na Bíblia e
5. em nossa vida? O que elas têm de especial que faz com que sejam tão bem lembradas e
6. honradas? Você sabia que a mulher tem o poder de colocar o homem lá no alto, bem
7. como o de lançá-lo no poço mais profundo? Que poder é esse?
8. Quando consideramos Eva, temos um exemplo clássico desse poder em ação. Ela
9. influenciou o seu marido de tal forma que ele foi capaz de desobedecer ao Próprio
10. Criador. Sua atitude fez com que o pecado entrasse no mundo. Desde então, existem
11. mulheres e mulheres - as que inspiram e as que trazem vergonha. Vamos meditar na
12. vida de Eva e descobrir, de uma vez por todas, o que nos faz capazes de causar tanto
13. problema. Certamente, Eva era perfeita e muito bonita. Em sua existência, encontrou o
14. homem perfeito que a amava e ambos viviam num paraíso além da imaginação. Eva era
15. mais feliz do que qualquer mulher poderia desejar ser, pois não tinha memórias ruins,
16. não tinha passado, nunca havia derramado lágrimas de decepção, não tinha doenças ou
17. dores; enfim, não lhe faltava nada. Sua vida se resumia em viver do bom e do melhor
18. ao lado de seu marido.
19. Porém, certo dia, quando Eva passeava sozinha, a serpente sutilmente se aproximou dela
20. e tentou induzi-la a acreditar em uma mentira. No começo, Eva rejeitou o que a serpente
21. lhe dizia e permaneceu firme no que ela sabia ser o certo. Contudo, assim que a serpente
22. lhe ofereceu a habilidade de desvendar o que, até então, lhe era desconhecido, Eva
23. rapidamente aceitou a sugestão e comeu do fruto da árvore proibida. Eva confiou na
24. serpente não porque ela fosse má ou porque quisesse ir contra Deus, mas tão-somente
25. porque era uma mulher ingênua e inocente que acreditava ser aquela a oportunidade de
26. se desenvolver. E com sua inocência, induziu seu marido a fazer o mesmo, achando que
27. estava lhe fazendo um favor. Por causa de um simples, porém terrível, mal-entendido,
28. ela trouxe o mal para a sua vida, para a vida de seu marido, para a vida de seus filhos e
29. para todas nós.
30. A Bíblia diz: "O simples dá crédito a toda palavra, mas o prudente atenta para os seus
31. passos" (Provérbios 14:15). Em outras palavras, a mulher pode ser de Deus, mas se ela
32. for ingênua poderá ser usada pelo diabo assim como as pessoas que pertencem a ele.

33. Através de suas palavras e atitudes, causará separação na própria família, traumas para
34. os seus filhos, desgosto para o seu marido e más lembranças para todos os seus amigos.
35. Deus diz: "Até quando, ó néscios, amareis a necessidade?" (Provérbios 1:22).
36. Sabedoria é saber como falar e lidar com aqueles que estão perto de nós. Ela é
37. encontrada quando a buscamos de todo o coração, como prometido por Deus no livro
38. de Provérbios. Muitas de nós pensam que já sabem tudo e é por isso que nunca alcançam
39. a sabedoria. Somente aquelas que realmente sentem necessidade de tê-la, irão encontrá-
40. la. Se, humildemente, você pedir a Deus sabedoria e buscá-la de todo o seu coração,
41. estando preparada para mudar o seu jeito de ser, sem se importar com o seu passado ou
42. a sua cultura, Deus alegremente lhe concederá a Sua sabedoria. Desta forma, você
43. também será uma mulher que inspira e será honrada por todos aqueles que têm o
44. privilégio de conhecê-la.
45. A habilidade que temos de mudar a vida de um homem é revelada com clareza pelo
46. apóstolo Pedro quando ele diz:
47. "Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele
48. ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento
49. de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor." 1 Pedro
50. 3:1,2
51. Você consegue agora imaginar o poder que a mulher tem? É interessante observar que
52. Deus não menciona essa habilidade no homem. Nós, mulheres, podemos até ser os
53. "vasos mais frágeis", mas, com certeza, somos vasos verdadeiramente importantes!

ANEXO 5 - A fêmea parasita

1. Elas podem ser mulheres muito agradáveis e, em alguns casos, um tanto amáveis.
2. Raramente contam seus problemas para os outros, pois preferem guardá-los para si
3. mesmas. A vida é perigosa demais para que arrisquem seu tempo tentando algo novo,
4. então elas se prendem ao que é seguro e garantido. Embora sejam bastante agradáveis,
5. raramente fazem alguma diferença na vida das outras pessoas. O mundo está infestado
6. dessas mulheres "agradáveis" simplesmente porque a maioria das pessoas não tem
7. interesse algum em somar ou fazer qualquer diferença neste mundo. Elas são felizes se
8. tão-somente viverem a sua própria vida, o que é justo e aceitável, mas ainda assim triste.
9. Triste porque elas não são apenas criaturas que respiram o pouco de oxigênio que ainda
10. nos resta, mas, porque, na maioria dos casos, são mulheres incapazes de dar algo de si
11. mesmas - são mulheres infrutíferas!
12. Todas as coisas boas a que temos acesso nos dias de hoje são o resultado do trabalho de
13. pessoas que decidiram que um dia fariam a diferença no mundo, embora soubessem que
14. nunca seriam capazes de realizar essas mudanças sozinhas. Elas não deram desculpas
15. para se esquivarem de fazer algo mais, algo que ninguém esperava - e que mais tarde
16. faria toda a diferença!
17. "Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de
18. uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram vejam
19. a luz" (Lucas 8.16).
20. Sendo assim, por que então nós, que tivemos um encontro com Deus e recebemos o
21. Seu Espírito e a Sua direção, estaríamos abaixo do que Deus espera de nós? Se temos a
22. luz, não devemos iluminar tudo e todos à nossa volta? Não é razoável pensar que
23. devemos brilhar neste mundo? Por que, então, é tão difícil ver isso acontecer? Por que
24. tão poucas mulheres fazem de fato a diferença neste mundo? Tudo acaba ficando sobre
25. os ombros daquelas que realmente estão trabalhando para fazer a diferença. Elas acabam
26. tendo que fazer tudo e mais alguma coisa - inclusive àquela parte que deveria ter sido
27. compartilhada com as outras! É como meu pai sempre diz: São pouquíssimas pessoas
28. empurrando um caminhão cheio de gente em cima! Parasitas que vivem para desfrutar
29. do trabalho árduo e do esforço dos outros. Amáveis, muito agradáveis, boas pessoas...
30. Que não fazem nenhuma diferença neste mundo!
31. Funcionários que trabalham apenas pelo salário no fim do mês, colegas de trabalho que
32. fazem somente o que lhes é mandado, filhos que só se preocupam com o próprio futuro,

32. mães que vivem em função dos filhos, esposas cuja única preocupação é estar casada e
33. feliz, obreiras que amam o fato de terem um uniforme para usar e de ocuparem uma
34. posição na igreja, esposas de pastores que só servem para decorar a igreja, etc. Esses
35. são apenas alguns dos muitos exemplos de parasita. E você? É uma parasita também?
36. Antes de responder à pergunta, procure se lembrar de quantas vezes você fez a diferença
37. neste mundo. Não conte às vezes em que lhe ordenaram, pois essas não valem. Parasitas
38. precisam que lhes mandem fazer a diferença... A mulher que faz a diferença nunca
39. precisa de alguém que lhe diga o que fazer, pois o seu objetivo é estar sempre à procura
40. do que mais pode fazer e onde mais pode ajudar. Ela é um sinal de Deus neste mundo.

ANEXO 6 - De salto alto

1. Você não consegue resistir àquele maravilhoso par de sapatos... Embora saiba que
2. provavelmente só irá usá-lo uma ou duas vezes no ano, ainda assim, entra na loja e os
3. experimenta! Mas isso ainda não é o suficiente... Você se olha no espelho e se sente
4. linda! Seria loucura não levá-los. Até porque, se você não os comprar agora, certamente
5. não vai vê-los de novo e acabará se arrependendo. Não importa se eles machucam você
6. os leva de qualquer maneira! Parecem que foram feitos para decorar vitrines - são
7. desconfortáveis e caríssimos.
8. Chegamos a esse ponto só para nos sentirmos bonitas. Faz parte da nossa natureza
9. sacrificar para atingir a beleza. Pense em todas as dietas em que você teve que passar
10. fome; às vezes em que gastou um dia inteirinho da sua preciosa semana no cabeleireiro;
11. sem esquecer da rotina de beleza pela qual passamos todos os dias - praticamente um
12. outro trabalho - simplesmente para estarmos bonitas. Eu sou completamente a favor de
13. que as mulheres se cuidem, afinal de contas, isso é o que nos faz mulheres. Entretanto,
14. se somos capazes de sacrificar tanto pelo nosso corpo e pela nossa aparência, muito mais
15. devemos sacrificar em favor do nosso ser interior.
16. Quando você está bem interiormente, tudo o que é exterior brilha mais e lhe traz alegria
17. e satisfação. Infelizmente, o contrário também é verdade. Há mulheres que têm muita
18. beleza para mostrar, mas, por causa de um triste comentário, conversas vãs e corações
19. atribulados, perdem toda a beleza na qual investiram tanto. Este é o tipo de mulher que
20. não acrescenta absolutamente nada à vida das pessoas. Ela vive em função de si mesma
21. e, por isso, seu mundo é limitado e sua conversa é inadequada. O único benefício que
22. possivelmente podem trazer a alguém é uma dica sobre maquiagem, cabelo e roupas –
23. que, ainda assim, é temporário. Uma vez que elas envelhecem, tudo se acaba. É claro
24. que elas podem ajudar instituições de caridade aqui e ali, mas sejamos sinceras: até
25. traficantes e ladrões podem fazer caridade! Se todos os sacrifícios que as mulheres
26. fazem pela sua beleza fossem benéficos à sua vida espiritual, elas se tornariam joias
27. muito preciosas e únicas nesse mundo! Quando uma mulher tem caráter, isto é, ela é
28. fiel, leal, submissa, discreta, respeitável, amorosa e trabalhadora, ela já é bonita; toda a
29. maquiagem e o salto alto que ela gosta de usar só complementam a sua beleza. Por
30. outro lado, quando a mulher é bonita, mas não tem caráter, não passa de uma mulher
31. qualquer, substituível, boa para um casamento curto e um excelente assunto de fofoca.
32. "Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR,

33. essa será louvada" (Provérbios 31:30).
34. Se você pode sacrificar seu querido pezinho e seu dinheirinho para ficar linda nesse
35. salto alto, por que não sacrificar sua vida fazendo a vontade de Deus e, assim, ser e estar
36. linda em todo o resto? Medite no livro mencionado acima, que dá a você um profundo
37. entendimento da vida. Consulte o Guia dos guias diariamente - como somos
38. privilegiadas por termos acesso direto à Fonte! Pratique o que você sabe que é certo,
39. mantendo o seu coração limpo e livre de qualquer sentimento mau. É assim que a mulher
40. de Deus se cuida a cada dia!

ANEXO 7 -Fechada por tempo indeterminado

1. Você já parou para pensar em como pequenos estabelecimentos conseguem se manter
2. quando, por qualquer motivo, fecham as portas? Pequenos restaurantes que fecham para
3. o almoço, pequenas lojas que fecham para um breve intervalo, abrem mais tarde e, por
4. isso, acabam perdendo a preferência das pessoas... Bem, se você nunca pensou nisso,
5. não está perdendo nada. Não é o seu caso. Ou será que é? Se é exatamente assim que
6. você age em relação à sua vida, então pode se considerar pronta para abrir falência, pois
7. lhe falta tudo: amor, alegria, paz, etc. Pessoas que se fecham em seu próprio mundo
8. acabam pagando um alto preço. É muito difícil conviver e trabalhar com uma pessoa
9. fechada. Não há nenhum problema em ser séria ou não gostar de conversar muito.
10. Porém, se você for séria demais e nunca tiver tempo para conversar com as pessoas à
11. sua volta, isso acabará lhe causando muito desconforto, pois elas simplesmente não
12. saberão como lidar com você.
13. Muitos homens têm sérios problemas com esposas fechadas. Eles nunca sabem o que
14. elas estão pensando ou querendo. Sabem apenas que suas esposas não estão felizes e
15. seriam capazes de fazer qualquer coisa para mudar essa situação. Talvez uma péssima
16. experiência tenha feito com que você se fechasse numa tentativa de se preservar e nunca
17. mais passar pela mesma situação. é realmente a maneira correta de se
18. evitar experiências ruins? Já passou pela sua mente que, Mas será que essa por causa
- desse seu
19. comportamento, você pode estar perdendo amizades e relacionamentos muito bons?
20. Proteger-se das pessoas à sua volta não lhe impedirá de ter problemas, mas sim de ter
21. amizades e, quem sabe, fazer a diferença na vida de alguém.
22. Uma mulher fechada é como um ponto de interrogação. Você nunca sabe como ela está
23. o que sente o que está pensando, o que quer etc. Ela é misteriosa e, embora isso pareça
24. divertido, acaba se tornando irritante com o passar do tempo. Há casos de mulheres que
- são tão fechadas que, quando alguém chega a tomar conhecimento dos problemas que estão
25. enfrentando, já é tarde demais para ajudá-las. E por quê? Porque são fechadas! Há outras
26. que se agarram a mágoas e ressentimentos por toda a vida, simplesmente porque não
27. são capazes de desabafar com a pessoa que lhes machucou. Note que, na maioria das
28. vezes, as pessoas nem se dão conta de que lhe magoaram!
29. A mulher de Deus sabe que quanto mais ela se fechar, mais difícil será para ela descobrir
30. qual é o seu lugar, dizer as palavras adequadas e se comportar de maneira apropriada.

31. Ela é sábia e, por isso, é aberta - o que a faz ser diferente das demais. Ela não tem medo
32. do que as pessoas pensam dela; não esconde o que é e, quase sempre, comete erros
33. diante de outras pessoas; afinal de contas, ela é um livro aberto. E não há como não
34. gostar de uma pessoa que é como um livro aberto! Ela nunca vai guardar nada contra
35. você, pois se não gostar de alguma coisa que você falou, vai sempre lhe dizer. Ela não
36. guarda segredos desagradáveis - ela é transparente!

ANEXO 8 - Beleza sem sentido

1. Tente imaginar um porco brincando na lama com um anel de ouro no focinho. Difícil,
2. não é mesmo? Mas é exatamente assim que a Bíblia descreve a mulher que não tem
3. discrição (leia Provérbios 11:22). Difícil de aceitar, mas é verdade. A discrição é
4. definida no Dicionário Houaiss como a qualidade de quem é reservado, comedido e não
5. revela segredos dos outros. Em outras palavras, a capacidade de discernir o que é bom
6. e o que não é bom para se dizer e fazer.
7. Muitas mulheres não percebem o quão importante é a discrição para sua própria
8. reputação. Elas ficam tentando mostrar muita bondade e gentileza mas, quando chega a
9. hora de serem discretas, não conseguem. Elas facilmente fazem fofocas sobre as
10. pessoas, criticam os outros e falam sobre assuntos particulares com pessoas que nada
11. têm a ver com elas, além de fazerem piadas com pessoas erradas, na hora errada e com
12. as palavras erradas. Outras sofrem por não conseguirem se manter em seus devidos
13. lugares. Não percebem o quão ridículo é uma mulher gritar ou falar alto com os outros,
14. flertar com homens comprometidos e ser rude em público com pessoas queridas. Não
15. vamos esquecer daquelas que são indiscretas na maneira de se vestir, como se os seus
16. corpos fossem o centro de deleite para todos os homens. Tais mulheres são bonitas mas,
17. por causa da maneira de falar e das suas atitudes, sua beleza se torna simplesmente vã.
18. É semelhante aos escândalos que se ouvem sobre uma pessoa muito famosa: Toda vez
19. que essa pessoa aparece na televisão, rapidamente vem à lembrança o escândalo em que
20. ela se envolveu no passado. A imagem que se tinha dela é rapidamente manchada.
21. Devido à sua indiscrição, sua beleza não é mais apreciada.
22. Ser discreta também significa evitar se envolver em problemas. Pense sobre o assunto.
23. Vamos usar os exemplos que já foram dados:
24. 1. Fofocas e críticas - Quando uma mulher faz uma fofoca de alguém para uma amiga
25. certamente também faz fofoca desta amiga para as outras. Isto significa que ela,
26. provavelmente, tem poucas amigas e as amigas que tem não confiam nela.
27. 2. Compartilhar assuntos confidenciais - Frequentemente, sua família é vítima de seus
28. comentários desnecessários e, por isso, não se pode confiar em você para guardar
29. informações importantes e confidenciais.
30. 3. Piadas impróprias - Simplesmente fazem a mulher parecer uma pessoa tola e
31. desagradável para se conviver.
32. 4. Gritar e falar alto com os outros - Significa que a mulher está jogando por terra toda

33. sua feminilidade e que é uma pessoa difícil de se lidar.
34. 5. Flertar com homens comprometidos - Será que é necessário mencionar que tipo de
35. problema isso trará à pessoa?
36. 6. Ser rude com as pessoas mais queridas - Se uma mulher é rude com as pessoas mais
37. próximas a ela, imagine com as que não são.
38. 7. A indiscrição na maneira de se vestir - Isso pode significar que a pessoa necessita
39. desesperadamente de atenção. Algumas mulheres já sofreram abuso sexual e foram até
40. estupradas por causa da maneira como se vestiam.
41. Vamos ser belas com bom senso. Afinal, nenhuma mulher quer ser comparada a um
42. focinho de porco.

ANEXO 9 - A mulher graciosa

1. Você vai dar uma volta após uma longa jornada de trabalho pensando que irá relaxar
2. depois de um dia tão cansativo, até que é maltratada pela vendedora de uma loja, pela
3. pessoa que está dirigindo atrás de você ou por aquele membro da igreja que não gostou
4. por você ter pego o lugar dela... É frustrante ter que viver com tanta grosseria hoje em dia, mas como o Senhor Jesus disse sobre o final dos tempos, "o amor se esfriará de quase
5. todos" (Mateus 24:12). Este é só o começo de tempos piores!
6. Para algumas pessoas, amor é apenas uma palavra que aparece em músicas ou um
7. sentimento de fantasia capaz de levar muitas pessoas à morte. Porém, para aquelas que
8. são de Deus, ele é verdadeiro e facilmente percebido por todos os que estão ao seu redor,
9. cristãos ou não. Seu amor não depende das circunstâncias: é incondicional.
10. Existem milhares e milhares de mulheres nesse mundo e, entre elas, existem aquelas
11. que são graciosas mulheres de Deus. Elas têm esse amor dentro delas que as impulsiona
12. a servir e agradar os outros até mesmo quando sabem que nunca serão retribuídas pelo
13. que fizeram. A Bíblia diz que a mulher graciosa alcança honra (Provérbios 11:16); em
14. outras palavras, apesar de passar por momentos de tribulação e mal-entendidos, sua
15. honra nunca é tocada.
16. Diferente de muitas outras, algumas mulheres não têm o menor interesse de serem
17. graciosas com outras pessoas e sempre se colocam em situações vergonhosas. Às vezes,
18. colocam até seus maridos e filhos em tais circunstâncias. O falar mal dos outros, as
19. críticas, as grosserias, a falta de paciência, o nervosismo e aquela típica cara amarrada
20. são apenas alguns exemplos que deixam claro por que essas mulheres nunca são
21. honradas. Algumas dizem que merecem respeito e honra de seus filhos, amigos e
22. familiares por causa do seu trabalho duro e dos seus muitos sacrifícios. Mas como eles
23. respeitarão alguém que fala mal dos outros ou pratica o mal?
24. Ouço muitas mulheres falando sobre a Bíblia e sobre Deus, mas as únicas que
25. verdadeiramente me abençoam são aquelas que vivem a Bíblia e Deus em suas vidas.
26. Estas mulheres são especiais, dignas de honra e respeito. O que importa não é o que
27. você prega, mas o que vive. Se você se considera uma mulher de Deus, mas ainda se
28. permite ser grossa, fazer fofoca e não ter consideração para com os outros, ainda não
29. conhece o Deus a Quem você diz pertencer! Deus não é só amor - Ele é o Verdadeiro
30. Amor. Ele é incondicional e nunca muda. As pessoas podem rejeitá-Lo e dizer que não
31. acreditam nEle mas, ainda assim, Ele as ama. Que tipo de amor você tem dado aos outros

32. ultimamente? Aquele que só está presente em discursos e canções ou aquele amor que
33. dá sem esperar nada em troca?
34. A mulher graciosa é cordial, educada, tem boas maneiras, é civilizada, agradável,
35. amigável, sociável, carinhosa, generosa, boa, misericordiosa, simpática, humana,
36. caridosa e compreensiva. Todos estes são sinônimos de ser graciosa. Pense nisso, pois
37. talvez este seja o pedacinho que está faltando para a conversão do seu marido, dos seus
38. pais, amigos, irmãos ou filhos.

ANEXO 10 - Onde foi que eu errei?

1. É aquela velha história: O rapaz conhece uma moça e esta se apaixona por ele e, para
2. provar que o seu amor é verdadeiro, ela tem que dormir com ele. Com medo de perder
3. o rapaz dos seus sonhos, se entrega, e ele, depois de algum tempo, a troca por outra. E
4. aquela que antes era apenas uma jovem, agora é uma futura mãe.
5. Durante algum tempo, ela até evita se relacionar com outros rapazes, pois está magoada
6. demais. Mas, passados aqueles momentos, se apaixona novamente e, desta vez, jura a si
7. mesma que nunca vai perdê-lo. Então, acontece tudo de novo: O mundo desaba sobre
8. sua cabeça e acaba sozinha mais uma vez. Aí ela se pergunta: "O que as minhas amigas
9. vão pensar de mim?" ou "O que a minha família vai dizer desta vez? Deve haver algo
10. de errado comigo!" Enquanto ela se entregar a qualquer um que aparecer no seu
11. caminho, sempre haverá algo de errado com ela. A sua vida íntima, que deveria ser
12. preservada, passou a estar à disposição de qualquer um que bata à sua porta!
13. O sexo é o que existe de mais íntimo e pessoal num relacionamento entre duas pessoas
14. e, por isso, não deve ser feito com qualquer homem ou namorado. O ato sexual é a
15. aliança que faz com que um homem e uma mulher se tornem um só corpo após o
16. casamento. Quando uma moça tenta estabelecer esta aliança com alguém que não seja
17. o seu esposo, além de não se tornarem um só corpo, ainda acabam separados por causa
18. da insensatez e da carnalidade de tal relacionamento.
19. Muitas mulheres não se dão conta da importância do sexo após o casamento. Elas
20. pensam que se trata apenas de um desejo carnal simplesmente forte demais para ser
21. controlado. Só que, na verdade, o que a sua carne deseja não é o sexo em si - o que ela
22. mais quer é ter o homem dos seus sonhos a qualquer preço. O sexo é apenas uma arma.
23. Hoje em dia, o sexo está em toda parte: nos filmes, nos programas de televisão, etc.
24. Todo o mundo faz, todo o mundo comenta, todo o mundo canta sobre sexo, mas poucos
25. entendem o seu verdadeiro significado e valor, pois foi criado pelo Próprio Deus. Ele
26. criou o relacionamento sexual para que homem e mulher pudessem se tornar um só
27. corpo para o resto da vida, da mesma forma como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são
28. Um. Essa união é grandiosa, e Deus nos deu o privilégio de desfrutar de uma união
29. semelhante através desse compromisso verdadeiro chamado casamento.
30. A moça pode até sonhar com o seu príncipe, mas se ela não se comportar como uma
31. princesa, como poderá encontrá-lo? Uma princesa, pelo menos antigamente, se
32. guardava para aquele com quem viria a se casar, que geralmente era alguém escolhido

33. por seus pais. Ela crescia aprendendo tudo sobre como ser uma boa esposa e mãe.
34. Quando chegava o tão esperado dia do seu casamento, ela se vestia de branco - não
35. porque era costume - mas porque representava a sua pureza. O mesmo deve acontecer
36. com a mulher que teme ao Senhor. Ela deve gastar o seu tempo se preparando para o
37. seu futuro marido, aquele que Deus escolheu para ela. O dia do seu casamento é
38. definitivamente o dia mais especial de sua vida, não apenas por marcar o início de um
39. compromisso que vai durar por toda a vida, mas também porque irá se tornar um só
40. corpo com o seu príncipe naquela mesma noite!
41. Toda vez que você for pressionada a manter relações sexuais com o seu namorado,
42. lembre-se: Se ele a está pressionando é porque não é a pessoa certa para você; se fosse,
43. então ele guardaria esta ocasião tão especial para quando se tornassem um só corpo.

ANEXO 11 - A mulher em você

1. Com o passar dos anos, os conceitos acerca da mulher, do que elas representam e do que
2. podem fazer nesse mundo, mudaram tanto que fico até assustada. Muitos homens
3. passaram a olhar para nós, mulheres, de maneira diferente, como se servíssemos apenas
4. como um objeto de uso temporário enquanto somos jovens e belas. Até pouco tempo
5. atrás as mulheres eram olhadas com respeito e honra. Elas eram abordadas com
6. reverência e discrição, e a honra de um homem era se casar com uma dama. Contudo,
7. hoje em dia, a maioria dos homens nem se importa se uma mulher está em pé no metrô
8. ou se está carregando milhares de sacolas. Muitos abandonam suas esposas, deixando
9. os filhos para elas cuidarem, como se elas não tivessem mais nenhuma utilidade para eles.
10. Isso não era o que Deus tinha em mente quando criou Eva. Ele a formou do corpo de
11. Adão, como se estivesse dizendo: "Ela é parte do seu corpo. Cuide dela como você cuida
12. de si próprio. Ela foi retirada de seu lado, não de seu pé ou de sua cabeça; portanto, ela
13. será a sua companheira, e não o seu tapete ou chefe." Deus a fez compatível com o
14. homem, pois este necessitava de uma auxiliadora. Se Adão pudesse fazer tudo sozinho,
15. Deus não a teria criado.
16. Deus criou a mulher para viver eternamente com o homem, sendo sua auxiliadora e
17. melhor amiga. Ele a criou bela, compreensiva e graciosa, que com um simples beijo se
18. derrete nos braços de seu homem e esquece qualquer mal-entendido. Um ser incrível,
19. delicado e afetuoso. Se tão-somente ela conhecesse a mulher que há dentro dela.
20. O problema é que a maioria de nós, mulheres, não sabe que fomos criadas de maneira
21. tão especial, por isso, acabam destruindo a sua imagem a fim de que possam atrair a
22. atenção dos homens. Elas fazem qualquer coisa, o que for preciso, para se tornarem
23. atraentes.
24. Quanto mais apertadas são as suas roupas, maiores ficam os seus seios; quanto menos
25. roupas vestem, mais sedutoras parecem; quanto mais alto elas falam ou riem, mais
26. chamam a atenção dos homens. Elas pensam que podem ter o homem dos seus sonhos
27. agindo assim. Como estão erradas! Deste jeito, elas ficam cada vez mais longe de
28. encontrar um homem que as honre e respeite. O homem foi criado para ser um
29. conquistador, e tudo o que é muito fácil de ser alcançado simplesmente não vale a pena
30. ter. Quanto mais difícil uma mulher for para ele, mais a desejará; quanto menos ele ver
31. do seu corpo, mais imaginará como ela deve ser atraente; quanto mais reservada ela for,

32. mais interessante ele a achará.
33. Pense comigo: Se boa aparência e sensualidade são o bastante, por que há tantas
34. mulheres lindas, malhadas e sensuais que são tão infelizes na vida sentimental? Elas têm
35. dinheiro, boa aparência, uma carreira, popularidade, se relacionam com as pessoas
36. certas, mas, ainda assim, não conseguem ter um marido permanente!
37. Falando em mulher, Aquele que é especializado em comportamento feminino ensina:
38. "Seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito
39. manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus" (1 Pedro 3:4) e "Como joia
40. de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição"
41. (Provérbios 11:22). Agora, é uma questão de querer achar essa mulher em você ou não!

ANEXO 12 - Sensível

1. Sensível:
2. 1. Aquele que é facilmente afetado por qualquer coisa.
3. 2. Aquele que facilmente se ofende ou fica magoado.
4. 3. Aquele que é capaz de medir com precisão.
5. Algumas mulheres buscam homens sensíveis, outras têm orgulho de dizer que são ou
6. que gostariam de ser ainda mais sensíveis. Mas se analisarmos a definição da palavra
7. "sensível", chegaremos à conclusão de que ser sensível tem prós e contras - o que requer
8. de nós muita vigilância.
9. As mulheres podem ser muito sensíveis de vez em quando, seja por causa de um
10. comentário feito, algo que não aconteceu como planejado, ou simplesmente por estarem
11. num daqueles dias do mês em que a vida parece ser tão injusta... Não há nada de errado
12. em ser sensível a certas coisas na vida, como as que estão relacionadas às necessidades
13. de nossos familiares. Na maioria das vezes eles não dizem, mas estão precisando de
14. amor, cuidados, atenção, etc. Se não formos sensíveis às suas necessidades, acabaremos
15. por não fazer o suficiente para ajudá-los - por mais que tentemos.
16. Há circunstâncias na vida que requerem sensibilidade de nossa parte, especialmente de
17. nós, mulheres. Contudo, com relação aos problemas, a nossa atitude deve ser totalmente
18. contrária. Não podemos vencer um problema agindo com sensibilidade! Problemas são
19. situações persistentes que nos causam extremo desconforto; podem ser doenças,
20. conflitos da adolescência, vícios, etc. Todas às vezes em que lidamos com os nossos
21. problemas com um coração sensível, acabamos por sentir pena de nós mesmas - e esta
22. é uma das piores coisas que podem nos acontecer. Queremos que os outros também se
23. compadeçam da nossa situação. E, quando isso não acontece, nos sentimos piores ainda,
24. pois temos a sensação de que ninguém nos compreende ou nos ama, que não temos
25. valor, etc. A lista de pensamentos negativos é interminável e, então, damos o próximo
26. passo: começamos a reclamar. Exatamente como diz a Bíblia: "O gotejar contínuo no
27. dia de grande chuva e a mulher rixosa são semelhantes" (Provérbios 27:15).
28. Algumas de nós já estão num nível tão avançado na arte de reclamar que não é de causar
29. espanto que se sintam tão isoladas! Quem pode suportar esse tipo de atitude? Quando
30. sentimos pena de nós mesmas, ficamos cegas. Não conseguimos enxergar o causador de
31. nossos problemas e a maneira como devemos lidar com eles; muito pelo contrário,
32. acabamos por culpar os outros e a nós mesmas - o que evidentemente não resolve os

33. nossos problemas. É muito triste saber que há muitas mulheres que não entendem isso.
34. Mulheres de todas as idades, jovens e idosas, que simplesmente não reconhecem o
35. quanto estão erradas ao serem sensíveis a coisas que requerem uma atitude totalmente
36. contrária: insensibilidade, resistência, severidade, etc. Fraquezas, erros, injustiças e
37. problemas requerem uma atitude severa, o que significa dizer que precisamos ser fortes,
38. independentes do compadecimento dos outros e estar sempre na fé.
39. Como uma pessoa pode usar a sua fé tendo pena de si mesma e sendo sensível aos seus
40. problemas? É impossível! A mulher que tinha um fluxo de sangue havia 12 anos ouviu
41. falar dos milagres do Senhor Jesus e creu. Ela nem se importou com o fato de que teria
42. que caminhar debaixo de sol com todas aquelas roupas à volta de sua cintura. Tudo o
43. que ela queria era ser curada. Ela disse: "Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada"
44. (Marcos 5:28). Muitas de nós teriam ficado em casa esperando a visita de um pastor ou
45. obreiro; e se isso não acontecesse, reclamariam com o bispo. Quando aquela mulher
46. tocou as vestes do Senhor Jesus, foi imediatamente curada. Observe que ela não precisou
47. de um atendimento especial para que isso acontecesse e nem reclamou ao ser empurrada
48. por outras pessoas que também queriam ver Jesus. Na verdade, ela nem exigiu a Sua
49. atenção! Aquela mulher usou a fé inteligente. Ela estava cansada de ser vítima de uma
50. doença que já durava 12 anos. Ela decidiu ser insensível, e assim conseguiu usar a sua
51. fé e ser totalmente curada. E você? Até quando vai ficar sentindo pena de si mesma?

ANEXO 13 - A primeira impressão

1. Qual é a primeira coisa que você repara numa mulher? Suas atitudes? O jeito de falar?
2. De andar? Provavelmente, se pensar bem, a primeira coisa que você repara numa mulher
3. é o modo como ela se veste, isto é, o seu cabelo, as suas roupas, a sua maquiagem e
4. demais acessórios. Parece vago pensar dessa forma, mas não é isso o que normalmente
5. acontece? Na verdade, antes que se possa realmente conhecer alguém, é impossível
6. reparar em qualquer outra coisa! Agora, eu pergunto: Qual é a primeira impressão que
7. você tem dado às pessoas?
8. Se alguém disser que a beleza verdadeira se encontra no seu interior, está absolutamente
9. correta. Sendo assim, a beleza interior deve transparecer no seu exterior! Quando você
10. se ama, cuida do seu corpo e da sua aparência. Isso não tem nada a ver com vaidade –
11. que é um modo errado de lidar consigo mesma, indo ao extremo e cuidando mais da
12. aparência do que de qualquer outra coisa na vida. A vaidade é errada, mas o amor
13. próprio, isto é, o cuidado de estar bela para o seu marido ou para si própria, é a sua
14. beleza interior se mostrando no seu exterior!
15. Muitas mulheres de Deus perdem a oportunidade de conquistar o homem dos seus
16. sonhos porque acham que não é importante cuidar da aparência. Estão sempre tão
17. ocupadas com o trabalho ou com outras coisas da vida que não lhes sobra tempo para
18. fazer uma maquiagem ou usar uma roupa especial a cada dia. Pense comigo: O que ele
19. vai pensar se o seu exterior não reflete a sua beleza interior? Ele ainda não a conhece
20. para gostar de você pelo que é. Como esperar que ele goste de você por uma fé cega?
21. Vamos usar a fé inteligente!
22. Muitas esposas permitem que seus maridos se distraiam olhando para belas mulheres
23. porque pensam que, depois do casamento, a aparência física não é mais importante!
24. Com essa atitude, elas estão abrindo caminho para a infidelidade do marido. Casar é
25. apenas o primeiro passo; permanecer casada é a tarefa mais difícil e também a mais
26. importante – a qual muitas pessoas neste mundo não têm conseguido realizar. Contudo,
27. é depois do casamento que a sua aparência deve ser ainda melhor! Se nós reparamos nas
28. belas mulheres, imagine os homens! Seu marido tem que pensar assim: “Por que eu iria
29. querer um Fusca se tenho uma Mercedes em casa?” Você entendeu?
30. Está ficando mais velha? Não deixe que a idade esconda a sua beleza! Assim como a
31. idade aumenta, permita que sua beleza aumente também. Não há necessidade de cirurgia
32. plástica, basta um pouco de criatividade e coragem para investir em sua aparência. Você

33. só vai parecer velha se quiser e embora as rugas apareçam, não deve deixá-las afetar a
34. sua aparência.
35. A aparência é a primeira impressão – e é a que fica! Então, por que não cuidar dela e até
36. melhorá-la? Ela é uma boa maneira de permitir que as pessoas vejam o seu interior – o
37. seu detalhismo na escolha e combinação dos acessórios, a sua personalidade divertida e
38. amorosa nas cores vivas de suas roupas, o seu senso de autoestima nas saias que usa a
39. sua juventude de espírito nas roupas modernas que veste, o seu espírito aventureiro nos
40. penteados modernos, o seu bom gosto na maquiagem, e assim por diante. Reserve um
41. tempo para melhorar a sua aparência e verá como o seu marido terá olhos somente para
42. você. Seus filhos vão admirá-la, suas amigas irão seguir o seu estilo e as que não a
43. conhecem ficarão imaginando o que você tem de tão especial!

ANEXO 14 - Vestida para a própria ruína

1. Num belo sábado resolvi levar meu filho ao parque. Para minha surpresa, ali estava ela
2. no meio de tantas crianças e famílias: uma mãe vestindo apenas um sutiã preto. Ela nem
3. se importava com as centenas de crianças brincando ao seu redor... E, para falar a
4. verdade, nem as crianças se importavam! Apenas eu parecia chocada! É incrível como
5. a maioria das crianças já sabe como é o sexo oposto; as crianças hoje em dia são
6. diferentes, mais maduras em muitas coisas, e isso é até assustador. Onde foi parar a
7. inocência? Onde foi parar o bom senso desse mundo? Por que as coisas ruins são aceitas
8. e consideradas boas para todos, ao passo que as coisas realmente boas são vistas como
9. ultrapassadas e menos importantes?
10. Uma das coisas mais comuns de se ver hoje em dia é uma mulher nua ou seminua. Elas
11. estão em todo lugar: nas cenas de amor dos filmes, nos parques pegando um bronzeador,
12. nos comerciais de sabonete, nos outdoors, desfilando nas passarelas, e até indo para a
13. igreja. Sinceramente, eu acho que elas não percebem que estão nuas, pois a maioria
14. delas faz a mesma coisa! Para que uma mulher vista roupas decentes, ela não pode nem
15. pensar em comprar o seu tamanho certo, pois a sua roupa seria bem justa,
16. desconfortável, vulgar e indiscreta. Por causa da moda, de sua carreira e até de sua idade,
17. muitas mulheres expõem suas partes íntimas.
18. As roupas agora são feitas para mostrar e não para esconder. Os tecidos usados são os
19. que costumávamos usar em roupas íntimas. Os vestidos cada vez mais se parecem com
20. lingerie, feitos para usar sem nenhuma roupa íntima por baixo. Eu me lembro do tempo
21. em que roupa íntima era uma das coisas que a gente procurava esconder; era vergonhoso
22. se alguém visse até mesmo a cor da roupa íntima que estávamos usando. Hoje em dia,
23. roupa íntima é para ser mostrada! Algumas delas são tão pequenas e insignificantes que
24. eu nem sei para que servem! Sutiãs eram usados para proteção. Hoje em dia, são usados
25. para decorar o decote. Dizem que quanto mais desconfortáveis forem as calças, melhor
26. será o visual das mulheres. O que está acontecendo? Homens achavam isso o máximo
27. no começo, mas agora é comum, normal, todo mundo usa... Eles se cansaram de ver o
28. que não deviam. Muitos nem olham mais; outros acham engraçado ou olham com
29. desrespeito.
30. Isto tudo é parte do plano do diabo para denegrir a imagem das mulheres. Ele usa a
31. moda para conduzi-las à ruína, para que os homens não lhes deem mais valor e,
32. conseqüentemente, não assumam nenhum compromisso com elas, mas apenas as usem

33. para os seus próprios prazeres. Isso também gera mais famílias destruídas, sem pais,
34. sem maridos e sem moral. Por que dar esse prazer ao diabo? Por que deixar o seu corpo,
35. que é o templo do Espírito Santo, ser alvo da atenção de pessoas erradas? Por que ser o
36. motivo da queda de tantos homens? Vamos nos vestir para obter sucesso e não para a
37. nossa ruína! Nós, mulheres, somos lindas em vários aspectos. Nossa silhueta é
38. exclusiva; nossos traços são delicados e perfeitos! Por que mostrar mais do que aquilo
39. que já é bonito? Vamos usar o que temos para nos trazer o bem e não o mal, para levantar
40. e não para derrubar. Vamos fazer sucesso com a nossa maneira de vestir! Não
41. precisamos estar fora de moda ou ser antiquada para nos vestirmos adequadamente.

42. Tudo o que precisamos é ter em mente a coisa certa. Quando o alvo é chamar a
43. atenção de todo o mundo, isso não nos traz nenhum benefício e só obtemos a atenção
44. das pessoas erradas. Lembrem-se da Madonna e da Britney Spears? Será que elas
45. obtiveram o sucesso que desejavam com aquele beijo? É claro que não.

46. Quanto ao nosso vestir, devemos ter cuidado para não chamar a atenção de todo o mundo
47. e nem causar uma imagem errada, mas, sim, inspirar respeito e criar uma impressão boa
48. e positiva sobre nós. Infelizmente, nem sempre podemos contar com a moda para fazer
49. isso por nós. Existem as modas que são boas e as modas que são ruins, e nós temos que
50. saber distinguir entre elas.

ANEXO 15 - Namoro cristão: o que é certo e o que é errado?

1. Em geral, os cristãos não costumam se sentir constrangidos quando o assunto é namoro,
2. afinal de contas, o mundo faz isso parecer algo muito simples e fácil. Tudo é permitido
3. contanto que você se sinta à vontade e nada o acuse – dizem eles. A verdade é que o
4. namoro tanto pode ser uma bênção quanto uma maldição. Muitas jovens têm caído em
5. pecado, enquanto outras têm se fortalecido na fé por estarem seguindo as regras de um
6. namoro cristão. Todo cristão deveria estar ciente disso a fim de não pôr em perigo o seu
7. relacionamento com Deus.
8. A primeira coisa a ser aprendida acerca do namoro é que ele não existe apenas para que
9. possam sair e se divertir. O namoro é diferente do relacionamento que você tem com
10. suas amigas e com os seus familiares. A fase do namoro é para que os dois se conheçam
11. melhor. Vocês são como dois estranhos; mesmo que se conheçam há muitos anos, não
12. é o bastante para assumir um compromisso pelo resto da vida. É aí que entra o namoro:
13. para que possam se conhecer melhor.
14. O namoro cristão não é muito diferente da vida cristã, pois ambos são diferentes de tudo
15. o que há no mundo. Se uma pessoa cristã quiser namorar do mesmo jeito que costumava
16. namorar no mundo, acabará caindo em pecado e, conseqüentemente, se sentirá longe de
17. Deus. Cristãs sábias sabem que a salvação é mais importante do que qualquer coisa deste
18. mundo e, portanto, não deve ser colocada em risco por causa de desejos carnis e
19. temporários. Por isso, é muito importante que você se proteja para não cair em pecado,
20. tomando certas medidas de precaução durante a fase do namoro, tais como:
21. 1. Sempre namore em locais públicos e durante o dia, pois assim é mais difícil dar vazão
22. aos desejos da carne. Haverá tanta gente em volta que será praticamente impossível
23. fazer algo de que se arrependa mais tarde. Vocês só conseguirão fazer aquilo que
24. realmente devem -conversar!
25. Vista sempre roupas discretas e apropriadas, pois o seu corpo é tentador para o rapaz
26. que está namorando. Se você revelar mais do que deve, será muito difícil para ele resistir
27. aos maus pensamentos. Lembro-me que minha mãe me ensinou isso logo que comecei
28. a namorar. Eu até parei de vestir certas roupas que gostava para evitar que meu
29. namorado tivesse pensamentos impuros.
30. 3. Evite ir à casa um do outro quando ninguém estiver por perto, pois vocês se sentirão
31. tentados a manter contato físico e acabarão caindo em pecado. Se não houver outro jeito,

32. então evite beijar e abraçar enquanto estiverem sozinhos - as tentações estão em toda parte!
33. 4. Quando se abraçarem, evite que seus corpos se toquem da cintura para baixo. Desta
34. forma, vocês estarão evitando tocar em áreas extremamente perigosas. Lembre-se,
35. namorar não é tocar o corpo um do outro ou se divertir, mas sim conhecer bem um ao
36. outro a fim de decidir se estão prontos ou não para passar a vida juntos. Cristãos não
37. namoram para se divertir, pois sabem que esse tipo de namoro só acaba machucando
38. mais tarde. Cristãos namoram para encontrar a pessoa com quem vão viver a vida toda.

ANEXO 16 - A auxiliadora

1. Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma
2. auxiliadora que lhe seja idônea" (Gênesis 2:18).
3. Há muita controvérsia quando o assunto é a criação da mulher. É uma pena que muitas
4. mulheres, especialmente as que se dizem cristãs, não entendam o verdadeiro papel da
5. esposa. Algumas delas são rudes a ponto de afirmarem que a nossa crença provém de
6. uma era medieval, em que a mulher não tinha valor algum na sociedade. Eu até entendo
7. a frustração delas; afinal de contas, se elas não conhecem o próprio Criador, como
8. poderiam entender o seu papel?
9. Quando Deus criou a mulher, Ele deixou bem clara a sua função: Ele a criou para que
10. esta auxiliasse o homem. O objetivo da mulher deveria ser o de se adequar e ajudar o
11. seu marido todos os dias de sua vida. Ela tem todas as qualidades necessárias para ajudá-
12. lo em todas as áreas: ela é sensível, carinhosa, cautelosa, graciosa, meiga, bonita, forte,
13. auxiliadora e muito mais. Não é que Deus prefira os homens ou que estes sejam
14. melhores do que as mulheres. Não permita que esse pensamento maligno a confunda
15. acerca do seu valor diante de Deus. Ele disse: "Pois todos vós sois filhos de Deus
16. mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo
17. vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto;
18. nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3:26-28).
19. Tanto
20. o homem quanto a mulher são especiais para Deus. A única diferença entre eles é a
21. função que cada um exerce diante de Deus: o homem deve glorificar a Deus e a mulher
22. deve ajudar o seu marido a glorificar a Deus. Ambos têm o mesmo objetivo, mas
23. diferentes papéis, formando um time imbatível.
24. Imagine se na escola todos os professores ensinassem a mesma matéria... Como essa
25. equipe de professores poderia fazer qualquer diferença na vida de uma criança? Tem
26. que haver um que saiba ensinar matemática e outro que saiba ensinar língua portuguesa.
27. Ambos são igualmente importantes para nós, mesmo que possuam diferentes funções.
28. Ambos têm o mesmo objetivo: ensinar. Assim também é o casamento: um time com o
29. objetivo único de glorificar a Deus! Uma pessoa solteira pode glorificar a Deus mas,
30. quando unida à sua outra metade, pode glorificá-Lo ainda mais. Não apenas porque dois
31. podem fazer mais, mas porque um pode ajudar o outro.
32. Todas as manhãs, ao acordar, deveríamos perguntar a nós mesmas como podemos

33. exercer o nosso papel de esposa dentro do nosso casamento. Quando uma esposa
34. reconhece o seu papel, Deus a abençoa. E isto não acontece apenas com mulheres
35. casadas com homens de Deus mas, acima de tudo, com as que são casadas com homens
36. que ainda não são de Deus. Um marido que não é da fé precisa muito da ajuda de sua
37. esposa convertida, pois ela será um instrumento nas mãos de Deus para levá-lo à
38. salvação.
39. Prezada amiga, seja sábia. Faça o seu papel e se encaixará perfeitamente no plano que
40. Deus fez para você!

ANEXO 17 - Há limitações para a submissão?

1. Se o seu marido não lhe permite ter amigos, você deve simplesmente se submeter a essa
2. imposição? Se ele vive lhe pedindo para fazer um empréstimo, mas nunca ajuda a pagá-
3. lo, você tem que se sujeitar a esse transtorno? Se o seu marido a fere fisicamente, obriga
4. você a trabalhar e a fazer todo o serviço doméstico, ainda assim, você tem que se
5. submeter? Se ele obriga você a ficar sozinha no quarto todas as vezes que recebe os
6. amigos em casa simplesmente porque ele não quer que os veja, você tem que aceitar?"
7. Essas perguntas me foram enviadas por uma mulher que parece ser uma esposa muito
8. triste e frustrada. Devido ao grande número de e-mails semelhantes, fico me
9. perguntando até que ponto uma esposa deve se sujeitar ao marido. Creio ser este o
10. momento de escrever algo sobre o assunto.
11. Submeter-se ao marido é uma tarefa quase sempre muito difícil, especialmente se ele
12. não se parecer em nada com o nosso Senhor Jesus. Porém, um marido incrédulo, ou
13. seja, não cristão, precisa que sua mulher seja cristã o bastante para que, no fim, ele
14. próprio se torne um homem de Deus. É preciso que ele veja algo na esposa que seja
15. diferente de todas as outras mulheres no mundo. Que diferença é essa? Seria o amor
16. dela? Creio que não, pois muitas mulheres até morreriam por amor. Que tal a sua beleza?
17. Ou sua amizade? Também não. Isso qualquer uma pode oferecer! A diferença está na
18. submissão. Na realidade, nenhuma mulher no mundo consegue ser submissa a menos
19. que viva segundo a Palavra de Deus. Ora, isso não significa que a esposa deva se
20. submeter a ponto de se magoar, perder sua fé ou, até mesmo, destruir o próprio marido.
21. Há limites quanto à submissão da esposa em relação ao seu marido – e assim digo não
22. para ir contra a Palavra de Deus, mas para aplicá-la na íntegra. Leia mais:
23. Deus nunca disse que as esposas devem ser tratadas como escravas e jamais depreciou
24. os seres humanos. Ele não é um Deus cruel que deseja que façamos algo para nos
25. machucar ou morrer. Temos que conhecê-Lo para que possamos entender a Sua Palavra.
26. Ele criou a mulher para ser a auxiliadora do homem. Se o seu marido a fere fisicamente,
27. é seu dever ajudá-lo buscando conselho profissional – o que pode significar apresentá-
28. lo à polícia se notar que sua vida está ou esteve em risco. Pode até parecer que agindo
29. desta forma o estará prejudicando, mas, na verdade, isto vai ajudá-lo a mudar. Imagine,
30. por um instante, que você não queira buscar ajuda profissional e ele continue agredindo-
31. a até que, um dia, a mate. Não seria isso muito pior? Imagine agora que ele não trabalha
32. e você é forçada a sustentar a casa. Veja bem que, se ele não estiver trabalhando por

33. causa de uma situação que está fora do controle dele, então, é seu dever ajudá-lo da
34. forma que puder. Contudo, se ele não estiver trabalhando por mero comodismo, você
35. não o estará ajudando em nada ao pagar as contas e prover o sustento da família. Ou
36. estará? Pare com esse absurdo! Deixe que a brevidade dos recursos dele coloquem-no
37. numa inevitável e desesperadora situação que o force a procurar trabalho. Temos que
38. nos submeter, mas não devemos ser tolas a ponto de destruímos os nossos maridos ou
39. a nossa fé em Deus. Submeta-se apenas se for para ajudar; caso contrário, sua submissão
40. pode destruir tudo por completo.

ANEXO 18 - A base do seu casamento

1. Manter uma relação íntima com alguém significa compartilhar tudo o que você é com
2. essa pessoa. É mais do que apenas uma relação física - é se entregar totalmente a alguém.
3. Esse tipo de relacionamento é essencial no casamento e nunca deve ser menosprezado.
4. É triste ouvir que casais devidamente casados, e na igreja, não desfrutam plenamente
5. dessa área do casamento. Devo enfatizar a importância dessa intimidade no casamento,
6. pois se trata da base. Se não estiver indo bem, nada mais no seu casamento irá bem. A
7. união e a amizade entre homem e mulher dependem muito do quanto eles são íntimos.
8. Algumas mulheres pensam que esse assunto é irrelevante e da "carne". Fico imaginando
9. de onde elas tiraram essa ideia, visto que a Bíblia encoraja a intimidade física em 1
10. Coríntios 7:4,5: "A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e
11. também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a
12. mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum
13. tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não
14. vos tente por causa da incontinência."
15. A intimidade física com o seu marido é algo que Deus criou a fim de que vocês dois se
16. tornem um. Deus não teria criado algo mau ou carnal, teria? Quando essa área da vida
17. do casal está bem ativa, o casamento é de fato uma bênção. Tanto o marido como a
18. esposa se sentem mais unidos um ao outro, avivando o casamento em vez de cair na
19. rotina. Quaisquer problemas ou questões que surjam podem ser superados por causa do
20. forte vínculo entre os dois. Eles acordam pela manhã prontos para mais um dia. Ambos
21. não veem a hora de se encontrarem novamente e, quanto mais idade tem, mais unidos
22. ficam - ao contrário do que muitos pensam! Um só tem olhos para o outro, pois vivem
23. uma vida plena.
24. Quando a esposa é sábia e entende a importância da intimidade no casamento, nunca
25. está cansada ou ocupada demais para o seu marido. Pelo contrário, ela se prepara para
26. esse momento especial com ele, tornando essa ocasião um momento muito esperado
27. todos os dias. Quanto mais eles se conhecem, mais ligados fica um ao outro, fazendo
28. com que seja quase impossível que algo ou alguém interfira em sua relação.
29. O marido que é realizado no seu casamento será realizado em qualquer outra área de
30. sua vida. Porém, o contrário também é verdadeiro. Os maridos que não são realizados
31. nessa área são muito frustrados e se tornam presas fáceis para as tentações do diabo.
32. Esforce-se para ser bem-sucedida no seu casamento, dando o melhor que você tem.

33. Afinal, se a vida íntima é a base do seu casamento, deve ser imaculada. "Digno de honra
34. entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula" (Hebreus 13:4).

ANEXO 19 - Erros típicos dela

1. Deixar de ser uma mulher solteira e independente para ser uma esposa, não é tão fácil
 2. quanto parece. Muitas mulheres mal podem esperar pelo dia em que irão vestir aquele
 3. longo vestido branco e serem vistas como a noiva mais bonita que já existiu. Porém,
 4. casamento é muito mais do que um lindo vestido branco ou ter alguém para lhe fazer
 5. companhia ao chegar à casa. O casamento é uma aliança que não pode ser quebrada e
 6. deve durar até o dia em que você morrer. Tenho visto muitos jovens casais lutando para
 7. mantê-lo, como se o sonho de um casamento feliz ainda estivesse para se realizar na
 8. vida deles.

9. Sendo assim, gostaria de listar oito erros típicos que toda esposa deveria evitar:

10. **1. A Catarina crítica**

11. Muitas esposas gostam de criticar seus maridos. Ainda que elas tenham o intuito de
 12. ajudá-los, não é assim que eles encaram a situação. Os homens tendem a se sentir
 13. inferiores quando são criticados por suas esposas. O oposto funciona muito mais – se
 14. você o elogiar de vez em quando, seu próprio ego o levará a fazer coisas que ele jamais
 15. pensou que poderia. É assim que a mulher levanta o seu marido.

16. **2. A Paula preguiçosa**

17. Esse tipo de esposa não simpatiza com os afazeres da casa. Ela detesta se sentir como
 18. uma empregada doméstica; por isso, não faz nada dentro de casa. Uma boa dona-de
 19. casa não vai exigir que o seu marido faça o que ela deveria fazer. Imagine se o marido
 20. decidisse exigir dela o sustento da família? É bem verdade que muitas esposas trabalham
 21. para ajudar seus maridos mas, ainda assim, é delas a responsabilidade de manter a casa
 22. limpa, a comida na mesa, as roupas limpas e passadas e, no fim do dia, ainda ter uma
 23. vida íntima ativa. Há muitos homens que acabam abandonando suas esposas porque
 24. encontram em outras mulheres aquilo que suas esposas falham em lhes oferecer.

25. **3. A Sara sentimental**

26. Todo marido precisa de uma esposa que seja forte. Alguém que esteja pronta para
 27. qualquer situação, que passa por problemas mas, ainda assim, é a mesma de quando
 28. tudo estava bem. Mulheres que são muito sentimentais fazem os seus maridos se
 29. sentirem sozinhos e frustrados. Elas choram por qualquer motivo. Se são repreendidas,
 30. parecem o Rio Amazonas a transbordar... Seus maridos as tratam como se fossem um
 31. cristal, carregando sobre os próprios ombros todo o peso da responsabilidade.

32. **4. A Tatiana temperamental**

33. Esse tipo de mulher é como a onda do mar: Uma hora está lá em cima, outra hora está
34. lá embaixo; uma hora está indo para direita, outra hora está indo para esquerda. A
35. convivência é difícil porque você nunca sabe como ela está se sentindo. Seu humor
36. variado afasta o seu marido. Quando ele pensa nela durante o dia, ao invés de imaginar
37. como seria bom tê-la ao seu lado naquele momento, pensa no que pode fazer depois do
38. trabalho para que não tenha que voltar para casa muito cedo.

39. **5. A Cláudia ciumenta**

40. Esta tem ciúme de tudo e de todos que se aproximam de seu marido – até dos próprios
41. pais dele. A mulher que tem ciúme do marido é insegura e, disso, nenhum homem gosta.
42. Como falamos anteriormente, os homens gostam de ter ao seu lado esposas que são
43. fortes, seguras o suficiente para passarem por qualquer situação e ainda estarem firmes
44. no final do dia. A mulher deve cuidar do seu marido, mas não pode chegar ao ponto de
45. ter esse sentimento pecaminoso chamado ciúme.

46. **6. A Zélia zangada**

47. É uma mulher constantemente irritada, que perde a paciência por qualquer coisa,
48. fazendo com que todos ao seu redor se sintam desconfortáveis. Como diz a Bíblia:
49. "Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda" (Provérbios
50. 21:19). Ela pensa que as pessoas não a compreendem. O que ela não sabe é que o
51. problema não está nos outros, mas nela mesma.

52. **7. A Ivone independente**

53. Acha que só precisa do marido para cumprir formalidades sociais, pois causará uma boa
54. impressão estando ao lado de um homem. Sua vida é um mistério para ele, que sempre
55. se pergunta o porquê caiu nesta cilada. O casamento é uma união de mentes, de desejos,
56. de ideias, etc. E quando um dos cônjuges não entende que os dois se tornaram um só
57. corpo, dificilmente serão felizes.

58. **8. A Ofélia ocupada**

59. É aquela esposa que nunca tem tempo para cuidar das coisas do marido. Algumas se
60. tornam tão atarefadas com o seu trabalho e com os filhos que acabam colocando o
61. casamento em segundo plano. Como uma mulher pode estar tão ocupada que não lhe
62. sobre tempo para cuidar da área mais importante de sua vida? Como seus filhos serão
63. felizes e satisfeitos se os seus pais são separados? Como pode querer ser bem-sucedida
64. e rica, porém sozinha? Qual é o sentido de suas obras de caridade se ela negligencia o
65. próprio marido? Muitas esposas sofrem por causa dos próprios erros. Se tão-somente

66. mudassem seu comportamento e atitudes, veriam o seu casamento florescer.
67. Orar não é o suficiente! É preciso também agir com sabedoria. Há muitos homens que
68. hoje frequentam a igreja e estão salvos por causa da mudança de comportamento de suas
69. esposas em casa. É como diz aquele famoso versículo da Bíblia: "Mulheres, sede vós,
70. igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à
71. palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa." (1
72. Pedro 3:1)

ANEXO 20 - A casa dos sonhos

1. Pense na loja mais famosa e sofisticada que você conhece. Agora pense naquela loja
2. menos conhecida e não tão sofisticada. Além do preço, que outras diferenças existem
3. entre elas? Muitas famílias tiram o dia para visitar lojas famosas. Um simples presente
4. de uma dessas lojas é capaz de agradar a qualquer pessoa. Um comentam, outras
5. invejam... E, a cada dia que passa, elas ficam ainda mais famosas.
6. Uma bela casa é como essa loja sofisticada e famosa. Você tem prazer em voltar para
7. ela no final de um dia cansativo de trabalho. Tem momentos em que até prefere ficar
8. em casa em vez de jantar fora. Quando sai, você dá uma última olhadinha para trás só
9. para admirá-la. Você sabe onde está cada coisa, pois essa é a sua casa, o seu próprio
10. espaço, o seu esconderijo num mundo tão louco.
11. É raro encontrar uma casa assim nos dias de hoje. Muitos proprietários têm sérios
12. problemas quando terminam os contratos. As crianças fazem qualquer coisa para
13. dormirem na casa dos coleguinhas. Os adolescentes mal podem esperar para saírem de
14. casa. Os maridos, mesmo cansados, ainda encontram forças para saírem do trabalho e
15. irem direto para um bar ou botequim, e as esposas não suportam ficar em casa o dia
16. todo. Assim, muitas famílias entram e saem todos os dias dessa casa não tão bonita e
17. não tão aconchegante.
18. O segredo de uma casa bela e agradável (além da presença de Deus) não pode ser
19. encontrado em artigos sobre casa e decoração. É algo muito básico, simples e, muitas
20. vezes, não tão agradável de se fazer. Estou falando de limpeza. Pense novamente nas
21. duas lojas do início e você verá que:
22. 1. A loja bonita é limpa e organizada, enquanto a outra é um tanto suja.
23. 2. A loja bonita é bem decorada, enquanto a outra não tem atrativo algum.
24. 3. A loja bonita arrasta você para dentro, ainda que não tenha dinheiro, enquanto a outra
25. faz você até desviar o olhar.
26. Talvez você pergunte: "Por que ela é limpa?" Bem, qualquer coisa limpa e organizada
27. chama a nossa atenção, não é mesmo? Em determinadas ruas nos sentimos inspiradas
28. para tirar fotos; em outras, porém, sentimos uma enorme vontade de pegar o primeiro
29. ônibus que aparecer e ir embora o mais rápido possível!
30. "Por que é decorada?" A decoração revela a especialidade da loja, nos dando uma ideia
31. das coisas bonitas que podemos encontrar nela.
32. "Por que ela nos atrai?" Porque beleza ainda atrai muita gente.

33. Se a limpeza é tão importante nas ruas e nos lugares que frequentamos, o que não dizer
34. de nossas casas?
35. Muitas famílias planejam as suas finanças em torno do sonho da casa própria. Contudo,
36. mesmo quando a conquistam, não conseguem ver a casa dos seus sonhos. Possuem a
37. melhor casa, moram na melhor vizinhança, têm a melhor mobília, porém não possuem
38. uma casa aconchegante e agradável que tanto desejaram. Por quê? Simplesmente porque
39. não acham que a limpeza seja importante.
40. A boa dona-de-casa mantém a sua casa limpa e organizada diariamente, certificando-se
41. de que a mesma esteja aconchegante para quando a sua família chegar. Os seus filhos
42. têm prazer em convidar os amigos. As pessoas gostam de visitá-la. A sua casa é o seu
43. retrato – linda, adorável! Afinal, não é este o seu papel?